

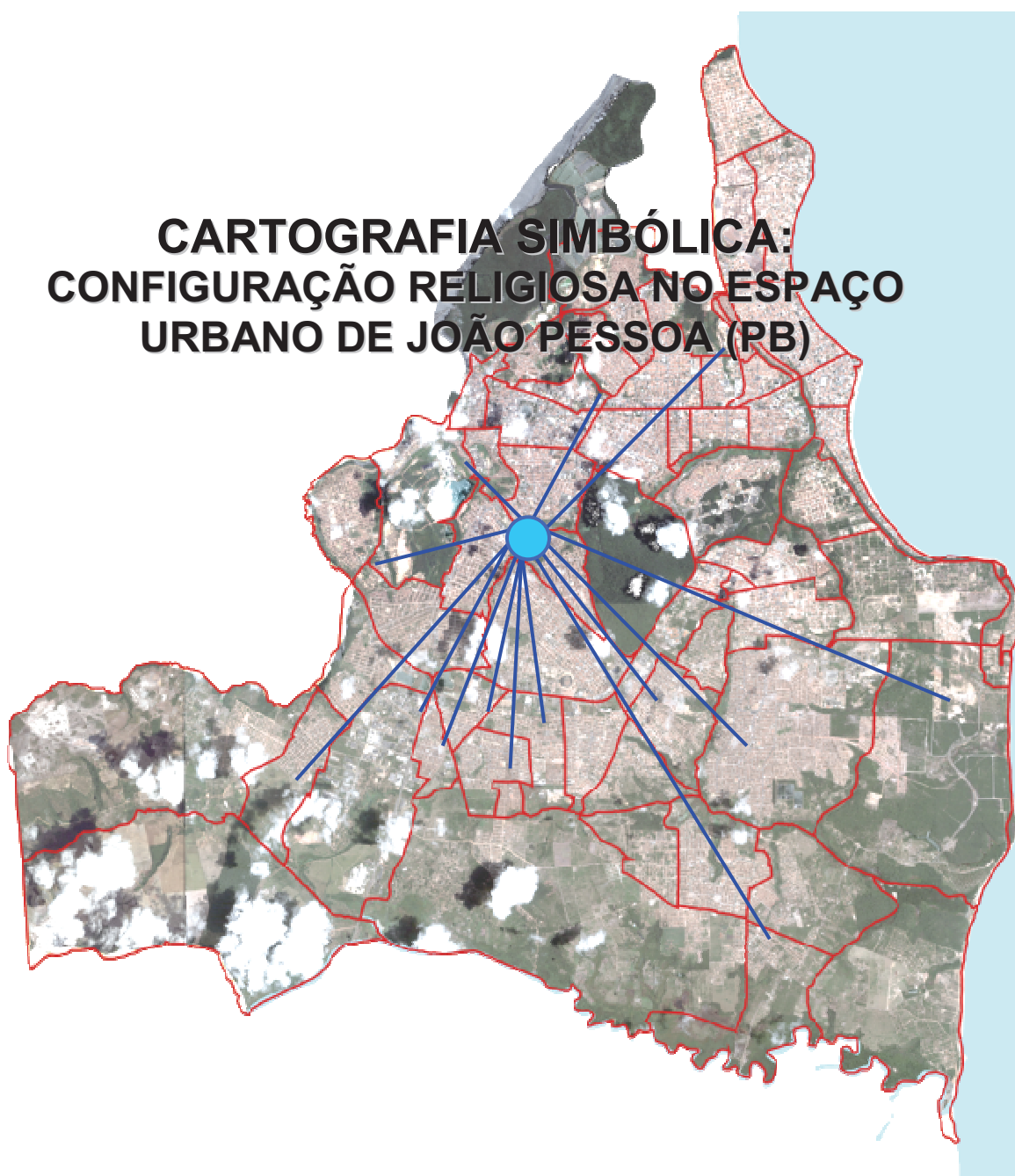


**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**



Niedja de Almeida Brito Lemos

**CARTOGRAFIA SIMBÓLICA:
CONFIGURAÇÃO RELIGIOSA NO ESPAÇO
URBANO DE JOÃO PESSOA (PB)**



**João Pessoa
2010**

NIEDJA DE ALMEIDA BRITO LEMOS

**Cartografia Simbólica: Configuração Religiosa no
Espaço Urbano de João Pessoa (PB)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Maristela Oliveira de Andrade

**JOÃO PESSOA - PB
2010**

L557c Lemos, Niedja de Almeida Brito.

Cartografia simbólica: configuração religiosa no espaço urbano de João Pessoa
(PB) / Niedja de Almeida Brito Lemos. -- João Pessoa: [s.n.], 2010.

111 f. : il.

Orientadora: Maristela Oliveira de Andrade .

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE.

*1.Ciências das Religiões. 2.Antropologia urbana.
3.Dinâmica religiosa. 4.Cartografia simbólica. 5.Urbanidade .*

UFPB/BC

CDU:279.224

(043)

NIEDJA DE ALMEIDA BRITO LEMOS

**Cartografia Simbólica: Configuração Religiosa no
Espaço Urbano de João Pessoa (PB)**

João Pessoa, 21 de junho de 2010

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maristela Oliveira de Andrade / UFPB
Orientadora

Prof^a Dr^a Maria Patrícia Lopes Goldfarb (UFPB)
Membro Interno

Prof^a Dr^a Maria Lúcia Bastos Alves (UFRN)
Membro Externo-PPGCR/UFRN

Prof^a Dr^a Flávia Ferreira Pires (UFRN)
Suplente

Uma das características da cultura pós-moderna
é a atenção dada ao espaço e a particularização dos espaços.
A análise dos fenômenos e das representações sociais pode, pois,
se beneficiar da ciência (ou da arte?)
que nos tem ensinado a ver o espaço:
a cartografia.

Boaventura Sousa Santos

Agradecimentos

Se fosse possível agradecer a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, provavelmente, duplicaria o número de páginas, assim sendo, destacar aqueles diretamente envolvidos, acabou sendo uma das tarefas mais delicadas a serem realizadas. Entre eles:

A Energia criadora do Universo que também se manifesta dentro do ser humano fazendo-o realizar seus sonhos;

Maristela Oliveira, mais que orientadora foi amiga. Com sabedoria, vislumbrou percursos a serem seguidos, dentro de um universo de possibilidades, transmitindo a arte do saber buscá-los;

Flavia Pires e Patrícia Goldfarb, examinadoras da pré-banca, pela dedicação com que avaliaram esse trabalho, orientando para novas perspectivas, expresse o privilégio de tê-las nessa empreitada;

Maria Lúcia Alves, professora convidada, pela disponibilidade em participar desse significativo momento acadêmico;

Professores do PPGCR / UFPB, especialmente, Neide Miele, Danielle Pitta, Carlos André Cavalcanti, Fabrício Possebon, Filomena Balestieri, Maria Otília, Ana Coutinho, João Azevedo, Maristela Oliveira, Ednalva Maciel, Lusival Bacellos, Flávia Pires, Patrícia Goldfarb, Eunice Simões e funcionários, Maria e David. **Obrigada !!!**

Amigos de turma do mestrado. Maria José Holmes, Patrícia Duarte, Edilmo Vieira, Rosângela Xavier, Shirley de Souza Silva, Maria dos Prazeres dos Santos, Rita de Cássia de Carvalho, Waldemar Esmeraldino Filho, Michael Seymour Alves, Lia Haikal, Vicente Gayoso, Benedita Aguiar, Daniel Ferreira da Silva, Suzana Leandro de Melo, Eduardo Paiva Galvão, Valdir de Lima Silva, Hindemburgo de Carvalho, Saulo Duarte. Em especial aos mais próximos: Eline Campos, Vânia Lucena, Hugo Espínola, Maria Rodrigues, Manoel Wellington Assis, Gilvandro Estevam. **Valeu !!!**

À comunidade da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, em especial ao grupo de Mangabeira I, pela cordialidade com que nos receberam e confiança demonstrada quando do contato com seu patrimônio simbólico;

A todos que disponibilizaram seu tempo fornecendo informações e documentos necessários à elaboração desse trabalho;

Minha família, pilares para superação de inúmeros obstáculos. Meu filho Artur, maior sonho realizado; Maria e Zeza pela dedicação; Pilatti (Neno), companheiro e incentivador, com paciência e carinho teve uma parcela preponderante nessa empreitada.

Amigos da SEPLAN/PMJP, pelo apoio e torcida. Especialmente, aos da Diretoria de Geoprocessamento cujo apoio e compreensão possibilitaram a conclusão desse trabalho;

Aos amigos de jornada e ideais... minha família espiritual, imprescindível nessa caminhada;

Por fim, todos aqueles, que mesmo não mencionados, tiveram sua parcela de contribuição para o resultado alcançado. Mas também àqueles que, com legítimos motivos, se omitiram, contribuindo, de forma indireta, para que chegássemos ao objetivo através do árduo caminho da aceitação e busca de superação das dificuldades.

Dedicatória

Para Artur, aquele que trafega os limites de meu ser
através da cartografia do amor. Dedico.

O espaço urbano é representado através de uma multiplicidade de imagens, podendo ser observado a partir do panorama diversificado de visões próprio da contemporaneidade, dentre elas, a produzida pela dinâmica religiosa. Nesse sentido, essa pesquisa buscou mapear aspectos do fenômeno religioso na cidade de João Pessoa (PB), a partir da configuração de seus bens simbólicos no espaço urbano. Tem como metodologia a identificação e análise da implantação de locais de práticas religiosas, utilizando recursos disponibilizados pelas técnicas do Geoprocessamento, combinando Ciências Tecnológicas à metodologia de análise do espaço, construída dentro das Ciências Sociais, através da elaboração de cartografia simbólica. Como resultado da pesquisa, foram produzidos mapas temáticos da distribuição dos espaços de práticas religiosas na cidade, e, do bairro, com maior concentração desses espaços. Com base na observação sistemática e participação em práticas dentro da Igreja Evangélica Assembléia de Deus/Missões, espaço escolhido para realização da cartografia simbólica, identificamos uma dinâmica interna em torno de preceitos doutrinários, criando uma rede de relações sociais cujo mapeamento desenha trajetos configurando um perímetro religioso dentro da cidade.

Palavras chave:

Antropologia urbana. Dinâmica religiosa. Cartografia simbólica. Urbanidade.

The urban space is represented by the multiplicity of images, which can be observed as from the diversified panorama of the views, typical of contemporaneity, among which the one produced by the religious dynamics. In this sense, this research aimed at mapping aspects of the religious phenomenon in the city of João Pessoa (PB) as from the configuration of its symbolic effects in the urban space. The methodology used is the identification and the analysis of the implantation of religious practice places, utilizing resources made available by Geoprocessing Techniques, combining Technological Sciences with the space analysis methodology built up within the Social Sciences, throughout the elaboration of symbolic cartography. As a result of the research, we produced thematic maps of distribution of the religious practice spaces in the city of João Pessoa and the borough with concentration of such spaces. Based upon the systematic observation and participation in practices within the Evangelical Church God's Assembly/missions, the space chosen to accomplish the symbolic cartography, we identify an internal dynamics around the doctrinal precepts creating a web of social relationships, the mapping of which designs trajectories configuring a religious parameter within the city.

Key words:

Urban anthropology. Religious dynamics. Symbolic cartography. Urbanity.

Lista de figuras

Figura 01 – As viagens missionárias do Apóstolo Paulo.	37
Figura 02 – Presença das estruturas segundo a IIGD no Brasil.	38
Figura 03 – Mapa <i>Mundi</i> .	48
Figura 04 – Espacialização das Igrejas Católicas – Século XIX.	57
Figura 05 – Fases do crescimento espacial urbano da cidade de João Pessoa.	61
Figura 06 – Setorização espacial das diferentes classes sociais.	62
Figura 07 – Planta esquemática da IEAD – Mangabeira I	99

Lista de fotos

Foto 01- Igreja Matriz e Igreja São Bento.	58
Foto 02- Igreja da Misericórdia	58
Foto 03- Igreja do Rosário	58
Foto 04- Igreja das Mercês .	58
Foto 05- Demolições para a abertura para a Praça Vidal de Negreiros.	60
Foto 06 e Foto 07- Lanchonetes e barzinhos localizados na Avenida CAFR.	80
Foto 08- Praça Ellen Lucy.	81
Foto 09 e Foto 10- Comemoração do Dia de Santa Luzia	81
Foto 11 a 24- Espaços de práticas religiosas na Avenida CAFR.	82
Foto 25 a 28- Apelos e ofertas de serviços religiosos nas fachadas	85
Foto 29- Igreja Evangélica da Assembléia de Deus - Mangabeira e Jaguaribe	94
Foto 30- Igreja Evangélica da Assembléia de Deus – Jaguaribe	94
Foto 31- Fiéis na Avenida CAFR.	96
Foto 32- Loja de roupas para evangélicos	96
Foto 33- Fiéis no culto religioso	96
Foto 33- Fiéis no para evangélicos	96
Foto 35- Fiéis orando	98
Foto 36- Evangelização	98
Foto 37- Apresentação do coral dos jovens/solteiros	100
Foto 38- Pregação no Mercado Público	101
Foto 39- Distribuição de mensagens	101
Foto 40- Mensagem evangélica	101

Lista de mapas

Mapa 01 – Espacialização de Igrejas na cidade de João Pessoa.	64
Mapa 02 – Mapa de IDH de Mangabeira	75
Mapa 03 – Mapa de uso e ocupação do solo – bairro de Mangabeira	77
Mapa 04 – Mangabeira I – núcleo de concentração religiosa	79
Mapa 05 – Esquema da dinâmica da Igreja Evangélica	
Assembléia de Deus	102

Lista de quadros

Quadro 01 – Cidades sagradas.	35
Quadro 02 – Espacialização da dinâmica religiosa.	36
Quadro 03 – Crescimento populacional de João pessoa no período 1960-1980.	60
Quadro 04 – Crescimento populacional de João pessoa no período 1990-2007.	61
Quadro 05 – Implantação de instituições religiosas em João Pessoa- 2004/2008.	66
Quadro 06 – Crescimento populacional de João Pessoa e do bairro de Mangabeira.	69
Quadro 07 – Dez bairros destacados pelo nº de ocorrências de espaços de práticas religiosas.	70
Quadro 08 – ODM 2 – atingir o ensino básico universal	72
Quadro 09 – ODM 6 – combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças	73
Quadro 10 – ODM 1 – erradicar a extrema pobreza e a fome	73
Quadro 11 – Levantamento parcial dos espaços de práticas religiosas na Avenida CAFR	82
Quadro 12 – Identificação dos espaços de práticas religiosas na Avenida CAFR	83
Quadro 13 –. Folheto distribuído na Comunidade Cristã Paz e Vida	84
Quadro 14 –Organização dos templos da IEAD por setores	103

Lista de siglas

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.
CAD – Computer Aided Design.
CAFR- Comerciante Alfredo Ferreira da Rocha.
CCPV – Comunidade Cristã Paz e Vida.
CEM – Centro de Estudo da Metrópole.
COMADEP – Convenção de Ministros da Assembléia de Deus no Est. da PB.
DIGEOC – Departamento de Geoprocessamento e Cadastro.
GHVM – Grupo História Viva de Mangabeira.
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística.
IDEME – Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual.
IDH – Indicador de Desenvolvimento Humano.
IEAD- Igreja Evangélica Assembléia de Deus.
HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana.
IIGD – Igreja Internacional da Graça de Deus.
ODM – Objetivo do Milênio.
ONU – Organização das Nações Unidas.
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.
PMJP – Prefeitura Municipal de João Pessoa.
PPGCR – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.
RIT – Rede Internacional de Televisão.
SEPLAN – Secretaria de Planejamento.
SIG – Sistema de Informações Geográficas.
UDH – Unidade de Desenvolvimento Humano.

Lista de tabelas

Tabela 01 – Comparativo entre a Cartografia geog. e a Cartografia simbólica. 49

Tabela 02 - Uso e ocupação do solo - Mangabeira. 78

Sumário

	PÁG.
Folha de rosto/ Ficha catalográfica	i
Folha de aprovação	ii
Epígrafe	iii
Agradecimento	iv
Dedicatória	v
Resumo	vi
Abstract	vii
Lista de figuras	viii
Lista de fotos	ix
Lista de mapas	x
Lista de quadros	xi
Lista de siglas/ Lista de tabelas	xii
Sumário	xiii

Introdução	14
Capítulo I – Reflexões sobre religiosidade e espaço urbano	21
1.1. O fenômeno religioso e a ordem social	21
1.2. Espaço urbano e a dimensão religiosa, novas urbanidades	27
1.3. Representações simbólicas da religiosidade na paisagem urbana	31
Capítulo II – Metodologias para leitura do ambiente urbano	39
2.1. A cartografia enquanto síntese de uma realidade cultural	39
2.2. O geoprocessamento enquanto técnica metodológica	42
2.3. A cartografia simbólica enquanto metodologia de análise da dinâmica social	47
2.4. O percurso metodológico da pesquisa	53
Capítulo III – Mapeamento do espaço religioso na cidade de J. Pessoa (PB)	56
3.1. Expansão urbana e dinâmica religiosa	56
3.2. Pluralidade religiosa e seu núcleo de concentração	66
3.3. Mangabeira: maior ocorrência de espaços religiosos	68
3.4. A rua como objeto de análise	77
Capítulo IV – A Igreja Evangélica Assembléia de Deus mapeada	87
4.1. A implantação da Igreja Evangélica Assembléia de Deus	87
4.2. As relações sociais e a ordem espacial	89
Considerações	105
Referências	107

Introdução

Sabemos que as cidades, na atualidade, são representadas, em escala planetária, pela imagem da imensidão, da multiplicidade e do fragmentário, algo em constante estado de mutação. De certa maneira, caótica, mas ao mesmo tempo repleta de possibilidades, um objeto dual, dessa forma, não podendo restringir a análise de seu espaço apenas pelo que é visível. Existe ali uma subjetividade que extrapola seu aspecto físico, solicitando que seja desvendado através da decodificação dos signos constituídos pelo cotidiano das pessoas que ali estão.

Compreender a cidade, a partir da produção cultural da sociedade, as regras estabelecidas para modelar seu modo de vida, suas crenças e relações pessoais pareceu um desafio por demais instigante. Nessa linha de pensamento, as considerações levantadas em lugar de satisfazer uma inquietude, visando compreender algo com tamanha complexidade, aguçaram mais ainda minha curiosidade.

Ao longo de minha atuação profissional enquanto Arquiteta e Urbanista, tenho voltado minha experiência profissional, prioritariamente, para a análise e planejamento dos espaços físicos das cidades, a partir dos valores estruturantes da sociedade que a compõe. Valores geralmente ligados à forma como essas sociedades se organizam em torno de um arcabouço de crenças e valores sociais, contribuindo para delinear o perfil da mesma.

Junto a isso, uma inquietação persistia a todo o momento: em função desses fatores, qual a configuração de nossas cidades hoje? Como identificá-las? Levar em consideração apenas o que é visível? E o que fazer e como entender uma série de fatores que vão além das fronteiras daquilo que é visível?

A fim de desvendar esse novo universo, foi importante realizar uma nova trajetória acadêmica, desta vez trilhando o caminho disponibilizado pelo conteúdo acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões tendo em vista que, dentre dos institutos construídos pela sociedade, elegemos como objeto de análise para leitura dessa realidade a dimensão religiosa do ser humano.

Essa escolha não se deu por acaso, foi um aspecto que sempre mereceu destaque quando, ainda na graduação, estudávamos acerca da cidade, sua gênese e sua configuração ao longo do tempo. O aspecto religioso sempre esteve ombreado com o poder político dominante, e ambos sempre se apresentaram como elementos determinantes da morfologia urbana e em torno deles a vida urbana se desenvolvia. (BENÉVOLO, 2003).

O que observamos hoje com relação ao campo religioso? É notório no mundo contemporâneo uma intensa abertura de igrejas e o surgimento de diversos grupos religiosos, expandindo as fronteiras e o campo de atuação desses em várias direções. Os formatos dos grandes sistemas religiosos institucionais foram paulatinamente cedendo espaço para que outros aparecessem atendendo às necessidades e anseios de um novo modelo de sociedade. (SANCHEZ, 2005).

Distintas formas de expressões religiosas surgem no contexto do urbano, construindo um panorama de novas urbanidades onde os indivíduos buscam através da religião um sentido para a realidade em que se encontram. E, por sua vez, as necessidades inerentes a essa realidade condicionam o fenômeno religioso.

Para Rosendahl (2002), o Brasil apresenta essa relevância em função da miscigenação cultural, fruto dos vários processos migratórios, sendo necessário entender essa dinâmica e sua lógica “[...] seguindo as trilhas das formas que assumem no contexto urbano, resultando numa bricolagem de crenças e atividades das mais variadas origens.” (MAGNANI, 1999:07).

Nesse sentido, um dos principais desafios não apenas dos urbanistas, mas de todos aqueles que lidam com o espaço urbano, é transformar as cidades em lugares mais prazerosos para se viver, buscando alternativas que venham mitigar os impactos gerados pela forma com que se processa sua ocupação comprometendo a qualidade de vida de sua população.

A diversidade de fatos decorrentes desse encontro são os que legitimam a simultaneidade do espaço urbano, permitindo as pessoas opção de escolhas. É uma grande quantidade de atividades que ampliam as possibilidades do indivíduo na busca por uma qualidade de vida, sendo a religião uma das mais representativas, devido à solidariedade encontrada pelas interações estabelecidas pelos grupos religiosos.

A relevância atribuída à dimensão religiosa na sociedade se dá, segundo Durkheim (1989), pois através dela se processa uma articulação de rituais e

símbolos que têm o efeito de criar entre indivíduos afinidades sentimentais que constituem a base de classificações e representações coletivas.

Dentro desse contexto, as religiões se colocam como instrumento que permite a classificação e ressignificação do espaço social urbano e de suas regras de convivência.

A busca pelo sagrado, verificada em todos os períodos históricos da humanidade, corresponde à necessidade que a sociedade tem em obter significado para seu cotidiano, para a realidade na qual se encontra inserida. Na atualidade, é observada por uma expressiva efervescência e ressignificação do sagrado como busca de nova forma de ser e estar no mundo.

Trata-se de uma procura por valores que sirvam de modelo para esse novo contexto e, para Durkheim (1989), isso se explica tendo em vista ser a religião um sistema de crenças e práticas que constituem uma comunidade moral formada pelos seus integrantes. A moralidade ali estabelecida irá fornecer ao indivíduo princípios capazes de lhe propiciar estabilidade e continuidade. Um indivíduo sozinho não necessita de uma moralidade, mas para se socializar, no entanto, há uma moral coletiva à qual o indivíduo tende a se submeter, não importando qual seja a sua moral individual.

As cerimônias religiosas, para ele, por colocarem a coletividade em movimento para sua celebração, cumprem um papel importante, pois aproximam os indivíduos, multiplicam os contatos entre eles, torna-os mais íntimos e, por isso mesmo, o conteúdo das consciências muda. Importantes laços de solidariedade/familiaridade são criados auxiliando o enfrentamento dos desafios inerentes ao espaço urbano.

Nesse sentido, acreditamos em uma análise traçada no âmbito das Ciências das Religiões e da Ciência do Urbano, elegendo o fenômeno religioso como objeto de investigação devido sua influência no campo social, político e econômico, possibilita visualizar, de forma significativa, as atuais especificidades desse objeto e suas redes de interações.

Dessa forma, uma nova possibilidade nos foi apresentada, suscitando de maneira mais intensa a curiosidade investigativa, visando agora identificar como um objeto religioso a dimensão religiosa do ser humano, como se constrói e como se desenvolve no espaço urbano da atualidade, e os vínculos sociais que cria.

Nesse sentido, é fundamental procedermos a análise dos aspectos visíveis da vivência religiosa na cidade através da localização de seus templos/espços de práticas religiosas e sua estrutura organizacional, como também pelos seus aspectos mais intimistas relativo à dimensão emocional e a sociabilidade que é estabelecida entre os fiéis.

O espaço urbano, por ser tomado como um componente fundamental dos fenômenos sociais, é o recorte aqui escolhido, visando identificar as especificidades no campo religioso atual. Campo, hoje, configurado a partir de uma diversidade de visões de religiosidade, fruto de conflitos e diálogos gerados no cerne da sociedade.

Nesse sentido, o presente trabalho, associando recursos da tecnologia do Geoprocessamento (através do Sistema de Informações Geográficas-SIG) e das Ciências Sociais (através da observação participativa), elabora uma cartografia simbólica de uma igreja evangélica pentecostal, a partir de sua identificação e análise de sua relevância dentro da cidade de João Pessoa (PB).

Essa técnica contribuiu para que especificidades do objeto de pesquisa saíssem de uma abordagem mais ensaística para contar com um maior embasamento no campo do conhecimento empírico. Extrapola o ambiente físico e visível adentrando na organização dessa instituição social, compreendendo o universo de seus integrantes, as motivações e expectativas geradas dentro desse contexto religioso.

Trata-se de uma técnica de grande importância na atualidade por transcender a perspectiva cartesiana, em que se admite ser uma metáfora da mesma, possibilitando uma investigação dos fenômenos sociais. Vem sendo utilizada em centros de pesquisa de relevância, entre outros o Centro de Estudo da Metrópole (CEM) em São Paulo tendo como um de seus produtos o Mapa da Exclusão/Inclusão Social dessa cidade e o Núcleo de Antropologia da Universidade de São Paulo.

Nosso trabalho tem, também, como objetivo geral analisar aspectos da dinâmica religiosa na cidade de João Pessoa (PB), tendo por base sua ocupação territorial e práticas coletivas. Concorde com os conceitos teóricos levantados (Capítulo I) os quais refletem sobre uma dinâmica espacial que se constrói através de relações sociais decorrentes de práticas religiosas, constituindo um novo modelo de urbanidade.

Para isso, a coleta de dados foi dividida em duas etapas complementares, associando os avanços das Ciências Tecnológicas às Ciências Urbanas e Sociais. São modelos que se fundamentam em bases diferenciadas, produzindo resultados igualmente distintos, mas que associados se tornam de grande valia para a compreensão e síntese do objeto de análise.

No intuito de elaborar uma cartografia simbólica, foi necessário numa primeira etapa analisar o objeto em nível macro, auxiliado pelos recursos disponibilizados pela cartografia geográfica georeferenciada. Foi traçado um percurso metodológico da cidade para o bairro e desse até a rua, gerando o recorte estabelecido para pesquisa.

Num segundo momento, o objeto é analisado em nível do micro, através de uma investigação de caráter exploratório na rua identificada, como sendo a área com maior concentração de templos/espços de práticas religiosas. A Igreja Evangélica Assembléia de Deus-Mangabeira (IEAD) se sobressai nesse contexto, procedendo-se, a partir daí, uma análise de sua dinâmica religiosa tendo por base sua ocupação territorial e práticas na cidade de João Pessoa (PB).

Para a elaboração da cartografia simbólica, foi necessário atingir objetivos secundários, entre eles: Inventariar o número de igrejas e espços de práticas religiosas na cidade de João Pessoa (PB); Identificar o bairro com maior concentração de espços de práticas religiosas; Delimitar a área de maior concentração religiosa do bairro realizando um recorte na área mais representativa; Analisar a afiliação religiosa mais representativa, segundo os objetivos da pesquisa, da dinâmica religiosa na cidade.

Nesse contexto, essa pesquisa visa responder a seguinte questão:
Qual é a configuração da dinâmica religiosa em João Pessoa (PB)?

Sinteticamente a pergunta problema se desdobra:

1) Constrói uma cartografia geral, a partir da identificação das igrejas e espços de práticas religiosas na cidade. Analisa como essa dinâmica se espacializou no tecido urbano, desenhando uma rede de interações no tocante do macro.

2) Constrói uma cartografia específica, a partir de uma pesquisa empírica realizada junto à igreja cuja dinâmica de afiliação mostrou-se mais representativa dos objetivos buscados.

A pesquisa está estruturada em quatro capítulos e as considerações finais.

O Capítulo I está dividido em três seções. Na primeira, analisamos o fenômeno religioso enquanto elemento agregador das relações sociais, construtor de uma ordem social através da criação de laços de solidariedade entre seus membros. Na segunda, discorremos sobre o espaço urbano enquanto produção cultural de determinado período e a identificação dos valores sociais e a religiosidade de seus habitantes através de suas representações sociais. Na terceira, refletimos sobre o fenômeno religioso como um fato social inerente aos seres humanos tendo isso sido evidenciado desde a origem dos primeiros aglomerados urbanos. Estudamos, ainda, a apropriação do espaço da cidade por uma diversidade de comunidades religiosas, configurado como um estilo de urbanidade que se faz visível em seu espaço geográfico.

O Capítulo II está dividido em quatro seções. Na primeira, relata o uso de mapas, sua importância e evolução em vários períodos históricos. Na segunda, apresenta o geoprocessamento como procedimento adotado na aquisição, tratamento de dados e sua contribuição para diversas áreas do conhecimento. Na terceira, realiza uma abordagem sobre cartografia simbólica, a apropriação dos elementos da cartografia geográfica e sua contribuição para análise dos fatos sociais. Na quarta, apresenta a aplicação do esquema metodológico, a aquisição das informações necessárias para desenvolvimento do trabalho e quais procedimentos foram realizados durante a pesquisa.

O Capítulo III e IV constituem os capítulos empíricos da pesquisa. O Capítulo III está dividido em quatro seções: Na primeira, analisa a expansão urbana de João Pessoa, enfocando a reestruturação de sua antiga estrutura física conjuntamente com o processo de ruptura de padrões religiosos consolidados. Na segunda, através do Sistema de Informações Geográficas (SIG), realiza-se um inventário sobre a ocorrência dos templos e espaços de práticas religiosas na cidade de João Pessoa

(PB) visando identificar templos, igrejas e casas de orações nos diversos bairros da cidade. Na terceira, apresenta o bairro com maior numero de templos e casas de oração. Na quarta, descreve o procedimento para a escolha da área onde foi realizada uma pesquisada *in loco* visando à identificação da denominação religiosa a ser estudada.

O Capítulo IV está dividido em duas seções: 1) A implantação da Igreja Evangélica Assembléia de Deus; 2) As relações sociais e a ordem espacial.

Capítulo 1

Reflexões sobre religiosidade e espaço urbano

Nesse capítulo, trataremos inicialmente a dimensão da religião oriunda de uma ordem social e sua função enquanto elemento que condiciona a sociedade através de sua força moral. Sendo esse um dos aspectos dessa dimensão, reflete sobre a permanência do sagrado no contexto do processo de secularização, contradizendo as expectativas de sua extinção. Num segundo momento, contextualizaremos o atual momento histórico e de que forma a religião se insere no espaço e na vida urbana se transformando em novas formas de urbanidades. Na terceira seção, observando o aspecto mítico dessa realidade, analisaremos de que maneira se materializa no território através da espacialização de seus símbolos exteriores, os espaços de praticas religiosas.

1.1. O fenômeno religioso e a ordem social

Para o antropólogo Evans-Pritchard (1978), apesar de todo o avanço científico, o fenômeno religioso sobrevive e cresce, desafiando previsões que anteviram seu fim. Hoje, a grande maioria da humanidade professa alguma crença religiosa direta ou indiretamente e a Religião continua promovendo diversos movimentos humanos e mantendo estatutos políticos e sociais.

Alguns autores, entre eles Durkheim (1989) e Berger (1985), enfatizaram a idéia de que o fenômeno religioso encontra-se ligado em estruturas profundas. Embora com abordagens distintas em alguns pontos, dão ênfase às regras segundo as quais a religião é construída valorizando seu caráter sistêmico e autônomo em relação à sociedade.

Segundo Berger (1985), a religião ocupa um lugar de destaque na construção de um mundo possível, aceitável pela população tendo em vista que conduz e forma através de seu discurso uma ideologia acerca de uma realidade socialmente

construída, legitimando-a. O autor enfatiza a criação desse mundo tendo em vista que:

Como os outros mamíferos, o homem está em um mundo que precede o seu aparecimento. Mas à diferença dos outros mamíferos, este mundo não é simplesmente dado, pré-fabricado para ele. O homem precisa fazer um mundo para si (BERGER, 1985:18).

O mundo construído pela sociedade corresponde, segundo Berger (1985), à cultura formada a partir dos laços sociais decorrentes dessa construção em que a religião, através de seu discurso legitimador, validado por uma estrutura de plausibilidade, sustenta esse mundo.

Nesse sentido, vemos que a análise do fenômeno religioso, caracterizado enquanto expressão de comportamento instituído e compartilhado coletivamente, torna possível sua identificação e relevância através de “suas manifestações sócio-históricas, as religiões”. (Simmel apud Ribeiro, 2006:110-111).

A religião, aqui analisada como instituição, tem, portanto, a função de agregar os indivíduos à sociedade, servindo enquanto um instrumento de controle social, de manutenção da ordem.

Por outro lado, Evans-Pritchard (1978) questiona o fato de que sendo a religião um produto histórico e cultural¹, a mesma nunca pode ser examinada fora do seu contexto histórico, cultural e lingüístico. E embora muitos estudiosos tenham já se debruçado sobre o fenômeno religioso, há que se considerar que não é fácil dar uma definição exata sobre o que entendemos por religião.

Na análise de Durkheim (1996), a religião encontra-se erigida na própria natureza das coisas, dando sentido e significado. Se assim não fosse, logo a realidade faria uma oposição à qual a religião não resistiria. A natureza da religião indica que ela está muito mais afeta a explicar o que de comum e constante existe no mundo do que o que há de extraordinário.

O autor atribui à realidade superior como sendo Deus ou a Sociedade, admitindo serem a mesma coisa, uma vez que a religião se configura como sendo a adoração da sociedade transfigurada. Da mesma forma, é analisada por Berger ao

¹ Ou uma construção social.

afirmar que “a religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguida pelas sociedades empíricas”. (BERGER, 1985: 45).

A religião é considerada por Durkheim (1989) como uma “coisa social” cuja preocupação básica é estabelecer a diferença entre sagrado e profano². Tendo em vista que ela é um fenômeno coletivo, procura mostrar de forma concludente que não pode haver crenças morais coletivas que não sejam dotadas de um caráter sagrado.

Esse conceito deriva da concepção, dentro do dualismo cartesiano, de que a noção de sagrado é separada da noção do profano. Porém, o aspecto característico do fenômeno religioso é o fato de que ele pressupõe uma divisão do universo em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente.

Para o autor, há uma natural superioridade do sagrado em relação ao profano. É possível constatar que a participação na ordem sagrada, como o caso dos rituais ou cerimônias, confere um prestígio social especial a seus membros participantes, ilustrando uma das funções sociais da religião, uma vez que pode ser definida como um sistema unificado de crenças e de práticas relativas às coisas sagradas.

Segundo Durkheim (2001), o sagrado é o traço essencial dos fenômenos religiosos e se define por estar em oposição ao profano. Sagrado e profano fariam de dois mundos contrários, em torno dos quais gravita a vida religiosa. As coisas e seres sagrados, segundo ele, protegeriam o indivíduo e a comunidade das interdições. Já os seres e coisas profanas seriam os elementos submetidos às interdições e só entrariam em contato com os primeiros através de ritos prescritos pela crença que sustenta essa divisão do mundo.

Nesse sentido, a dualidade sagrado-profano faz da religião uma realidade intelectual e seus rituais fazem dela uma força moral, uma entidade que define limite entre o certo e o errado e os faz operar na medida em que recompensa quem está certo e pune quem está errado.

Este é um vértice no estudo da religiosidade que procura compreender a organização social, a partir de algumas categorias utilizadas como referenciais.

² O sagrado e o profano foram sempre e por toda a parte concebidos como gêneros separados, como dois mundos entre os quais nada há em comum.

Entre elas se observou através dessa pesquisa o lugar de destaque que ocupa a dimensão religiosa e os vínculos sociais criados, a partir das práticas realizadas pelos grupos inseridos nesse contexto.

Segundo Menezes (2000), trata-se de uma dinâmica interna capaz de dar diferentes classificações aos espaços onde as redes de relações são estabelecidas transformando seu significado. Pois, o espaço mesmo se constituindo como algo afuncional, a partir do uso que ali se desenvolve passa a ter funcionalidades simbolicamente demarcadas.

Fora de uma secular ordem social seria impossível se falar em religião, com suas crenças e cultos, sem essa ordem, no caos, não há produção abstrata de qualquer forma. De maneira que, com a progressiva aquisição do conhecimento, quer intuitivamente quer por institucionalização, podem os seres humanos na posse de novas informações abstrair e desenvolver sistemas eficazes de domínio de seus medos e inseguranças, relativos à realidade em que vivem.

A religião situa as instituições num quadro de referência sagrado e cósmico e essa cosmoficação, segundo Berger, se refere “não só às estruturas nômicas gerais mas às instituições e papéis específicos numa dada sociedade”, sendo apreendidos como um elo entre o mundo dos homens e o mundo dos deuses. (BERGER,1985:49).

Por esse prisma, distinguir sagrado de profano apenas por oposição da característica comum do primeiro ser referente à vida religiosa e o segundo à vida secular, apresenta-se insuficiente, pois o termo sagrado possui um alcance bem mais abrangente que o restritivo à esfera religiosa.

Do sagrado se ergueriam as crenças, os ritos e os símbolos que, ao mesmo tempo, seriam distinções para com os fenômenos profanos. Esses elementos renovariam e manteriam o sagrado através dos procedimentos e práticas no intuito de estabelecer relações de coordenação e submissão entre seus praticantes.

Nas “coisas” sagradas estariam as determinações do proibido e as crenças, ritos e símbolos³, conduziriam as consciências na formação de uma comunidade moral que, em última instância, se confunde com a própria sociedade já que o sagrado surge – e vincula-se sempre – a força coletiva e impessoal, sendo uma representação da própria sociedade.

³ Orientações e procedimentos.

A força coletiva impessoal se sobrepõe, assim, às consciências individuais, visto que tal como a sociedade, a religião só pode ser criação coletiva, pois não há “religião individual”⁴. Nesse sentido, submetendo-se à religião como uma força exterior que se impõe, os homens submetem-se assim à própria sociedade.

Segundo Durkheim (1989), a dimensão religiosa tende a unificar o povo numa comunidade moral, as instituições religiosas, por exemplo, num compartilhamento coletivo de crenças, essenciais ao desenvolvimento da religião. Dessa forma, o ritual pode ser considerado um mecanismo para reforçar a integração social. O autor conclui que a função substancial da religião é a criação, o reforço e manutenção da solidariedade social. Enquanto persistir a sociedade, persistirá a religião e seu poder de ordenamento social, independente dos valores intrínsecos a ela.

Assim, a dimensão religiosa da humanidade, enquanto instituição que dá o sentido e plausibilidade do todo social à medida que o legitima, não termina com a secularização, conforme abordado inicialmente, contrariando previsões que anteviram seu fim. Mas precisamente, ganha novas formas, tendências e atitudes, numa dinâmica em que, ao mesmo tempo em que se dilui sob determinado aspecto, renasce, ressurgir e se difunde com novos objetivos e necessidades. (PORTELLA, 2006).

Uma realidade analisada por Miele (2007:219) sob o ponto de vista que “a modernidade substituiu Deus pela Máquina e nada poderia nos fazer crer que na pós-modernidade, nesta era cibernética, tecnológica, globalizada e complexa em que vivemos fôssemos nos deparar com o ressurgimento do sagrado”.

Na verdade, conforme analisado por Sanchis (2001), trata-se do surgimento de um novo tipo de religiosidade versando em torno da razão e de um exacerbado que impera no espaço social contemporâneo, escapando ao controle efetivo dos aparelhos religiosos institucionalizados. Segundo o autor:

É a este universo, civilizacional e também religioso, que o homem contemporâneo, cansado, dirige dúvida e intento de relativização. Reemerge assim a “religião fundamental” nas suas formas mais elementares, como um fenômeno de sociedade, no

⁴ Particular (e se houver, não haverá a mínima importância, pois não afetará o comportamento coletivo).

bojo da pós-modernidade (ao mesmo tempo expressão exacerbada da modernidade e sua radical negação). (SANCHIS,2001:194).

Ao analisar conceitos de religião subjacentes nos textos dos autores abordados, observamos que os mesmos fazem parte de um importante corpo teórico que tem por objetivo compreender a dinâmica interna de grupos sociais, pesquisando o comportamento dos indivíduos inseridos nas mais diversas formas de organização social e suas representações.

Ao identificar a lógica interna e o comportamento social desses grupos, debruçou-se sobre algo que vai além da descrição dos fatos sociais, passam a identificar questões subjetivas a eles como, a saber, de que forma se estrutura a sociedade em que estão inseridos; seus valores e comportamentos; os símbolos que norteiam essa construção; de que forma os feixes de trocas sociais envolvidos nesse processo constroem essa sociedade e organizam o espaço em que habita.

Segundo Houtart (1994), a interpretação dos indicadores emergentes dos fatos produzidos pela sociedade, e que são visíveis, presta-se como instrumento que servirá para análise das coisas não visíveis no cerne dessa sociedade.

Nesse sentido, essa pesquisa se desenvolve, a partir da perspectiva de que o fenômeno religioso contribui para a construção do ser social e de uma ordem social simultaneamente. Desenvolve também a ideia de que o fenômeno religioso, no tempo em que produto de uma construção social é passível de ser identificado através de sua espacialização no espaço urbano, tendo em vista que a sociedade está diretamente vinculada à construção e ordenamento do espaço em que habita.

A análise do espaço urbano e as práticas realizadas, enquanto elementos exteriores da vida religiosa dentro desse novo modelo de religiosidade, definiram o modelo de pesquisa a ser seguido visando compreender a dinâmica religiosa em João Pessoa (PB).

1.2. Espaço urbano e a dimensão religiosa, novas urbanidades

No intuito de proverem sua existência, os seres humanos produzem simultaneamente não só sua história, conhecimento, estrutura social e política, mas também o espaço em que habitam. A produção do espaço, no entender de Carlos (2001), é vista como materialização formal das relações sociais existentes no cerne da sociedade, sendo passível de ser apreendida, entendida e aprofundada, na medida em que se tornam elementos visíveis das interações que a sociedade vivencia nos diversos momentos de seu processo histórico.

A configuração urbana reflete a presença de diferentes grupos presentes no seu contexto social, tendo seus espaços ocupados a partir da forma como são apropriados por esses grupos se transformando em urbanidades⁵. O entendimento do conjunto de valores e normas comportamentais expressos pelos grupos torna possível a compreensão desses espaços.

Cada época produz um determinado tipo de espaço distinto das épocas que lhe antecederam, coerente com a visão de que cada grupo social busca alternativas que atendam a seus anseios. Logo, segundo Carlos, “a paisagem urbana não é só produto da história como também reproduz a história, a concepção que o homem tem e teve do morar, do habitar, do trabalhar, do comer e do beber, enfim, do viver” (CARLOS, 2001: 38).

Portanto, a sociedade e o espaço, produzido por ela, não podem ser vistos de maneira desvinculada. Das relações estabelecidas entre os grupos sociais, se tem-se como produto o ambiente urbano, entre eles os vinculados à dimensão religiosa, fazendo-se presentes desde os primeiros núcleos urbanos da história da civilização.

A partir daí, o surgimento das cidades se deu de forma crescente e acelerada, culminando com o fenômeno da urbanização e, segundo Dias (2002: 20-21), “os seres humanos agora constituem uma espécie majoritariamente urbana” cujo

⁵ Por urbanidade, entende-se o conjunto de relações sociais decorrentes da construção técnica e espacial da cidade e de suas diferentes formas de apropriação. Nesse contexto, Sauer (1998), ao se debruçar sobre o estudo do espaço urbano, o define como produto de uma construção dialética realizada pelos grupos sociais que ali estão. A cidade se torna a materialização dos processos culturais produzidos pelas relações sociais ali estabelecidas. Segundo o autor, as pessoas constroem os espaços, mas também são diretamente influenciadas por ele.

processo de migração campo-cidade se deu, na maioria dos casos, sem que houvesse um modelo de gestão capaz de disciplinar a forma de ocupação do solo urbano, visando promover o bem estar da população envolvida.

A imagem representativa, que hoje se tem do ambiente urbano, demonstra que o espaço das cidades é construído de forma desigual e contraditória. A desigualdade espacial é produto da desigualdade social e isso está na base da sociedade estruturada em classes segregadas, com diferenciadas possibilidades de acesso aos meios de produção gerados pela própria sociedade, nesse caso, oriunda do profundo processo de mudanças implementado pelo período modernista.

A cidade se tornou a expressão mais complexa da vida social e, conseqüentemente, espaço onde uma série de contradições e conflitos são evidenciados, mas porque também não dizer, lugar onde representações criativas dos indivíduos se manifestam.

Na década de 1910, surge nos Estados Unidos a Escola de Chicago visando refletir sobre fenômenos sociológicos referentes ao do modo de vida inerente ao espaço urbano, muitas vezes identificado como “patologias sociais”. Entre os mais representativos dessa escola sociológica, Wirth (1979) e Simmel (1979) desenvolvem uma abordagem sobre as cidades desse período, a partir do comportamento através do qual os cidadãos urbanos são identificados entre si pelo que têm de comum: o modo de vida sofisticado, cosmopolita, intelectualizado.

Ao analisar o meio urbano, Wirth (1979) aponta para a necessidade “em apurar sua capacidade de moldar o caráter de vida à sua forma específica urbana”, num espaço densificado, heterogêneo e segmentado, responsável, por um estado de anomia ou vazio social ⁶ decorrente da desorganização social. (WIRTH, 1979: 94-101).

Nesse contexto, Durkheim (2001) aponta para a dimensão da força coercitiva que a religião, fato social aqui evidenciado, imprime sobre os indivíduos organizados em grupo, configurando um importante instrumento de organização social, tornando possível vislumbrar, através de suas representações, a identidade da alma coletiva.

⁶ Ao se ater sobre o que denominou “vazio social” o autor se refere ao superficialismo, o anonimato, e o caráter transitório das relações urbano-sociais estabelecendo um paralelo ao termo - anomia - usado por Durkheim.

Observamos que o crescimento das cidades se deu de maneira distinta nas diferentes regiões do planeta e refletem em cada uma delas peculiaridades em relação ao acesso aos bens de produção, ao sistema político, à realidade socioeconômica, cultural e no que tange aos diferentes aspectos religiosos.

A urbanização das cidades nos países desenvolvidos se deu de forma muito intensa, porém, de certa maneira, procurando equacionar as relações de seu contingente populacional e sua inserção no mercado de trabalho, visando promover o bem-estar social.

Já nos países em desenvolvimento, particularmente no Brasil e em outros países latinos americanos, o crescimento das cidades se processou de maneira diferente, caracterizando-se por uma realidade em que a desigualdade social existente produz uma pronunciada segregação de seu território e uma intensa exclusão social. De modo geral, essa realidade contribui de maneira significativa para a efervescência do campo religioso verificada na atualidade e a diversificação de suas instituições nesse espaço.

Dentro desse contexto, observamos, na atualidade, conforme nos aponta Sanchez (2005), uma realidade que se expressa através da transitoriedade e ruptura de antigos padrões comportamentais, tendo como resultante a dissolução dos antigos monopólios religiosos e uma nova construção, a partir de suas fragmentações. É uma realidade construída pela Modernidade na qual se verifica o surgimento de variadas formas de expressões de religiosidade, objeto dessa pesquisa, tendo em vista o processo de secularização desencadeado, em que “as várias esferas sociais ganham legalidade própria e passam a atuar independentemente”, configurando com novas formas de urbanidades. (SANCHEZ, 2005:30).

Nesse sentido, o ser humano, através do diálogo entre o processo de racionalização e subjetivação, apropria-se da dimensão da liberdade de escolha individual na busca de respostas para seus conflitos interiores em detrimento das instituições religiosas estabelecidas. Passa a ter autonomia de como interagir com o mundo, constrói-se enquanto um sujeito autônomo, livre e criativo, que procura respostas para sua vida cotidiana originando dessa maneira a pluralidade religiosa atual, caracterizada enquanto dimensão religiosa na contemporaneidade. (MARRAMAO, 1997:9-10).

O espaço do urbano, recorte aqui escolhido, visando analisar o fenômeno religioso se configura hoje por um pluralismo religioso, fruto da complexidade e dos conflitos gerados no cerne da sociedade, sendo o Brasil um dos países mais representativos. Para Rosendahl (2002), o país apresenta essa relevância em função da miscigenação cultural, decorrente de vários processos migratórios, sendo necessário entender essa dinâmica e sua lógica.

De acordo com Magnani (1999), essa compreensão é possível “[...] seguindo as trilhas das formas que assumem no contexto urbano, resultando numa bricolage de crenças e atividades das mais variadas origens.” (MAGNANI,1999:07). A aplicação da categoria de análise do espaço, criada pelo autor, evidencia a cidade como sendo um valioso objeto de análise, possibilitando identificar, através desse método, a organização espacial que o fenômeno religioso assume dentro desse contexto.

É possível afirmar que um dos principais problemas do espaço urbano na contemporaneidade está no seu crescimento não harmonizado e socialmente, segregado. Essa dinâmica gera nas cidades uma situação de desconforto e uma forma de apropriação de seu espaço de maneira conflituosa, sendo um dos principais desafios atuais transformar as cidades em lugares mais prazerosos para se viver, buscando alternativas que venham mitigar os impactos gerados pela forma com que se processa sua ocupação.

Dentro desse contexto, Durkheim (1989) aponta, como necessário ao entendimento do fenômeno religioso, a busca de sinais exteriores que permitam reconhecer, através deles, as características de sua dinâmica que estão em toda parte, dando-lhe uma identidade.

Nesse sentido, analisar o espaço urbano e sua representação religiosa através de sua forma concreta, seus templos e forma social, as práticas religiosas, se presta para entender um panorama de novas formas de urbanidades, através das quais a sociedade busca pela utilização de símbolos.

1.3. Representações simbólicas da religiosidade na paisagem urbana

O fenômeno religioso é reconhecidamente um fato social, tendo em vista o poder de coerção que a religião exerce dentro dos grupos sociais. Logo, com base nessa premissa, se torna objeto passível de ser investigado pela ciência e porque não dizer ter sua dinâmica religiosa identificada espacialmente.

O mapeamento dos fenômenos sociais são passíveis de serem realizado uma vez que, conforme analisado por Simmel:

O homem não termina com os limites de seu corpo ou a área que compreende sua atividade imediata. O âmbito da pessoa é antes constituído pela soma de efeitos que emana dela temporal e espacialmente. (GEORG SIMMEL, 1979:21).

Filoramo e Prandi (1999), dentro de uma perspectiva antropológica, consideram que o divino se manifesta através de práticas sociais onde são transmitidas orientações de como viver e se expressar no mundo, como a magia atinente a todas formas de crenças, e que “não pode ser observada isoladamente do contexto que a expressa”. (FILORAMO E PRANDI, 1999:204).

Nesse sentido, observamos que na antiguidade, a cidade representava o espaço que abrigava as famílias e as tribos que ali estavam constituindo a base da sociedade da época. Segundo Coulanges (sem data, p. 151-159), à medida que várias famílias da cidade resolviam ter um culto comum, fundava-se imediatamente uma urbe “para representar o santuário desse culto”. Nesse caso, cidade e urbe se distinguem por possuírem diferentes funções. O termo urbe designava o lugar de reunião, de aliança entre indivíduos em torno de uma crença, tornando-se, sobretudo, o lugar das práticas religiosas dessa sociedade, espaço onde se reuniam em adoração a uma divindade.

Na atualidade, em que os avanços tecnológicos e as descobertas científicas com base numa visão de mundo reducionista, própria do dualismo cartesiano, tiveram seus méritos inegáveis para a área do conhecimento, observamos que, não foram capazes, ainda, de solucionar conflitos sociais gerados pelo complexo modo de vida urbana, comprometendo a qualidade de vida da população.

Esse estilo de vida é perpassado por uma lógica com base na multiplicidade, na fragmentação, na desreferencialização que, com a aceitação de todos os estilos e estéticas, pretende a inclusão de diversas formas de expressões culturais, entre elas a dimensão religiosa. (MAFFESOLI: 2006).

Nesse contexto, observamos que a urbe continua sendo um local de aliança com o divino, tendo em vista que a busca pelas coisas relativas ao sagrado é observada na atualidade através de uma expressiva efervescência e ressignificação da dimensão religiosa.

Essa procura corresponde à necessidade inerente ao ser humano de obter significados para seu cotidiano, para a realidade na qual se encontra inserido, apresentando-se na atualidade de forma diversificada, com contornos distintos das épocas anteriores. Trata-se de uma procura por valores que sirvam de condutas para um novo contexto social, tendo em vista a religião configurar como um sistema de crenças e práticas coletivas que regulam uma comunidade. (DURKHEIM ,1989).

A religião torna-se dessa maneira uma experiência coletiva cuja moralidade ali estabelecida irá fornecer ao indivíduo princípios/diretrizes capazes de lhe garantir estabilidade e continuidade na comunidade em que se encontra. Um indivíduo sozinho não necessita de uma moralidade, mas para viver em sociedade, no entanto, há uma moral coletiva à qual ele tende a se submeter criando uma egrégora, não importando qual seja a sua moral individual.

Fica evidente que estamos hoje debruçados num século em que existe uma crescente tendência em se investigar o fenômeno religioso, tendo em vista a relevância que esse assunto é tratado em todas as esferas da sociedade.

Estudos recentes remetem a uma reordenação do sagrado dentro de uma lógica religiosa urbana enquanto condição necessária, pois diversas são as visões a respeito da crença na racionalidade que foram substituídas por novas formas de urbanidades. Sob diversos olhares estão relacionadas a aspectos da religiosidade como característica intrínseca aos seres humanos nos mais distintos períodos de sua história.

Segundo Simmel, no contexto do urbano, as pessoas são bombardeadas constantemente por forças externas. O ritmo frenético, a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, empresta um “caráter sofisticado” à vida, “numa quantidade e velocidade tão gigantesca que rigorosamente desnorteiam esse indivíduo”, comprometendo-o mentalmente. (SIMMEL, 1979:12).

As pessoas, por estarem inseridas numa realidade que as condicionam e as situam dentro de um contexto natural e social, sentem a necessidade de um entendimento dessa realidade, passando a compartilhar um sistema de crenças e práticas cujo conteúdo lhes permite elaborar representações de si e do mundo em que vivem. Nesse sentido, vinculam ao conceito de religião ao de moral, tornando isso uma experiência que passa a ser compartilhada por uma comunidade, pelo coletivo, transformando a religião num fenômeno social, vivenciado por aqueles que a ele adere.

Hoje se observa uma acirrada disputa pela busca de fieis fazendo com que a sociedade introduza não apenas uma série de práticas no tecido urbano, mas que, simultaneamente, construa seus espaços religiosos enquanto espacialização de seus bens simbólicos.

A importância da delimitação de um espaço físico para as práticas religiosas é analisada por Eliade (1992), tendo em vista que, para o homem religioso, o espaço não é homogêneo, há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras havendo necessidade de diferenciá-lo.

Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés; tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa. (ÊXODO, 3:5)

Há, portanto, um espaço sagrado, e por conseqüência significativo, e há outros espaços não sagrados, sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Para o homem religioso essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado, o único que é real, que existe realmente, e todo o resto, a extensão informe, que o cerca. (ELIADE, 1992).

[...] É preciso dizer, desde já, que a experiência religiosa da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma “fundação do mundo”. Não se trata de uma especulação teórica, mas de uma experiência religiosa primária, que precede toda a reflexão sobre o mundo. É a rotura operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre o “ponto fixo”, o eixo central de toda a orientação futura. [...] Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do

espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma orientação pode efetuar-se, a hierofania revela um “ponto fixo” absoluto, um “Centro”. (ELIADE, 1992:42-46)

Em relação ao homem religioso, vemos, portanto, em que medida a delimitação do espaço sagrado tem um valor existencial para ele uma vez que nada pode começar, nada pode ser feito sem uma orientação prévia, e toda orientação passa necessariamente pela delimitação de um ponto fixo.

A cidade e os espaços sagrados ali criados são, portanto, obras resultantes do processo criativo ininterrupto de indivíduos em determinado meio, cuja intencionalidade reflete o mesmo paradigma/valores que produzem sua existência e a si mesmo. São extensão daquilo que anima suas crenças, seu modo de falar e agir sobre o mundo.

De acordo com Graeff (1979), teórico do espaço urbano, cria-se a expectativa de que este modelo espacial de organização venha se tornar capaz de abrigar e favorecer a contento as atividades cotidianas ali inseridas. Seus conceitos ratificam as cidades enquanto centros aglutinadores de possibilidades, criando laços de união e solidariedade entre as pessoas pelo contato estabelecido entre elas, estabelecendo condições favoráveis ao desenvolvimento da vida urbana.

Sobre as diferentes natureza dos espaços, Da Matta (1997) aponta para a existência de espaços dentro do urbano com distintas esferas de significação social tais como, *a casa, a rua e o outro mundo*. Esses espaços, por sua vez, contém diferentes “visões de mundo ou éticas particulares”, desenhando fronteiras entre os diferentes tipos de espaço: o espaço, o espaço urbano e o espaço sagrado, possibilitando diferentes modos de agir e comportamentos inerentes a cada um deles. (DA MATTA, 1997:53).

Nesse sentido, a cidade com seus edifícios, espaços livres e sistemas viários configura uma paisagem oriunda de fatos construídos por uma coletividade em função de suas necessidades.

A representação desses fatos não se limita apenas à sua estrutura física. No caso da dimensão religiosa, essa se torna visível através da presença de seus espaços sagrados e de suas manifestações e práticas religiosas que transcendem o espaço físico dos templos.

A apropriação do espaço da cidade pelas comunidades religiosas, configurado como estilo de urbanidade faz-se visível em espaços, tais como: galpões, estádios, ginásios, centros de convenção, praças, parque e demais áreas livres, refletindo um estilo de vida urbano. À medida que o serviço religioso ocupa qualquer desses lugares, o espaço assume um caráter de sacralidade. Um centro é estabelecido tornando possível a manifestação/contato com o divino, configurando uma distinção do espaço amorfo que o circunda.

A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo e lhe dá sentido/significado. (ELIADE,1992). Trata-se das religiões reconfigurando o espaço social da cidade.

Esse fato pode ser observado através da presença de cidades como (1) Jerusalém (Israel), (2) Medina (Meca) e (3) Roma (Itália), entre outras. Para os seguidores das mais representativas expressões religiosas na atualidade: judaísmo, catolicismo, islamismo, essas cidades apresentam-se na paisagem urbana como representação/identificação espacializada de seus símbolos, de seus pressupostos religiosos. (Quadro 01).

QUADRO 01: Cidades Sagradas



(1) JERUSALÉM Fonte: www.tripadvisor.com.br



(2) MEDINA Fonte: www.maisturismo.net



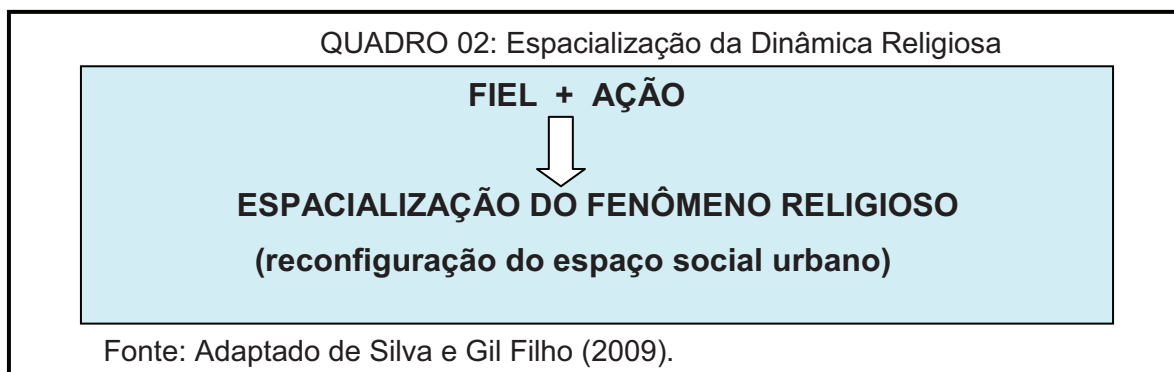
(3) ROMA Fonte: topazio1950.blogs.sapo.pt/16532.html

No Brasil, a paisagem religiosa passa por profundas modificações com a chegada das Igrejas Protestantes históricas (meados do século XIX) e das Igrejas Pentecostais (século XX) e o fim do monopólio da Igreja Católica, após separação Igreja-Estado decorrente da proclamação da República. (SANCHEZ, 2005).

Segundo Silva e Gil Filho (2009), as liturgias dessas novas Igrejas com base na crença nas graças de Deus e o apelo ao amor ao próximo incitam o fiel à ação. Nesse sentido, ele busca disseminar os enunciados religiosos professados tornando-se um dispersor de suas crenças, espacializando-as no contexto do urbano. Dentro dessa perspectiva, reconfigura esse espaço.

Ides por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura.
(Marcos 16, 15-16).

Por coerência doutrinária, a tradição textual/enunciados religiosos se espacializam no cotidiano através dos fieis, fortalecendo seu discurso. A instituição religiosa torna-se visível no espaço da cidade pelo processo de interpretação e consequente ação de seus seguidores nesse meio. Representado pelo quadro 02:



Em função disso, a produção de uma nova cartografia, a partir de informações manuscritas disponíveis, relatos e observação em campo, “tem subsidiado uma abordagem espacial do caso em questão, ao gerar uma visualização que ficava latente nas fontes primárias” (CARVALHO, 2008:40).

Esse procedimento torna possível na atualidade, através de uma síntese gráfica, observar e problematizar diversos aspectos do campo religioso. A exemplo da figura 01, que elaborada, a partir dos textos bíblicos, constrói uma síntese gráfica representativa das orientações dadas aos cristãos: como se deve proceder, agir, espalhar os enunciados religiosos, disseminando espacialmente sua fé.

Figura: 01:



Fonte: <http://scriptures.lds.org/pt/biblemaps/map13.jpg>

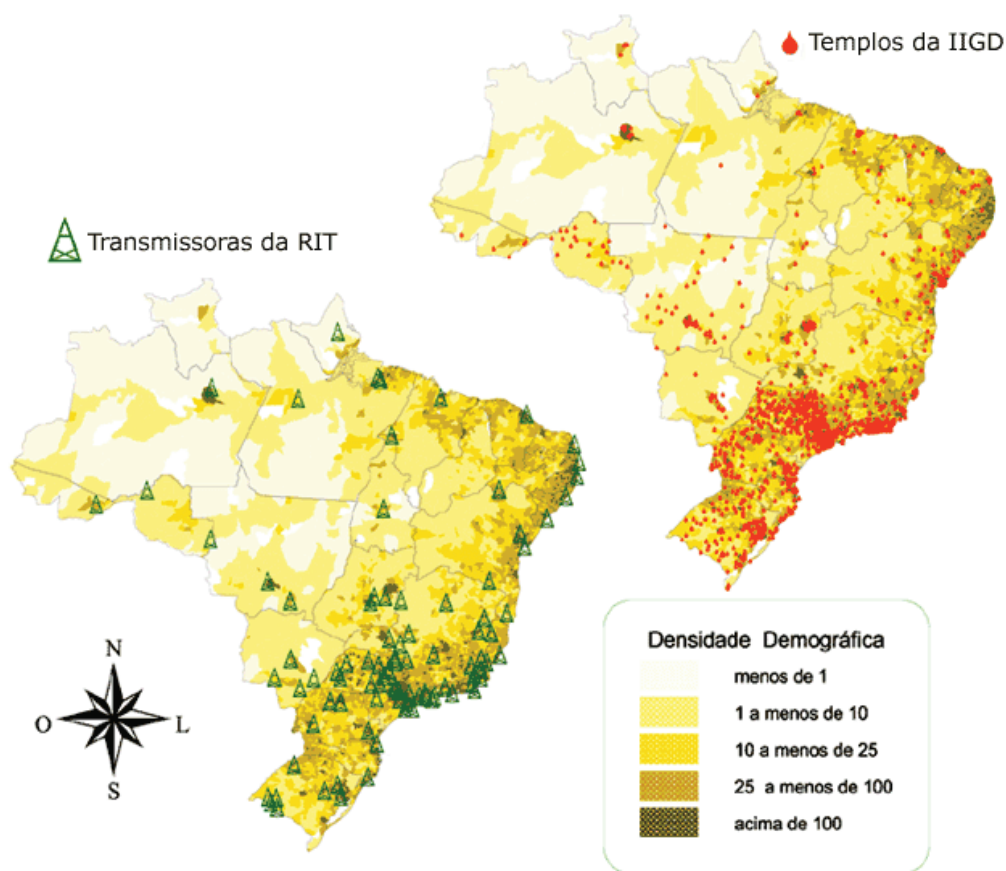
A figura 01 exemplifica esse método. Trata-se de uma representação gráfica das viagens realizadas pelo apóstolo Paulo na tentativa de disseminar os ensinamentos deixados por Jesus, O Cristo.

Comparativamente, podemos identificar esses procedimentos na atualidade pela maneira como a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), presente no pluralismo religioso brasileiro, espacializa seu corpo doutrinário.

Segundo Silva e Gil Filho (2009), a figura 02 demonstra todo o processo de espacialização das estruturas da IIGD pela identificação da implantação de: templos, localizados especialmente nas grandes cidades e das Transmissoras da Rede Internacional de Televisão (RIT), para o uso da mídia para difusão de seu discurso.

Com relação à implantação dos templos e das redes transmissoras, fica evidente sua concentração na região Sul e Sudeste do país, inclusive nas áreas interioranas. Como meio de evangelização, ainda, são controlados um portal na internet, uma rede de rádios, uma editora e uma gravadora, além da operação de um sistema de TV por assinatura via satélite chamado Nossa TV, com canais nacionais e internacionais. Silva e Gil Filho (2009).

Figura 02 - Presença das Estruturas da IIGD no Brasil



Fonte: Silva e Gil Filho (2009).

O percurso teórico aqui apresentado despertou o interesse em realizar uma investigação, visando observar aspectos da dinâmica religiosa através da análise das afiliações presentes no campo religioso atual. Para isso, busca compreender a espacialização de seus templos e práticas na malha urbana, sinalizando como esses espaços contribuem para uma reconfiguração do meio urbano e possibilita uma maneira distinta de apreendê-lo e decodificá-lo.

Dentro desse contexto, observamos a contribuição do protestantismo no qual o movimento pentecostal se destaca enquanto acelerador desse processo, tendo em vista sua dinâmica interna com base na disseminação de seus templos pelo país constituídos em espaços sociais onde a cultura popular se associou à religiosidade do povo.

Capítulo 2

Metodologias para leitura do espaço urbano

Nesse capítulo, faremos uma exposição sobre o trajeto metodológico da pesquisa. Inicialmente, realizando considerações sobre a relevância dos mapas em variados períodos da história da humanidade e sua evolução enquanto representação simbólica. Enfatizou-se que, na atualidade, a utilização de metodologias oriundas da área das ciências naturais associadas às das ciências sociais operou uma revolução no nível da produção e utilização de dados sobre os fenômenos sociais, dando origem a um novo tipo de mapeamento, sendo esse o adotado nessa pesquisa. Nosso trabalho utiliza a metodologia do mapeamento, de forma a combinar dois modelos de cartografia, adotados na atualidade: o geoprocessamento e a cartografia simbólica, os quais se fundamentam em bases bem distintas e produzem igualmente resultados e finalidades diferenciadas, mas que, associados, contribuem para a área do conhecimento. Posteriormente, utilizando-se do método comparativo que a cartografia simbólica realiza com a cartografia tradicional, explicitamos o campo de pesquisa e os procedimentos necessários para obtenção dos dados.

2.1. A cartografia enquanto síntese de uma realidade cultural

Os mapas representam de maneira simbólica uma forma de saber, um produto cultural de cada povo que, de uma forma ou de outra, sempre os utilizou, seja para representação de seu território ou parte deste; para o estabelecimento de relações entre os grupos sociais nesse espaço, ou mesmo como auxílio para exploração de novas áreas, a exemplo das viagens marítimas e observações celestes. (MACHADO, 2007).

Nesse sentido, a confecção de mapas parece ser anterior à escrita e há muitos registros como os encontrados na cidade de Hank Sukur, na Turquia, com datação de cerca de 6200 a.C., tendo sido executados em paredes, que, segundo

Johansson Junior (2001), comprovam que os mais variados povos nos legaram mapas, tais como: babilônios, egípcios, astecas, chineses, além de outros, cada qual relatando aspectos culturais e formas de ocupação do território, próprios de cada sociedade. Com a invenção do papel, os mapas passaram a ser desenhados em folhas (talvez daí derive a palavra *carta*, como também são designados).

Na verdade, configuram-se como representações planas da realidade em seus diversos aspectos, ou parte dela, construídas para facilitar a visualização e a compreensão da mesma, como também como forma de orientar as ações humanas.

Apesar de cada cultura exprimir sua particularidade cartográfica, formas distintas de executar um mapa têm se tornado aos poucos uma linguagem compreendida globalmente. (JOHANSSON JUNIOR, 2001).

Para Oliveira (1980), a elaboração de mapas tem por finalidade organizar um:

[...] conjunto de estudos e operações científicas, artísticas e técnicas, baseado nos resultados de observações diretas ou de análise de documentação, visando à elaboração e preparação de cartas, projetos e outras formas de expressão, bem como a sua utilização. (OLIVEIRA, 1980:15).

Contudo, essa produção de mapas não é considerada na academia nem uma ciência nem uma arte, do ponto de vista de sua feição e técnica próprias. Ela é vista como um método científico que procura tornar visível, através de um modelo gráfico, fatos e fenômenos de diversas naturezas. Essa metodologia utiliza-se de uma simbologia que lhe é própria, sendo uma ferramenta de grande importância para a construção do conhecimento.

Vários são os elementos passíveis de serem mapeados, variando conforme os aspectos culturais de cada povo. Entre eles os mitos e preceitos estiveram presentes influenciando a Cartografia. De maneira que em alguns mapas antigos é possível visualizar, por exemplo, como ponto central, montes ou cidades considerados sagrados, entre elas Jerusalém dos cristãos e a cidade de Meca dos muçulmanos. (JOHANSSON JUNIOR, 2001).

O estudo de tais mapas ou cartas – chamado de cartografia, agregou interesses distintos relacionando orientação geográfica com conceitos cosmológicos

e religiosos, chegando a abordar um universo de deuses, monstros, infernos e paraísos. (MACHADO, 2007).

O autor também faz lembrar que a preocupação com o sentido da morte levou muitos povos a terem mapas orientadores de viagens a territórios espirituais. Entre eles, os habitantes do Egito antigo, a exemplo dos ataúdes encontrados adornado com mapas elaborados, a partir de descrições encontradas no Livro dos Mortos delineando uma trajetória de como alcançar o espaço celeste.

A Idade Média (Século XIII), por sua vez, ficou caracterizada pela elaboração de *cartas náuticas* ou *cartas portulanas*, destinadas à navegação no Mediterrâneo e ao longo das costas ocidentais da Europa. Documentos originados, a partir de relatos e notas pessoais decorrentes de experiências de viagens, onde eram registrados distâncias, acidentes geográficos, observações astronômicas, etc. Essas notas, contudo, eram acompanhadas de esboços que serviam para ilustrar as informações presentes, ratificando a importância do elemento pictórico nas representações cartográficas.

A partir do Renascimento (século XV), a elaboração da cartografia sofre uma série de modificações estimuladas pelas redescobertas dos escritos de Ptolomeu, autor do primeiro Atlas Geral datado do século II, pelo impulso decorrente da invenção da impressão e a epopéia dos descobrimentos marítimos.

A expressividade cartográfica se faz presente no Século XVI e XVII prioritariamente pelas navegações portuguesas e holandesas com interesses distintos. São documentos notáveis pela expressiva produção de Atlas Universal e Regional, contendo cartas náuticas e mapas ornamentados onde foram registrados acidentes geográficos, características e costumes dos povos encontrados, a fauna e a flora local.

Nesse contexto, segundo Machado (2007:02), estamos interessados em mapear “representações simbólicas significativas para o ser humano, nas mais diversas situações, nos mais diferentes contextos.” E, sob esse aspecto da dimensão cultural atrelada à produção cartográfica, pode-se afirmar que a necessidade de registrar informações geográficas e expressões culturais acompanha toda a história das civilizações, tornando possível a identificação e caracterização de cada povo.

2.2. O geoprocessamento enquanto técnica metodológica

A integração de saberes anteriormente mencionada tem proporcionado ao homem identificar e analisar fatos que outrora dificilmente poderiam ser entendidos. As descobertas científicas e tecnológicas na área da fotogrametria, banco de dados, sensoriamento remoto, computação gráfica, CAD (*Computer Aided Design*), realizadas na segunda metade do século XX e início do século XXI, proporcionaram avanços em todas as áreas.

Essa evolução, diretamente relacionada ao processo de junção das diversas ciências vinculadas a conceitos, teorias e metodologias para lidar com questões espaciais, tais como: Geografia, Cartografia, Geometria, Urbanismo, Geodésia, tornou possível o surgimento de uma área de conhecimento multidisciplinar conhecida como Geoprocessamento,

Nesse processo observa-se que a evolução tecnológica, vivenciada nos últimos anos, teve influências em diversas áreas do conhecimento, entre elas, as responsáveis pela leitura do espaço urbano, a geografia e o urbanismo. Essas ciências, devido suas especificidades, possuem a necessidade de integrar conhecimentos de outras por ter como objeto de estudo o espaço geográfico e a complexidade de fenômenos que ali ocorrem. Isso fez com que houvesse a necessidade de estar em constante diálogo com diferentes áreas de conhecimento, entre elas a das ciências sociais.

Segundo Leite (2006),

A utilização da informática no auxílio do estudo geográfico ocorreu no final da Segunda Guerra Mundial, quando uma verdadeira revolução na Geografia aconteceu. Esse período foi o marco do surgimento de uma nova corrente geográfica chamada, nos países de língua inglesa, de “New Geography” (Nova Geografia) e no restante do mundo de Geografia Quantitativa ou Teorética [...]. (LEITE, 2006:14)

Essa revolução foi responsável pelo surgimento de uma nova técnica para a aquisição, armazenamento, análise e apresentação de dados georeferenciados na superfície terrestre. A metodologia do geoprocessamento tem sua base tecnológica no Sistema de Informação Geográfica (SIG), que avançou na década de 70 com o

advento da computação gráfica e dos primeiros sistemas computacionais para análise de imagens de satélite. O Canadá foi o primeiro país a desenvolvê-la, tendo como objetivo criar um inventário dos recursos naturais do país. (LEITE, 2006).

O geoprocessamento enquanto ferramenta multidisciplinar e multifinalitária tem sido amplamente difundido e suas técnicas vêm sendo utilizadas nos mais diversos campos de pesquisa. Essa metodologia possibilitou que questões sociais saíssem do âmbito de uma discussão de cunho mais ensaístico para contar com um maior embasamento no conhecimento empírico sobre o território e a particularidade de seus fenômenos. (CÂMARA, 2009).

Nesse sentido, utilizar essa ferramenta, tendo a cidade como objeto de estudo para análise do fenômeno religioso, foi um recurso utilizado nessa pesquisa uma vez que a mesma se apresenta como um objeto possível de ser apreendido, entendido e aprofundado. Como, também, por representar a materialização das relações sociais existentes na sociedade e, conforme analisada, passível de ser espacializada.

A elaboração de um SIG, segundo Rosas, “é um ramo do geoprocessamento bastante utilizado hoje e de suma importância para estudos geográficos de correlação com outras ciências, visto que conseguem combinar dados de diferentes fontes e espacializar essas informações em um mapa”. (ROSAS, 1995:22).

Nesse aspecto, para Casanova (2005), as principais características de um Sistema de Informações Geográficas seriam:

- Inserir e integrar em uma única base de dados, informações espaciais provenientes de diversos meios de aquisição;
- Oferecer mecanismos para combinar várias informações através de algoritmos de informação e análise, bem como consultar, recuperar e visualizar o conteúdo da base de dados geográficos.

Tendo em vista o espaço territorial ser um componente fundamental dos fenômenos sociais, o SIG se torna um instrumento essencial para análises dessa complexa realidade. Possibilita o envolvimento de uma grande quantidade de dados que, depois de combinados e processados, fornecem ao usuário novas informações

para subsidiar análises que podem ser construídas através de gráficos, tabelas e principalmente mapas. (FITZ, 2008).

Dessa forma, torna-se um instrumento que possibilita o desenvolvimento de uma nova metodologia para a realização de análises complexas de processos e dinâmicas urbanas até então realizadas manualmente, facilitando a integração de dados de diversas fontes, combinando-as e possibilitando uma nova compreensão dos fenômenos observados.

Nesse sentido, o SIG aqui elaborado com base em investigações sobre o fenômeno religioso, a partir das categorias de análise apontada por Magnani (1999; 2008) possibilitou uma leitura específica acerca da cidade de João Pessoa. Um estudo realizado através da investigação e análise de valores e normas expressos cotidianamente por grupos religiosos, tornando possível a identificação da forma de apropriação desses espaços, passíveis de serem representados de forma simbólica no território urbano.

Uma possibilidade interessante da utilização do SIG e da análise espacial na área social é que técnica e metodologia juntos podem ampliar a percepção dos fenômenos, permitindo uma visão geral ao mesmo tempo em que revela especificidades do território e caracterização de contextos de vizinhança importantes, em geral invisíveis aos olhos. (STAM, 2008/2009).

É uma linguagem que possibilita, segundo Sposati (2008/2009), enxergar a informação a partir do chão em que ela se assenta. Os dados voltam às suas raízes e podem ser enxergados sob a influência de outras variáveis, ambientais e culturais.

Segundo Leite (2006), isso se dá devido o SIG trabalhar com banco de dados ligado a uma base cartográfica georeferenciada, tendo como consequência a espacialização e visualização de informações analógicas dos mais diversos tipos, resultando na elaboração de mapas temáticos, tabelas ou gráficos. Esses se tornam instrumentos para a análise dos mais variados fenômenos que ocorrem no espaço físico, sejam eles culturais, econômicos, ambientais, variando conforme o interesse da área da pesquisa.

É necessário frisar que, para constituir um SIG além dos recursos tecnológicos, os recursos humanos também são imprescindíveis, afinal, todo o processo é decorrente da ação humana. Sabe-se que para o levantamento das informações, que darão insumos ao sistema, é vital a delimitação de metodologias visando à aquisição e confiabilidade dos dados. Sendo assim, pode-se inferir que o

conceito de Sistemas de Informações Geográficas engloba em seu universo recursos tecnológicos, recursos humanos, metodologias e dados, sendo todos eles indispensáveis para a sua efetiva constituição e operação.

A partir da aplicação do SIG o registro das informações espaciais operou uma revolução não apenas em nível de produção cartográfica, mas também, da circulação, manipulação e utilização de informação sobre território e os fenômenos sociais dali decorrentes.

Nesse trabalho, a elaboração de uma cartografia simbólica através da metodologia do geoprocessamento, associando os avanços das Ciências Tecnológicas dentro do contexto das Ciências Urbanas e Sociais, possibilitou abordar o objeto de estudo, a partir de sua espacialização no contexto do espaço urbano.

Essa metodologia foi utilizada na pesquisa, primeiramente, visando relacionar a oferta religiosa nos bairros da cidade de João Pessoa (PB) entre 2004 e 2008 ⁷. Tendo em vista a especificidade da pesquisa, procedemos a seleção dos dez primeiros bairros relacionados em número de ocorrências. Analisamos, em seguida, a oscilação dos dados nesse período, no sentido de verificar a manutenção dos que se destacaram, como também, o surgimento de novos templos na cidade.

Num segundo momento, essa técnica possibilitou a identificação do bairro que se manteve liderando o *ranking* durante o período de 2000 a 2008 pela quantidade de templos/espacos de praticas religiosas, na qual se destacou o bairro de Mangabeira/Cidade Verde) ⁸ para a realização da pesquisa de campo.

Para efeito da pesquisa, levamos em consideração a Lei de Bairros de João Pessoa na qual o Loteamento Cidade Verde se insere no perímetro do bairro de Mangabeira, configurando com uma única área, fato que provavelmente o justifique como sendo o bairro que detém maior número de instituições religiosas, segundo dados cadastral da PMJP.

⁷ Os dados utilizados foram coletados junto a Secretaria da Receita da Prefeitura Municipal de João Pessoa e correspondem as afiliações religiosas cadastradas na cidade. Não constam dessa listagem os espacos de práticas religiosas que não procederam seu cadastramento junto ao órgão municipal.

⁸ A denominação de Mangabeira é decorrente da Lei de Bairros nº 1.574 (04.09.1998) sendo Cidade Verde um loteamento implantado nesse bairro O Loteamento Cidade Verde costuma ser informalmente identificado, até mesmo pela Secretaria da Receita Municipal, como uma área independente.

Em seguida, procedemos a uma análise de dados através do SIG - Uso e Ocupação do Solo/Mangabeira⁹ onde se observa no bairro a presença de diversas atividades, entre elas: comerciais; entidades regidas pelo direito público; sociedades sem fins lucrativos; industrial; prestação de serviço; residencial; terrenos e templos, conforme classificação da PMJP.

Esse mapeamento elaborado pelo SIG - Uso e Ocupação do Solo de Mangabeira/Cidade Verde destaca-se como sendo a área correspondente ao primeiro loteamento implantado no bairro que congrega uma maior concentração dessas atividades.

Em função disso, fizemos um estudo exploratório nessa área, e a caminhada em dias e turnos diversificados possibilitou a identificação de dois grande eixos viários estruturadores do bairro estando ali localizados, cuja presença os tornam responsáveis pela implantação da maior parte das atividades listadas, excetuando a residencial que está localizada prioritariamente em torno deles.

De acordo com os resultados do trabalho realizado em campo, verificamos que num desses eixos viários, a Rua Comerciante Alfredo Ferreira da Rocha, destaca-se como sendo a área onde se encontra a maior concentração do nosso objeto de estudo, os templos e casas de oração. Predominando no outro eixo, a Rua Josefa Taveira, uma grande concentração de comércio e serviço.

Delimitada a área da pesquisa como sendo a Rua Comerciante Alfredo Ferreira da Rocha, realizamos uma deambulação pela rua destacada, inventariando e registrando em acervo fotográfico as instituições religiosas ali encontradas.

Em seguida, fizemos contatos/entrevistas semiestruturadas com os dirigentes dessas instituições, procurando identificar, através da dinâmica interna de cada uma, aquela que apresentasse mais expressivamente os elementos necessários para a elaboração de uma cartografia simbólica.

Para esse fim, utilizamos os procedimentos necessários para sua elaboração na observação da metodologia explicitada no item 2.3 e sua aplicação através da articulação com modelos de mapeamento, elaborado por Magnani (1999; 2008) para análise do espaço urbano.

⁹ Mapeamento temático elaborado através Sistema de Informações Cadastrais (SIG), nesse caso específico, com dados sobre as diversas atividades encontradas no bairro de Mangabeira/Cidade Verde.

2.3. A cartografia simbólica enquanto metodologia de análise da dinâmica social

Nas últimas décadas, recursos inerentes a uma cartografia simbólica, cujo objetivo metodológico é revelar outras dimensões do território: processos e dinâmicas humanas vêm cada vez mais respondendo à necessidade de dar respostas a uma realidade que se constrói a cada momento numa velocidade compatível com o avanço tecnológico existente. (STAM, 2008/2009).

Nesse trabalho, utilizamos como procedimento a construção de uma cartografia simbólica por permitir a construção do objeto de estudo, a partir de um determinado aspecto, associado à dimensão epistemológica, e, também, à dimensão sociológica. Ou seja, observar o objeto inserido em seu contexto social de produção e desenvolvimento combinando elementos físicos das ciências naturais, com elementos das ciências sociais e de outras áreas do saber.

Os mapas enquanto representações simbólicas do espaço, ou micro espaço, suscitam a curiosidade de investigar a natureza de sua representação, de que forma, de maneira simbólica, são equivalentes aos objetos representados e às relações efetivamente existentes entre os mesmos.

A cartografia simbólica por se tratar de uma investigação para além da investigação das evidências, possui características de ser um misto de metáfora e alegoria da cartografia em sentido estrito. É uma cartografia que vem representar, de forma figurada, os fenômenos observados. Ou seja, se utiliza dos elementos descritivos da cartografia geográfica para, através de seus atributos e relação de semelhança, tornar claros seus objetivos. SANTOS (2000).

A cartografia geográfica é a ciência que representa graficamente as formas físicas da superfície terrestre, tendo como produto final o mapa. A localização de qualquer lugar na Terra pode ser mostrada em um mapa.

Todo mapa geográfico deve contemplar alguns elementos, tornando-se uma linguagem que é compreendida globalmente. Mostra um território, uma base física a qual representa, mas sempre faz referência a algo no qual está inserido; possui uma escala, o que garante a proporção entre os elementos que ali estão; constitui um sistema de projeção da realidade, onde são realçados determinados aspectos; distorce o mundo real em função do que se deseja representar.

Figura 03: Mapa Mundi



Fonte: <http://images.google.com.br/images?hl=pt-BR&um=1&q=mapa+mundial&sa=N&start=0&ndsp=18>

A figura 03, por exemplo, é uma representação/síntese gráfica dos continentes, mas, mesmo não estando demonstrado na sua totalidade, existe um entendimento de sua relação com a esfera terrestre. Eles são mostrados em uma escala determinada (coordenadas cartesianas X e Y) cuja dimensão e relação de distância entre os continentes obedecem a uma proporção semelhante ao real.

O mapa aqui apresentado projeta apenas um ponto de vista da realidade distorcendo outros aspectos. Ele apresenta especificamente os continentes, sendo esse seu objetivo principal tendo em vista a escala escolhida e sua relação com a base física em que esta inserido. Contudo, não revela, por exemplo, que esses continentes se apresentam parcelados em diferentes territórios/países.

Segundo Machado (2007), esses correspondem aos cinco elementos fundamentais para a caracterização do paralelismo existente entre a idéia de mapa em sentido estrito e na cartografia simbólica: (tabela 01).

Tabela 01: Comparativo entre a cartografia geográfica e a cartografia simbólica.

Cartografia geográfica	cartografia simbólica	Características da cartografia simbólica
I - todo mapa é distinto do território;	- todo mapa é presença e é ausência;	Um mapa não contém todos os objetos e relações presentes no espaço representado; seu valor se expressa pelos elementos que estão presentes;
II - todo mapa tem uma escala;	- todo mapa traduz um esquecimento coerente;	A proximidade que nos encontramos do objeto da pesquisa reflete o que é possível ser percebido e representado e o que não pode; determina os pontos relevantes que devem ser abordados;
III- todo mapa tem um sistema de projeção;	- todo mapa expressa um ponto de vista;	A opção por um sistema de projeção corresponde a um ponto de vista escolhido dentro do fenômeno observado para mapear. Todo mapa é construído segundo uma intenção;
IV - todo mapa distorce a realidade;	- todo mapa é um mapa de relevâncias;	No mapeamento ficam visível os atributos que se quer evidenciar e os que secundarizamos;
V - todo mapa pressupõe um <i>mappa-mundi</i> a que se remete;	- todo mapa pressupõe um contexto em que se enraíza.	Toda cartografia simbólica pressupõe certo enraizamento da região do espaço de significações representado no universo mais amplo das representações simbólicas.

Fonte: Machado (2009); Costa (2005); Santos (2000).

I - Ao se afirmar que uma cartografia simbólica contém ausências e presenças está-se tentando dizer que, por se tratar de uma representação simbólica de um

fenômeno analisado, seria impossível retratar todos os elementos ali presentes. Aborda apenas aqueles mais significativos e relativos ao que se deseja enfatizar, de forma que a escolha do que deve ou não aparecer em um mapa é de absoluta responsabilidade de quem mapeia. E finalmente, concorda que toda representação corresponde a um modo de ordenação da realidade, de dispor das coisas, pessoas, relações. É uma classificação, e como tal, arbitrária.

II - Por sua vez, a escolha de uma escala revela o grau de proximidade que nos situamos para realizar a representação de um fenômeno. “Se nos aproximamos demasiadamente, percebemos os pormenores, mas perdemos a visão do todo; se nos afastamos muito, uma vista abrangente sacrifica o reconhecimento de certos elementos”. (MACHADO, 2009: 05).

A escolha da escala vai determinar o limiar entre o que pode ser percebido e representado e o que não pode, dentro do limite estabelecido. Identifica a especificidade daquilo que se quer pesquisar e garante a eficácia da sistematização e compreensão da informação. (MAGNANI, 1999; 2008).

Possibilita a evidência de pontos relevantes, aqueles que são identificados dentro da escala que é observado e necessário para o entendimento do objeto analisado. Como por exemplo, um esboço que é feito de um projeto contendo apenas a idéia de algo bem mais complexo do que está representado.

III - Após a delimitação da escala se procede a escolha do ponto de vista que se deseja mapear, os aspectos/atributos do objeto da pesquisa que deverão ser abordados com relevância. A relação existente entre os atributos escolhidos e suas correspondências com o objeto é entendido como sendo um sistema de projeção da realidade em sua totalidade. Segundo Santos (2000), é como se perguntássemos: Qual é o foco?

Com este exercício, crê o autor apontar para uma concepção pós-moderna das representações sociais, que dá ênfase à dinâmica interna, às suas formas de auto-organização onde se geram resistências e efeitos perversos, neutralizações e bloqueamentos, autonomia e criatividade. (SANTOS, 2000: 223).

A projeção revela uma intencionalidade daquele que observa, um propósito previamente escolhido e que prevaleceu sobre outros atributos inerentes ao objeto observado. Segundo Machado, “não existem mapas neutros, esses são construídos de modo a representar de forma figurada, uma realidade”. (MACHADO, 2009:07).

IV – O quarto elemento transportado da cartografia de cunho geográfico para as ciências sociais corresponde às distorções da realidade encontradas nos mapas. Na cartografia simbólica, elas correspondem aos diferentes pesos que damos aos diferentes valores associados aos elementos representados. Como ilustração, podemos dizer que um Mapa de Bacias Hidrográficas de um determinado município distorce uma realidade ao omitir outros elementos existentes no território, suas áreas construídas, por exemplo.

V – O último elemento fundamental para a caracterização do paralelismo existente entre a idéia de mapa em sentido estrito e na cartografia simbólica é o enraizamento. Isso significa que, segundo Machado, para ter sentido, o mapa elaborado deverá se enraizar na experiência, no conhecimento prévio daquele a quem é destinado. Ou seja, seja uma representação simbólica de uma realidade a qual o observador tenha familiaridade. (MACHADO, 2009:08).

Costa faz um contraponto entre a cartografia geográfica e a cartografia simbólica, afirmando que as especificidades dos mapas geográficos permanecerão em nosso horizonte imediato, mas que na atualidade são restritivas. Que apesar dos atuais recursos tecnológicos, configuram-se como sendo formas avançadas da cartografia tradicional, cuja representação do ambiente físico é o foco central. (COSTA, 2005).

A cartografia simbólica constitui, nesse sentido, uma nova modalidade de investigação que surge buscando compreender a dinâmica social do tecido urbano que só será compreendido, a partir da investigação de seu complexo modo de vida urbano.

São dois modelos de cartografia adotados na atualidade, mas, por se fundamentarem em bases bem distintas e produzem igualmente resultados e finalidades bem distintos.

Verificamos, assim, que na sociedade da informação, a capacidade de elaboração de síntese da realidade, utilizando-se técnicas distintas, tem-se mostrado cada vez mais necessária. (COSTA, 2005).

Nesse sentido, a cartografia simbólica, auxiliada pelos atuais recursos tecnológicos no campo da informática, disseminados nos estudos sociais, vem sendo procurada como metodologia de análise do espaço urbano. Isso se verifica devido seu poder de simplificação, generalização e síntese, sendo essa a maneira possível de navegar por esse universo desmesurado de dados, facilitando enormemente a catalogação e reprodução de informação.

Nesse sentido, o uso da cartografia simbólica aqui abordada possibilitará a visualização da dinâmica inerente ao fenômeno religioso na cidade de João Pessoa (PB) e sua contribuição para a reconfiguração desse espaço, onde é ressaltado um determinado aspecto da dessa realidade.

2.4. O percurso metodológico da pesquisa

Nesse item, apresentaremos, de forma sistematizada, o percurso metodológico realizado pela pesquisa para análise do campo religioso na cidade de João Pessoa (PB). Esse percurso se apresenta delimitado por duas etapas, na primeira etapa, auxiliado pela cartografia geográfica georeferenciada, desenvolvemos uma série de mapas temáticos, trabalhados primeiramente numa escala em nível do macro, com foco na cidade, depois no bairro, chegando até uma rua enquanto recorte para a pesquisa desse fenômeno. Na segunda etapa, procedemos uma abordagem utilizando modelos de mapeamento elaborados por Magnani (1999; 2008) para analisar e categorizar a afiliação religiosa selecionada em função de sua dinâmica interna e sua espacialização no espaço urbano.

1ª ETAPA → ESCALA DO MACRO

A pesquisa iniciada pela elaboração de um mapeamento temático se justifica devido à impossibilidade de se analisar o fenômeno religioso, a partir da análise de todos seus aspectos e instituições religiosas da cidade. Em função disso, estabelecemos como procedimento uma análise sobre a implantação de templos nos bairros entre 2004 e 2008, e seu cadastramento na PMJP, destacando-se os dez primeiros resultados em número de ocorrências.

Nessa seleção, foram omitidas as demais ocorrências, sendo essa uma das características iniciais de um mapeamento, de conter presenças e ausências, quer seja ele geográfico ou simbólico, no qual se sugere abordar prioritariamente aspectos mais representativos do fenômeno a ser observado. (MAGNANI, 1999).

Em seguida, utilizando-se a técnica de geoprocessamento procedemos a um mapeamento da espacialização desses dados na malha urbana, visando identificar qual bairro liderou o *ranking* de possuir o maior número de espaços de práticas religiosas durante o período de 2000 a 2008.

Conforme metodologia apresentada, esse procedimento permitiu a delimitação da escala/limite em que íamos trabalhar, tendo-se destacado o bairro de

Mangabeira/Cidade Verde, por conter em seu perímetro o maior número de instituições religiosas comparado aos demais.

A delimitação da escala de trabalho correspondeu a um procedimento necessário na execução de qualquer mapa, tendo em vista que cada escala, quer seja na cartografia geográfica quanto na simbólica, evidencia aspectos relacionados aos dados que se quer obter visando à compreensão do objeto de análise.

A seleção do bairro e dentro dele, a área onde ocorre o fenômeno de forma representativa delimita o grau de proximidade que teremos do objeto de pesquisa e quais dados serão possíveis se obter dentro dessa escala. Segundo categoria de análise do espaço, elaborada por Magnani (2008), essa etapa corresponde à delimitação de uma área desenhada pelo fenômeno observado, denominada pelo autor de Mancha, correspondente ao seu núcleo denso.

Finalizando a primeira etapa, identificamos, através do estudo exploratório realizado na Mancha, área de concentração das atividades religiosas realizadas pelas afiliações, a Rua Comerciante Alfredo Ferreira da Rocha como local de maior localização de templos no bairro, sendo esse o local identificado para a pesquisa de campo. Essa área se enquadra na categoria de análise do espaço elaborada por Magnani (2008), como sendo o Pedaco, área identificada por um grupo pertencente a uma rede de relações decorrente do fenômeno religioso.

2ª ETAPA → ESCALA DO MICRO

Nessa segunda etapa da pesquisa, fizemos um estudo exploratório para o reconhecimento da área recortada para análise. Foram realizadas várias visitas *in loco* em dias e turnos alternados, e esse procedimento possibilitou a identificação da dinâmica da rua e sua importância para o bairro. Possibilitou também a construção de um inventário e o registro fotográfico das instituições religiosas ali localizadas.

Como passo seguinte, foram realizadas visitas às instituições religiosas e estabelecidos contatos com seus dirigentes e membros. Houve a participação em diversas atividades das instituições em dias e horários diferenciados, algumas delas em outras localidades. Esse procedimento possibilitou a identificação e escolha

daquela que, a partir dali, tornou-se foco/aspecto/atributo para análise de sua estrutura organizacional e consequente forma de espacialização na malha urbana.

Essa abordagem, segundo Santos, é uma concepção pós-moderna para investigação das representações sociais, dando ênfase às suas formas de auto-organização. Conforme analisado anteriormente, quando da comparação entre as duas formas de cartografia, é um procedimento necessário na execução de qualquer mapa, tendo em vista que aspectos/atributos do objeto da pesquisa deverão ser abordados com relevância, como forma representativa de uma realidade. (SANTOS, 2000).

Após esse percurso, estabelecemos uma aproximação com a afiliação religiosa que apresentou condições mais favoráveis para a elaboração da cartografia simbólica em função da sua dinâmica interna, sendo esse o atributo abordado com relevância servindo como elemento representativo de aspectos do fenômeno religioso na cidade. Uma vez que, segundo Santos (2000), a análise da dinâmica interna possibilita a compreensão da dinâmica externa.

Nesse sentido, a metodologia de análise do espaço urbano desenvolvida por Magnani através da qual o autor elabora a identificação de diferentes categorias de espaços dentro desse contexto, levou-nos a optar por ela, sobretudo por esses espaços se apresentarem como elementos necessários à elaboração de uma cartografia simbólica. (MAGNANI, 1999; 2008).

A Igreja Evangélica Assembléia de Deus-Mangabeira (IEAD) foi a instituição religiosa que se enquadrou como tal procedendo-se, a partir daí, uma análise de sua dinâmica religiosa tendo por base sua história de ocupação territorial e práticas na cidade de João Pessoa (PB).

Procurando analisar o objeto de pesquisa sob diversos aspectos, explicitaremos os resultados nos capítulos empíricos que se seguem referendando-os através dos aspectos teóricos levantados.

Capítulo 3

Mapeamento do espaço religioso na cidade de João Pessoa (PB)

Nesse capítulo, apresentaremos os resultados obtidos na aplicação da metodologia para mapeamento e análise do fenômeno religioso na cidade de João Pessoa (PB) na escala do macro (1ª etapa). Inicialmente, traçamos um perfil da cidade de João Pessoa com ênfase nas transformações ocorridas no seu espaço físico e no sistema religioso tradicional. Em seguida, elaboramos um diagnóstico quantitativo espaço-temporal dos lugares de manifestações das crenças e fé, visando identificar o bairro com maior concentração de templos e casas de orações. Através de dados extraídos dos relatórios das atividades do bairro cadastradas na Prefeitura Municipal, elaboramos mapas temáticos georreferenciados, tornando possível a identificação da área no bairro como maior número de ocorrência de templos e casas de oração. Finalmente, através de uma pesquisa exploratória em campo, identificamos a rua e nela a afiliação religiosa mais representativa da dinâmica religiosa local.

3.1. Expansão urbana e dinâmica religiosa

O município de João Pessoa ocupa uma área territorial de 210,45 km² e uma população, segundo estimativa do IBGE em 2007, de aproximadamente 673.832 habitantes. A densidade demográfica municipal é de 32,02 habitantes/ha, sendo 0,61 a densidade demográfica do estado da Paraíba

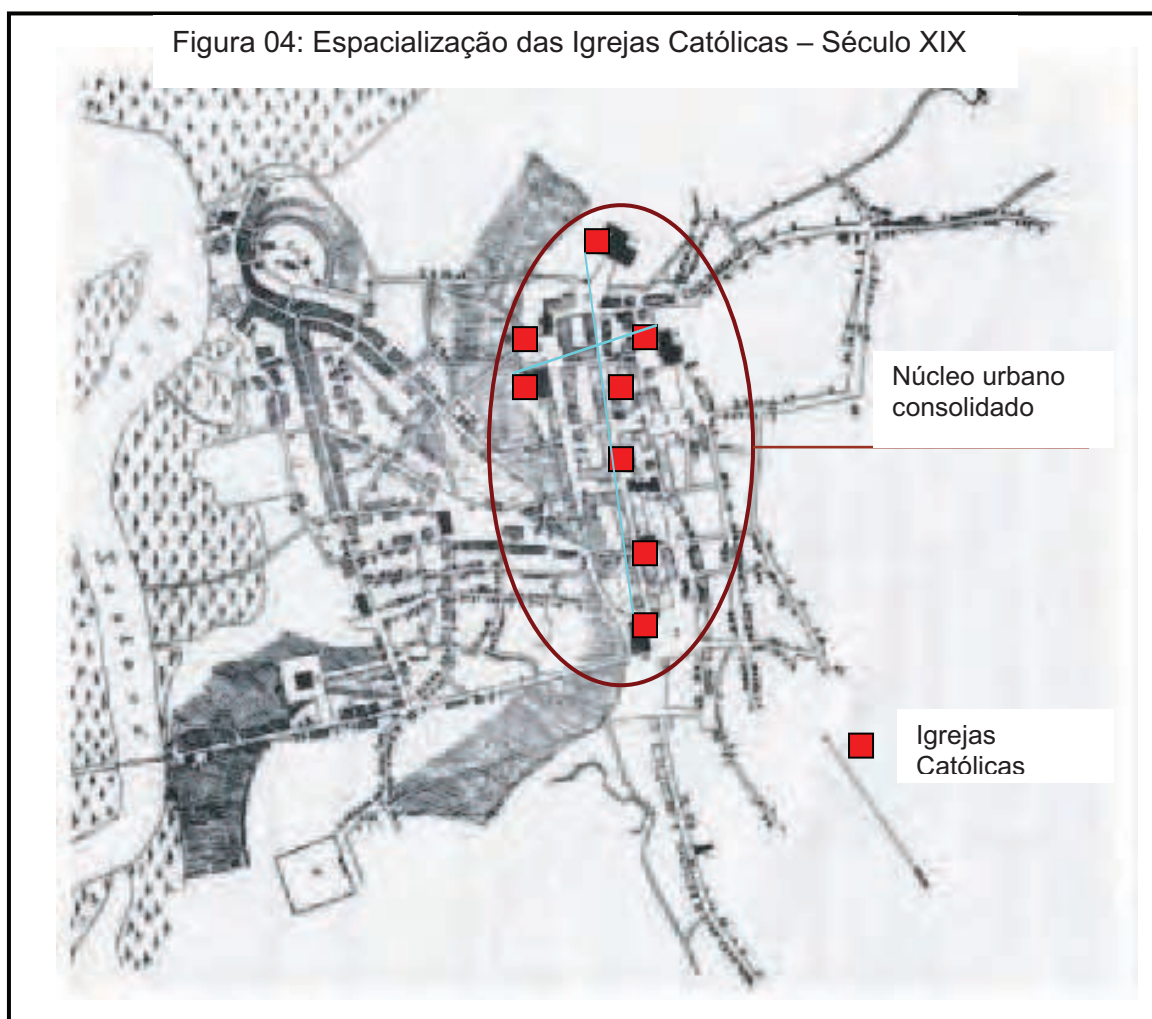
Fundada em 05 de Agosto de 1585, já nascia como cidade, a terceira implantação no Brasil. Teve sua ocupação inicial vinculada a características político – militares devido à “imposição de um mercado externo com uma estrutura que ia se construindo na busca de satisfazer as necessidades da Metrópole como porto exportador”. (RODRIGUEZ, 1980: 44).

Durante o período correspondente à primeira metade do século XIX, caracterizado por uma estrutura econômica nacional baseada no comércio interno e

internacional, a população que no início do século possuía em torno de 3.000 habitantes, passou em 1822 para 5.000 habitantes. (RODRIGUEZ, 1993).

Entre os anos de 1851 e 1872, verificou-se um aumento populacional de 9.000 para aproximadamente 24.000 habitantes cuja cidade possuía uma estrutura física constituída de “equipamentos básicos necessários ao exercício de sua função administrativa e comercial, de escoadouro da produção oriunda do açúcar, algodão e gado (...)” (RODRIGUEZ, 1980:49).

A Igreja Católica, através de um monopólio religioso, exerceu na cidade um forte controle social cuja localização de suas igrejas na parte alta da colina, núcleo urbano consolidado na época ¹⁰, delimitava um espaço de práticas religiosas interligando simbolicamente suas igrejas em forma de cruz. (Figura 04).



¹⁰ Localização das igrejas a partir do Mapa de Alfredo de Barros e Vasconcelos (1858) (VASCONCELOS apud CARVALHO et AL (2005).

Entre as igrejas centenárias que compunham a paisagem religiosa da cidade tínhamos: Igreja de São Francisco, Igreja Matriz de Nossa Senhora das Neves e a Igreja do Mosteiro de São Bento na Rua Nova ¹¹ (foto 1), Igreja do Carmo, Igreja da Misericórdia (foto 2) e Igreja do Rosário ¹² (foto 3), Igreja das Mercês (foto 4).



Foto 01: Igreja Matriz e Igreja São Bento
Acervo Humberto Nóbrega



Foto 02: Igreja da Misericórdia
Acervo Walfredo Rodrigues



Foto 03: Igreja do Rosário
Acervo Walfredo Rodrigues



Foto 04: Igreja das Mercês
Acervo Walfredo Rodrigues

No ano de 1888, a cidade passa por um novo período de crescimento populacional em função da libertação dos escravos que, juntamente com os que vinham expulsos do campo, em função das adversidades climáticas, dirigiram-se para os centros urbanos em busca de trabalho.

A partir do século XX, verificou-se no país um novo êxodo rural em direção às cidades, pela mecanização nas áreas rurais, provocando um acelerado

¹¹ A Rua Nova foi a segunda rua aberta na cidade. (AGUIAR, 2002).

¹² Ao fundo temos o campanário da Igreja da Misericórdia. No centro da foto esta a Igreja do Rosário que juntamente com o prédio que a antecede foram demolidos no século XX para implantação da Praça Vidal de Negreiros. (AGUIAR, 2002).

crescimento das mesmas, fato responsável pelo incremento do processo de urbanização e consolidação do capitalismo industrial.

As intervenções urbanas e normalizações construtivas desse período se caracterizaram, na verdade, como obras de embelezamento das cidades e tinham o intuito de mascarar os problemas que se agravaram progressivamente: o déficit habitacional, a insalubridade ambiental, ocasionada pela deficiência no saneamento, e a precária mobilidade urbana. Possuíam uma preocupação preponderantemente estética que favorecia as classes mais abastadas, secundarizando um quadro social remanescente do período escravocrata. (LEMOS, 2005).

Com base nessa realidade permeada, um impulso de desenvolvimento urbano acontece, a partir de 1910 na então cidade da Paraíba, através de sucessivos governos empenhados em modernizar a cidade, que agora contava com 28.000 habitantes.

Com o aparecimento do automóvel particular ao cotidiano da cidade, a concepção de espaço público foi revista, tendo como resultando a implantação de largas avenidas. Visava, sobretudo, promover acessibilidade para os novos bairros, a circulação da população motorizada e integração de áreas de difícil acesso.

O ônibus inserido, em 1927, como um novo serviço, facilitou o deslocamento da população para as novas áreas permitindo a ocupação de áreas periféricas. Novos loteamentos foram implantados dando origem a novos bairros. Gradativamente, os espaços tradicionais de moradia, circulação, trabalho e lazer, foram sendo redefinidos e remodelados, configurando as bases da estruturação atual da cidade. (LAVIERI e LAVIERI, 1999).

Para a abertura dos novos eixos viários e implantação de um sistema de saneamento básico na cidade, quarteirões e edifícios centenários foram demolidos imprimindo uma nova identidade à cidade e a sua população. (foto 05).

Havia uma necessidade de tornar o meio urbano mais salubre, tendo como diretriz o trinômio: sanear, embelezar e circular, pilares do planejamento urbano modernista disseminados nas demais cidades brasileiras, a partir das reformas urbanas implementadas na então capital Rio de Janeiro, servindo de modelo para as demais cidade. (MOURA FILHA: 2000).

Dentro desse contexto, Rodrigues (1994) relata que instituições tradicionais, como a Igreja Católica, tiveram várias de suas igrejas centenárias demolidas no sentido de atender às novas necessidades expansionistas:

A abertura da Praça Vital de Negreiros fez desaparecer a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. A Igreja da Mãe dos Homens, foi demolida para o alargamento da Rua Monsenhor Walfredo Leal e implantação da Praça Antônio Pessoa. (RODRIGUES, 1994:181).



Foto 05: Demolições para abertura da Praça Vidal de Negreiros
Fonte: Revista Era Nova (1925)

Nessa nova estruturação urbana, a Igreja Católica detentora do monopólio religioso na cidade, apresenta-se, a partir dos primeiros decênios do século XX, como uma nova perspectiva. Procura se localizar nos novos bairros implantados, da mesma forma que a recém chegada Igreja Assembléia de Deus, proveniente do movimento pentecostal originado nos EUA.

Dentro desse panorama desenvolvimentista, os trabalhadores oriundos do campo se dirigiram para os centros urbanos na esperança de serem absorvidos pelo dinamismo em vigor, ocupando basicamente os bairros periféricos.

No quadro 03, visualizamos a ascensão da população urbana em João Pessoa e o decréscimo de sua população rural no período de 1960 a 1980.

Quadro 03

Crescimento populacional de João Pessoa no período 1960 – 1980

Ano do censo	População urbana	População rural	Total da população
1960	137.788	17.329	155.117
1970	213.569	7.977	221.546
1980	326.589	3.360	328.942

Fonte: IBGE/IDEME

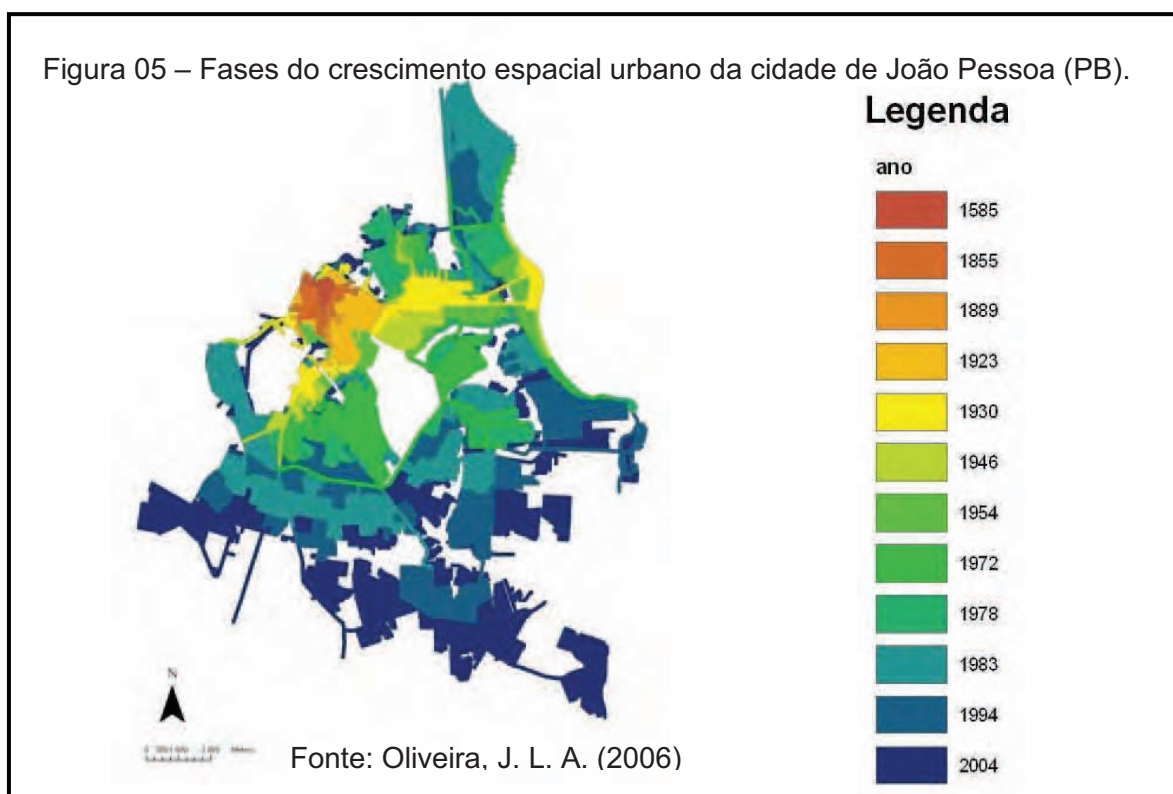
Nas últimas duas décadas (1980 a 2000), o crescimento médio anual foi estimado em 3,62%, impulsionado, principalmente, pela dinâmica do turismo e dos serviços, que atraíram fortes migrações. O quadro 04 demonstra a evolução populacional do município nas últimas décadas:

Quadro 04 Crescimento populacional de João Pessoa no período 1990 – 2007			
Ano do censo	População urbana	População rural	Total da população
1990	497.600	0	497.600
2000	597.934	0	597.934
2007	673.832	3.360	673.832

Fonte: IBGE/IDEME

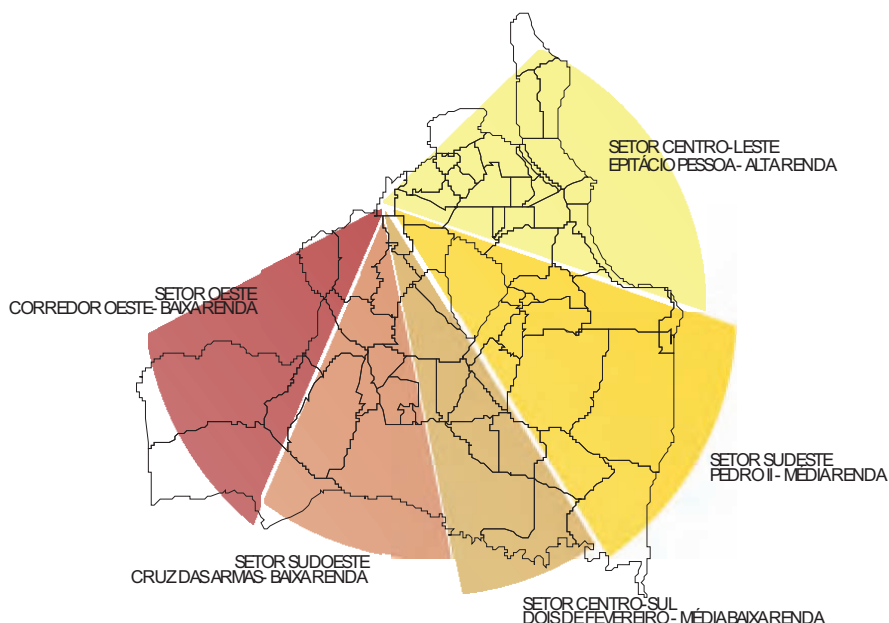
Nesse período, a expansão espacial urbana da cidade de João Pessoa se deu de maneira explosiva e dispersa, estando evidentes, nesse processo, dois fatores: o uso especulativo da terra como também o desejo de setorização social, por parte da população mais privilegiada. (PMJP, 2009; LAVIERI e LAVIERI, 1999).

Pelo mapeamento dessa análise (figura 05) observamos que a dinâmica urbana da cidade de João Pessoa até 1972, em torno de 387 anos de sua existência, abrangeu cerca de 30% da área atual e que, nas últimas décadas, expandiu-se pelos outros 70%.



Na verdade, o principal problema dessa expansão está no crescimento não harmonizado e segregado tanto no aspecto espacial quanto no aspecto social. A forma de posicionamento das diferentes classes sociais na cidade se dá, segundo analisado por Silveira (2004), através da espacialização por setores, (Figura 06).

Figura 06: Setorização espacial das diferentes classes sociais, estruturadas pelos principais corredores viários da cidade, a partir do bairro do Centro.



Fonte: Silveira (2004)

Segundo Relatório da Secretaria de Planejamento (PMJP/DIGEOC, 2009), esta setorização social, estruturando-se de forma radial em relação à malha urbana, orientada pela implantação de um conjunto de corredores radiais, definiram áreas não apenas de tendência de localização social seletiva ou excludente, mas também setores de dinâmica econômica e social bastante diferenciada.

O setor Centro-Leste, orientado axialmente pela Avenida Epitácio-Pessoa, constitui-se um setor de alta renda com mercado imobiliário bastante intenso, e tendência de alta concentração de atividades econômicas financeiras e de maior aplicação de capitais. Neste setor, juntamente com uma população de alto poder aquisitivo, instalam-se a maior parte dos equipamentos turísticos, os grandes equipamentos comerciais (Hipermercados e *Shopping-centers*). É uma área bastante adensada devido seu contato com a faixa litorânea.

O setor Sudeste, orientado axialmente pelo corredor Pedro II, constitui-se uma área de classe média, sendo a segunda área de maior dinâmica imobiliária (em termos econômicos) e a área de maior produção quantitativa imobiliária (em termos de número de novos imóveis habitacionais produzidos). Neste setor, também se destaca a formação do sub-centro de Mangabeira, que é o bairro mais populoso, o que apresenta a 4ª maior dinâmica comercial e, ainda, o bairro que contém a maior diversidade de atividades, depois do centro da cidade.

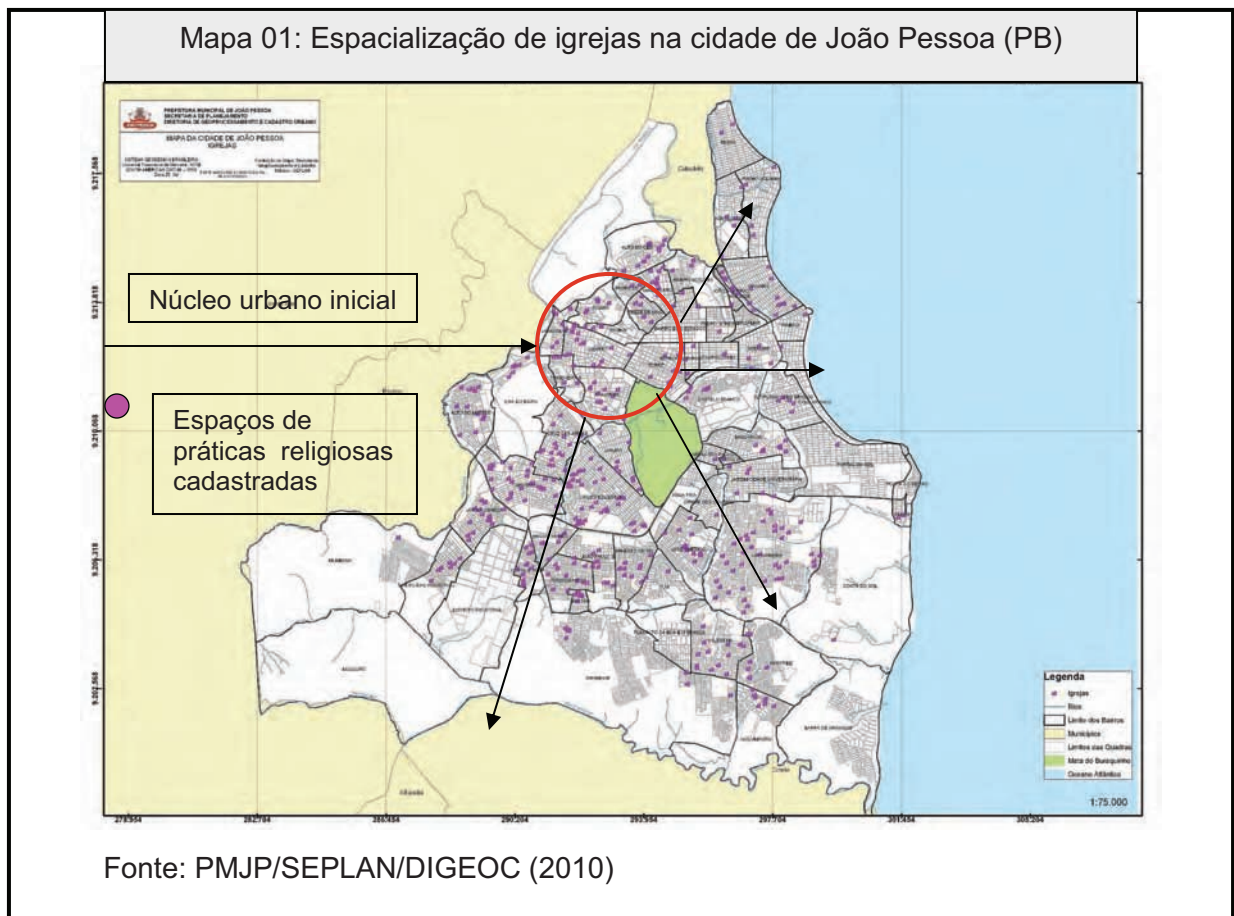
O setor Sul intermediário, orientado axialmente pelo corredor 02 de Fevereiro, constitui-se um setor de predomínio de renda média baixa, com alguns pequenos setores de renda média e um largo setor de renda baixa, particularmente ao longo da margem direita do alto rio Jaguaribe. Neste setor, também, localiza-se alguns grandes equipamentos (estádios, ginásios de esportes, atacadistas, etc.) e a sede de Instituições e Empresas estatais importantes, ao longo da Rodovia BR-230.

Os corredores sul-sudoeste e sudoeste-oeste, orientados axialmente pela Avenida Cruz das Armas e pelo Corredor Oeste, respectivamente, constituem-se os setores de predomínio de baixa renda na cidade. As atividades comerciais predominantes se referem principalmente ao comércio de alimentos, artefatos mecânicos e atacadistas mais populares.

A partir de meados desse século, fica visível a intensificação do processo de urbanização e, junto a isso, a expansão do movimento pentecostal, expandindo suas fronteiras e campo de atuação em várias direções, alterando definitivamente o sistema religioso tradicional e a paisagem religiosa da cidade.

Coerente com uma nova sociedade que nesse momento passa a se representar através da ruptura de antigos valores e padrões comportamentais, os antigos formatos religiosos institucionais foram cedendo espaço para um novo modelo religioso, construído a partir dessa fragmentação.

Novas formas de expressões religiosas surgiram no meio urbano acompanhando o ápice expansionista que a cidade teve nos últimos decênios do século. Esse fato proporcionou a disseminação do fenômeno na cidade, contribuindo para o surgimento de novas urbanidades onde as diferentes esferas sociais passaram a atuar independentemente de antigos padrões, dentro de um contexto religioso diversificado. (Mapa 01).



A diversidade de templos implantados na cidade, observada através do mapeamento realizado, revela a pulverização que tiveram pela cidade seguindo seus eixos expansionistas.

Nessas novas áreas, conforme observado por Marramao (1997), as distintas formas de expressões religiosas surgidas no contexto do urbano contribuíram para que novas formas de urbanidades se tornassem evidente pois, segundo o autor:

[...] os indivíduos se constroem hoje enquanto sujeito autônomo, livre e criativo, na procura por respostas para sua vida cotidiana originando novas urbanidades, a exemplo da vivência religiosa observada. (MARRAMAO, 1997: 15).

Os indivíduos buscam através da religião um sentido para a realidade em que se encontram quando, através de práticas e cerimônias, são estabelecidos entre eles formas de relacionamento que constituem seus sistemas de representação e classificação social. (DURKHEIM, 1996).

Para Houtart (1994), a identificação desses sistemas sociais, através da análise dos espaços de práticas religiosas, presta-se para a identificação da dinâmica religiosa no espaço urbano. Conforme verificado através de pesquisas desenvolvidas por Magnani (1999; 2008).

Nesse sentido, a análise da cidade sob a ótica da pluralidade religiosa decorrente da dinâmica expansionista instituída na cidade após meados do século XX, e sua representação através dos espaços de práticas religiosas cadastrados na PMJP, possibilita a identificação de uma rede de interações constituída por novos vínculos sociais, e sua espacialização no tecido urbano.

3.2. Pluralidade religiosa e seu núcleo de concentração

Conforme percurso metodológico apresentado, realizamos um mapeamento das ofertas religiosas na cidade e a visualização desse fenômeno na malha urbana através da utilização de dados cadastrais, elaborados pela Prefeitura Municipal, associados a informações espaciais pertencentes ao Sistema de Informações Geográficas (SIG).

Devido à disseminação encontrada (mapa 01), tendo em vista que a cidade de João Pessoa se encontra hoje dividida em 59 bairros e cinco áreas situadas na zona rural, buscamos identificar e delimitar a área com o maior número de espaços de práticas religiosas ¹³ no município em valor absoluto.

Para obtermos essa informação fizemos uma análise no banco de dados cadastrais da Prefeitura Municipal e, a partir dessa listagem, elaboramos um quadro correspondente à dinâmica de implantação de instituições religiosas na cidade no período correspondente de 2004 a 2008. (Quadro 05).

Quadro 05: Implantação de instituições religiosas em J. Pessoa entre 2004 e 2008

Evolução Do Uso Do Solo De João Pessoa - Templos (2004 - 2008)					
Valores Absolutos – As dez maiores ocorrências					
Bairros	2004	2005	2006	2007	2008
1. Cristo	27	26	16	14	23
2. Cruz das Armas	12	13	12	14	14
3. Alto do Mateus	16	16	15	14	13
4. Oitizeiro	17	19	17	17	20
5. Jd. Veneza	13	13	12	12	12
6. Ernany Sátiro	16	16	15	15	15
7. Grotões/Funcionários	16	18	17	16	16
8. Cidade Verde	25	26	24	24	24
9. Mangabeira	22	20	19	17	18
10. Valentina			11	11	
TOTAL	164	167	158	154	155
Flutuação (%)		2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008
		1,82%	-5,38%	-2,53%	0,65%

Fonte: PMJP/SEPLAN/DIGEOC (2008)

¹³ Nessa pesquisa resolvemos denominar Templos/Espaço de Práticas Religiosas àqueles lugares onde acontecem cerimônias ligadas ao serviço religioso. Isso se deu devido à diversidade de afiliações religiosas encontradas no banco de dados cadastrais quando a própria Prefeitura procede a sua uniformização.

Foram aqui selecionados os dez primeiros bairros identificados como possuidores de maior número de ocorrência de espaços de práticas religiosas no período delimitado.

É interessante mostrar que, apesar desses bairros terem se mantido como possuidores de uma maior quantidade desses espaços, identificamos estarem inseridos dentro de uma característica singular nessa dinâmica. Estão sujeitos a uma grande flutuação nas suas ocorrências, significando que afiliações religiosas são implantadas e tempos depois são fechadas.

Entre os anos 2005-2004, houve um acréscimo de implantação desses em torno de 1,82%, entre os anos de 2005 a 2007, verificamos uma diminuição deles na cidade, mas entre 2007-2008 ¹⁴ novamente observamos a implantação de novos espaços de práticas religiosas.

Esse fato ratifica a observação dos teóricos quando fala da imagem da cidade contemporânea através da multiplicidade, do fragmentário, da transitoriedade e da ruptura como modelo de comportamento na atualidade configurando uma bricolagem de crenças, valores e relações sociais.

Os dados obtidos permitiram que fosse feito a delimitação de uma área para a qual a pesquisa estaria voltada por significar o núcleo mais denso da manifestação do fenômeno estudado. Para Magnani, esse núcleo define a área específica dentro do fenômeno, categorizada por ele como sendo a Mancha.

Dessa forma, a identificação incidiu sobre o bairro de Mangabeira¹⁵ como o possuidor de maior número de ocorrência de espaços de práticas religiosas no período delimitado.

¹⁴ Utilizamos os dados até 2008 pois corresponde ao ano que antecede ao início da pesquisa.

¹⁵ Procedeu-se a inclusão da área correspondente ao loteamento Cidade Verde conjuntamente com Mangabeira por motivos justificados anteriormente, quando da apresentação da metodologia aplicada na pesquisa.

3.3. Mangabeira: maior ocorrência de espaços religiosos

A escolha do bairro de Mangabeira/Cidade Verde decorrente da investigação realizada no banco de dados cadastrais da Prefeitura Municipal o configura como sendo a área onde se encontram concentrados, na atualidade, o maior número de espaços de prática religiosa na cidade. Para compor sua caracterização, recorreremos a dados secundários da PMJP e IBGE, mas achou-se importante a utilização de fontes documentais produzidas por grupos representantes da comunidade e um portal eletrônico que constantemente faz a atualização dos dados.

O bairro localiza-se no setor Sudeste da cidade cuja implantação no ano 1983 corresponde à construção de 3.328 casas do Conjunto Residencial Mangabeira. A abertura do corredor Pedro II (Fig. 06) possibilitou a expansão da cidade para essa área, possibilitando o surgimento de novos bairros e a implantação de vários equipamentos.

Em anos sucessivos, foram implantados vários outros loteamentos até o Cidade Verde, no ano de 1996, denominado Mangabeira VIII. É atualmente o maior bairro da cidade, possuindo uma área de 1.069,60 ha e uma densidade de 70,09 hab/ha, enquanto João Pessoa possui uma área de 21.045,20 ha e uma densidade bruta de 32,02 hab/ha (PMJP/2008).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Mangabeira possui características de cidade sendo maior que 97% dos municípios paraibanos, tendo sua expansão territorial denominada de Mangabeira-Cidade Verde.

Destaca-se como um sub-centro, pois comparando ao centro da cidade ocupa o segundo lugar em diversidade de atividades, tendo sido ocupado não apenas por famílias oriundas de outros bairros, mas também por inúmeras famílias provenientes do interior do estado, segundo pesquisa realizada pelo (GRUPO HISTÓRIA VIVA DE MANGABEIRA - GHVM, 2006).

Mangabeira, hoje, destaca-se por apresentar uma estrutura tipicamente residencial muito densa e uma grande diversidade de atividades econômicas, cujo crescimento durante o período de 1991 a 2007 foi em torno de 62%. Nesse sentido teve um crescimento paralelo ao da cidade que cresceu em torno de 74%(Quadro 06).

Quadro 06:
Crescimento populacional de João Pessoa e do bairro de Mangabeira

	POPULAÇÃO 1991	POPULAÇÃO 2000	POPULAÇÃO 2007
JOÃO PESSOA	497.600	597.934	673.832
MANGABEIRA	46.233	66.698	74.971

Fonte: PMJP/SEPLAN/DIGEOC (2008)

Ocupar essa área, inicialmente, não foi tarefa fácil, segundo depoimentos dos integrantes do GHVM. Os primeiros ocupantes que para ali chegaram “esperançosos, num misto de alegria e saudade, conforme declarado por J.R.S., integrante do grupo¹⁶. “Alegria por estarmos vislumbrando um novo horizonte, e saudade dos amigos e parentes que tínhamos deixado”.

As casas de pequenas dimensões, na maioria das vezes, não acomodavam de forma conveniente os pertences trazidos da antiga moradia havendo necessidade de se desfazerem de alguns objetos, fato contado com bastante melancolia, pois, na maioria das vezes, estavam vinculados a lembranças trazidas, guardando relações de afetividade.

Para diminuir o impacto inicial, procuravam se conhecer mutuamente, “prestar serviço um ao outro ou solicitar ajuda, ou mesmo informando-nos de suas procedências e falando sobre as nossas”, continua (J.R.S.). E entre as atividades cotidianas buscavam estabelecer relações de amizade criando uma comunidade que, segundo (J.R.S.): foi dando certo, pois “estávamos todo num mesmo barco”.

A comunidade, citada por esse antigo morador, teve início tendo em vista que algumas pessoas cediam suas casas para reuniões, “onde começávamos a nos conhecer nominalmente”. Segundo ele comenta:

Daí em diante apareceram as tendências religiosas, políticas, esportivas, artísticas... Enfim, começávamos a nos identificar como pessoas ou grupos, uns com objetivos coletivos, outros com objetivos individuais. Essas coisas são comuns entre as comunidades. (J. R. S., integrante do GHVM, 2006).

¹⁶ Mestre de obra da construção civil aposentado, poeta popular.

A comunidade começou paulatinamente a se organizar e dentre essas tendências a que teve maior destaque foi o aspecto religioso. Os grupos formados se mobilizaram em busca de áreas onde fossem erguidas igrejas para abrigá-los, tendo em vista que o aumento do número de integrantes dificultava as reuniões nos reduzidos espaços das casas. Iam às ruas buscando novos integrantes para essa finalidade, compondo versos:

[...] quando cheguei em Mangabeira
 Comecei alguns contatos
 Cada noite reunião
 As famílias se juntavam
 Para fazer oração
 O Evangelho estudavam
 E faziam reflexão [...]
 (GRUPO HISTÓRIA VIVA DE MANGABEIRA, 2006)

Essa realidade fica evidente quando observamos o quadro 07, elaborado a partir do banco de dados cadastrais da PMJP de onde foram retiradas as informações sobre a localização de espaços de práticas religiosas nos bairros e feito uma classificação. Dentre os dez primeiros bairros evidenciados no *ranking*, o bairro de Mangabeira/Cidade Verde se destacou nas análises realizadas entre 2000 e 2008, confirmando nessa área uma acentuada concentração de templos.

Quadro 07

Dez bairros destacados pelo número de ocorrências de espaços de práticas religiosas

Bairros	Ranking 2000	Ranking 2002	Ranking 2004	Ranking 2006	Ranking 2008
1.Cristo	2º	1º	1º	5º	2º
2.Cruz das Armas	6º	11º	9º	8º	7º
3.Alto do Mateus	3º	5º	5º	6º	8º
4.Oitizeiro	4º	3º	4º	3º	3º
5.Jd. Veneza	12º	8º	8º	9º	9º
6.Ernany Sátiro	8º	6º	6º	7º	6º
7.Grotões/Funcionários	5º	7º	7º	4º	5º
→ 8.Cidade Verde	14º	4º	2º	1º	1º
→ 9.Mangabeira	1º	2º	3º	2º	4º
10.Valentina	10º	13º	14º	10º	10º

Fonte: PMJP/SEPLAN/DIGEOC (2008)

Com a implantação de diversos templos de diferentes denominações religiosas, o número de adeptos cresceu como também o caráter das atividades realizadas se diversificaram extrapolando do campo religioso para o político. Esse fato se justifica, segundo relato de integrantes do GHVM, pois “como todo cristão que se preza não pode ficar alheio aos problemas da população, tomamos o encargo não só das celebrações, mas também tivemos iniciativa de participar de outros movimentos políticos e sociais [...]”. GHVM (2006: 26).

As ações desenvolvidas e os resultados alcançados pelas comunidades religiosas ali presentes tiveram como produto a criação de uma Associação Comunitária que ainda na atualidade se mantém de maneira ativa, tornando-se responsável, juntamente com a expressiva Comunidade Religiosa, pela configuração sócio-espacial que hoje o bairro possui.

No intuito de identificar as transformações operadas em Mangabeira decorrentes dessas instituições sociais nesse período, tomamos como parâmetro de análise os indicadores pontuados, segundo os Objetivos do Milênio (ODM)¹⁷. Acordo celebrado em 2000 pelos 191 países membros da Organização das Nações Unidas (ONU), entre eles o Brasil, visando aferir o desenvolvimento humano de uma localidade proveniente da dinâmica urbana.

Entre os oito dos Objetivos do Milênio, são encontrados como indicadores: atingir ensino básico universal; combater a HIV/Aids, a malária e outras doenças; reduzir a mortalidade infantil; melhorar a saúde materna; estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento; garantir a sustentabilidade ambiental; erradicar a extrema pobreza e a fome; promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres.

Esses objetivos podem ser associados aos parâmetros: educação, saúde e renda, sendo eles determinantes para a construção do Indicador de Desenvolvimento Humano (IDH), sendo esse o índice-chave dos Objetivos do Milênio criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

O IDH se tornou referência mundial, tendo por objetivo a avaliação de uma determinada localidade, possibilitando a identificação de seu perfil de desenvolvimento e qualidade de vida dos moradores.

¹⁷ Compromisso firmado entre diversos países visando a erradicação da pobreza e sustentabilidade do Planeta que devem ser atingidos até 2015, por meio de ações concretas dos governos e da sociedade organizada. <http://www.pnud.org.br/pnud/>.

Segundo Amartya Sen, prefaciando o Relatório do Desenvolvimento Humano (1999), é um indicador criado para se contrapor ao conceito de que o bem-estar de uma sociedade é medido apenas pela sua renda *per capita*. Por outro lado, parte do pressuposto de que para aferir o grau de desenvolvimento de uma população não se deve evidenciar apenas a dimensão econômica, mas também as características sociais, culturais e políticas que influenciam decisivamente na qualidade da vida humana.

Dessa forma buscamos, pela utilização dessa metodologia, traçar um perfil da configuração sócio-espacial de Mangabeira, em grande parte atribuída ao trabalho sistemático, realizado pela comunidade. Para isso recorremos ao parcelamento realizado no território da cidade pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, segundo similaridades sócio-espacial, resultando em diversos setores denominados Unidades de Desenvolvimento Humano (UDHs)¹⁸, configurando o bairro de Mangabeira/Cidade Verde pela sua extensão num dos 40 setores delimitados.

Em seguida, aplicamos para a UDH Mangabeira-Cidade Verde os parâmetros do IDH, educação (Quadro 09), saúde (Quadro 10), e renda (Quadro 11), verificando-se que:

Visando atingir o ODM relativo à educação (atingir o ensino básico universal) a taxa de alfabetização p/UDH sinalizou que no censo de 1991 a UDH Mangabeira – Cidade Verde atingiu um percentual de 60,49%, ocupando o 38º lugar no *ranking*. Já no censo de 2000, passou para um percentual de 92,41%, ocupando o 13º lugar, apresentando uma melhora significativa em relação às outras UDHs. (Quadro 08).

Quadro 08		
ODM 2 – ATINGIR O ENSINO BÁSICO UNIVERSAL		
ANO (CENSO - IBGE)	1991	2000
% TAXA DE ALFABETIZAÇÃO P/UDH	60,49	92,41
RANKING	38º LUGAR	13º LUGAR

Fonte: PMJP/SEPLAN/DIGEOC (2008)

¹⁸ As UDHs têm como objetivo agrupar os bairros de uma determinada localidade por similaridade socioeconômica, relativo à implantação de infra-estrutura como também ao nível de escolaridade. Essa metodologia possibilitou a realização de diversas pesquisas e a elaboração de políticas públicas. (Secretaria De Planejamento/PMJP).

O percentual de esperança de vida, ao nascer, identificado, visando atingir o ODM relativo a saúde (combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças) sinalizou que no censo de 1991 a UDH Mangabeira – Cidade Verde atingiu um percentual de 60,32%, ocupando o 32º lugar no *ranking*. Já no censo de 2000, passou para um percentual de 70,31%, ocupando o 13º lugar em relação às outras UDHs. (Quadro 09).

Quadro 09		
ODM 6 – COMBATER O HIV/AIDS, A MALÁRIA E OUTRAS DOENÇAS		
ANO (CENSO - IBGE)	1991	2000
ESPERANÇA DE VIDA AO NASCER P/UDH	60,32	70,31
RANKING	32º LUGAR	13º LUGAR

Fonte: PMJP/SEPLAN/DIGEOC (2008)

Finalmente, visando atingir o ODM relativo à renda (erradicar a extrema pobreza e a fome), o percentual de indigentes identificado sinalizou que no censo de 1991 a UDH Mangabeira/ Cidade Verde atingiu um percentual de 29,89% indigentes p/UDH, ocupando o sexto lugar no *ranking*. Porém no censo de 2000 passou para um percentual de 9,04% indigentes p/UDH, ocupando o 28º lugar, apresentando uma visível melhora em relação às outras UDHs durante esse período. (Quadro 10).

Quadro 10		
ODM 1 – ERRADICAR A EXTREMA POBREZA E A FOME		
ANO (CENSO - IBGE)	1991	2000
% DE INDIGENTES P/UDH	29,89	9,04
RANKING	6º LUGAR	28º LUGAR

Fonte: PMJP/SEPLAN/DIGEOC (2008)

No intuito de delinear o perfil de Mangabeira e identificar as transformações ali operadas, vemos que o bairro se manteve desde sua implantação em 1983 até metade da década de 90 como um bairro periférico com pouca expressividade dentro da malha urbana. Porém, no período correspondente a 1991/2000 obteve

uma melhoria significativa de desenvolvimento humano expressa pela utilização dos indicadores.

Esses dados são confirmados segundo informações obtidas no portal eletrônico mantido na Wide World Web¹⁹ pela comunidade, que atribui às transformações verificadas no bairro a organização social construída pelos moradores:

É um bairro oriundo de uma população, em sua maioria, vinda do interior do estado e de bairros periféricos que se orgulha em possuir um perfil que alterna costume de cidade grande, com cultura do interior e sertão numa mistura de comportamento capaz de fazer inveja a qualquer morador de outra localidade. Durante o dia possui o movimento dos centros comerciais e a noite sua população conserva o hábito de colocar cadeiras nas calçadas, passear nas praças ou freqüentar as casas de praticas religiosas.
www.portalmangabeira.com

Como percebemos, a maioria dessa população, vinda do interior do estado, trouxe consigo hábitos e religiosidades identificados nas falas dos próprios moradores do bairro. Esse comportamento criou entre os indivíduos afinidades e vínculos configurando uma comunidade moral expressiva, seguidores de padrões de comportamento atinentes às denominações religiosas que expressam.

Essa tendência religiosa deu suporte para enfrentar os desafios iniciais e originou uma diversidade de espaços de práticas, tendo-se destacado de forma expressiva entre os demais bairros da cidade, conforme levantamento apresentado. Isso possibilitou que o bairro de Mangabeira tenha assumido posições no *ranking* de desenvolvimento humano cada vez mais próximo dos padrões sugeridos pelos Objetivos do Milênio.

Mangabeira, hoje, apresenta uma faixa de renda entre 3 a 5 salários mínimos. Possui uma rede de esgotamento sanitário implantada em toda área mais antiga do bairro, estando isso diretamente ligado ao resultado do indicador saúde. Há também uma expressiva presença de escolas, municipais e estaduais, dados esses que

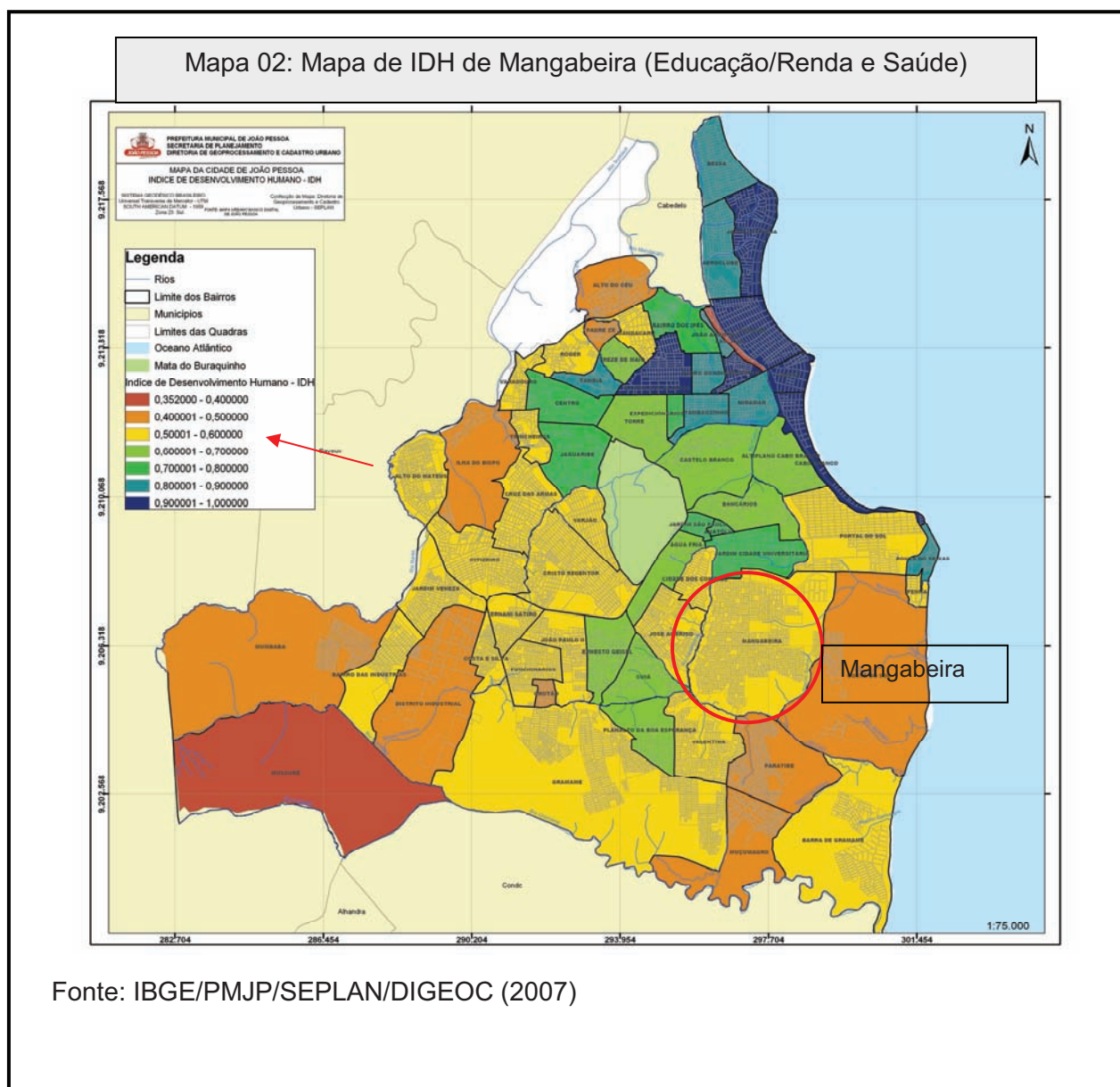
¹⁹ WIDE WORLD WEB.

http://portalmangabeira.com/v2/index.php?option=com_content&task=view&id=89&Itemid=74.

Acesso em: 15/10/2009.

remetem o bairro à faixa situada numa escala entre 0.5 e 0.6 no IDH, (num parâmetro de 0 a 10). (Mapa 02).

Conforme constatamos no mapa temático, elaborado a partir dos dados disponibilizados pelo IBGE, o gradiente de cores utilizado para visualização dos IDH, indo do azul até o vermelho em função do parâmetro alcançado, situa o bairro de Mangabeira numa posição mediana nesse *ranking*, ratificando, assim, as avaliações trazidas pelos moradores da área.



Esse fato é analisado pela comunidade através do portal de Mangabeira como sendo esse “o perfil traçado do maior bairro do Estado da Paraíba, cujo crescimento se fez através de muita luta, lágrimas e suor, com a coragem, a bravura e a vontade de vencer de um povo CRISTÃO.”

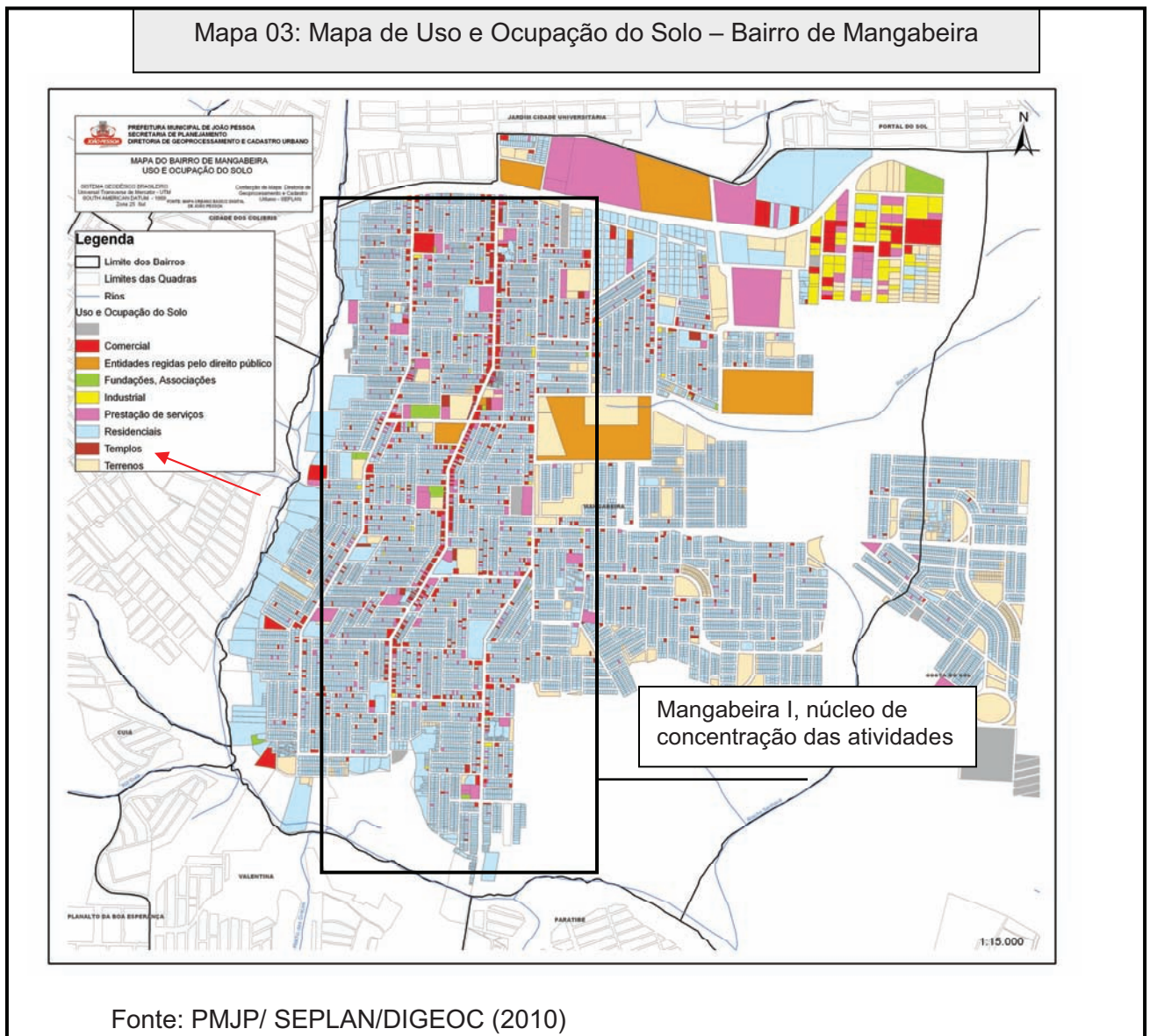
A fala da comunidade evidencia a significativa participação que a religiosidade popular teve como fator determinante para a configuração sócio-espacial, encontrada em Mangabeira na atualidade.

Nesse sentido, o passo seguinte da pesquisa foi delimitar dentro da Mancha representada pelo bairro de Mangabeira um espaço onde fosse possível identificar um grupo representativo do fenômeno religioso através da análise de sua rede de relações. Esse espaço foi classificado, segundo Magnani (2008) como sendo o Pedaco, o ponto de referência do fenômeno.

3.4. A rua como objeto de análise

Para a identificação da área como ponto de referência do fenômeno a ser estudado procedemos a elaboração de um mapa de uso e ocupação do solo do bairro de Mangabeira onde se visualizou, entre as diversas atividades cadastradas na Secretaria da Receita da PMJP, o uso comercial, industrial, prestação de serviço, residenciais, entidades regidas pelo direito público, fundações e associações, terrenos e os espaços de prática religiosa.

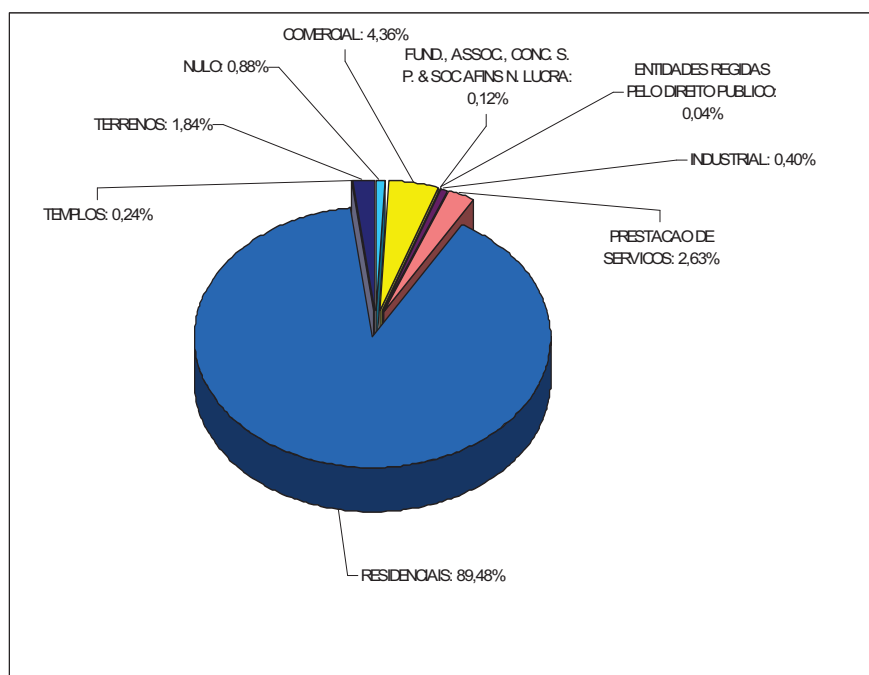
As ocorrências dessas atividades evidenciaram como núcleo denso a área mais antiga do bairro, correspondente à implantação do primeiro conjunto de casas em 1983, conhecida popularmente como Mangabeira I. (Mapa 03).



A tabela 02 relaciona as ocorrências das atividades e o percentual da ocupação no bairro apresentadas no mapa 03.

Tabela 02- Uso e ocupação do solo - Mangabeira

USO E OCUPAÇÃO DO SOLO	QUANTIDADE	QUANTIDADE(%)
NULO	167	0,88
COMERCIAL	828	4,36
ENTIDADES REGIDAS PELO DIREITO PUBLICO	7	0,04
FUND,ASSOC,CONC S.P. & SOC AFINS N LUCRA	23	0,12
INDUSTRIAL	76	0,41
PRESTACAO DE SERVICOS	500	2,63
RESIDENCIAIS	16.985	89,48
TEMPLOS	46	0,24
TERRENOS	349	1,84
TOTAL	18981	100



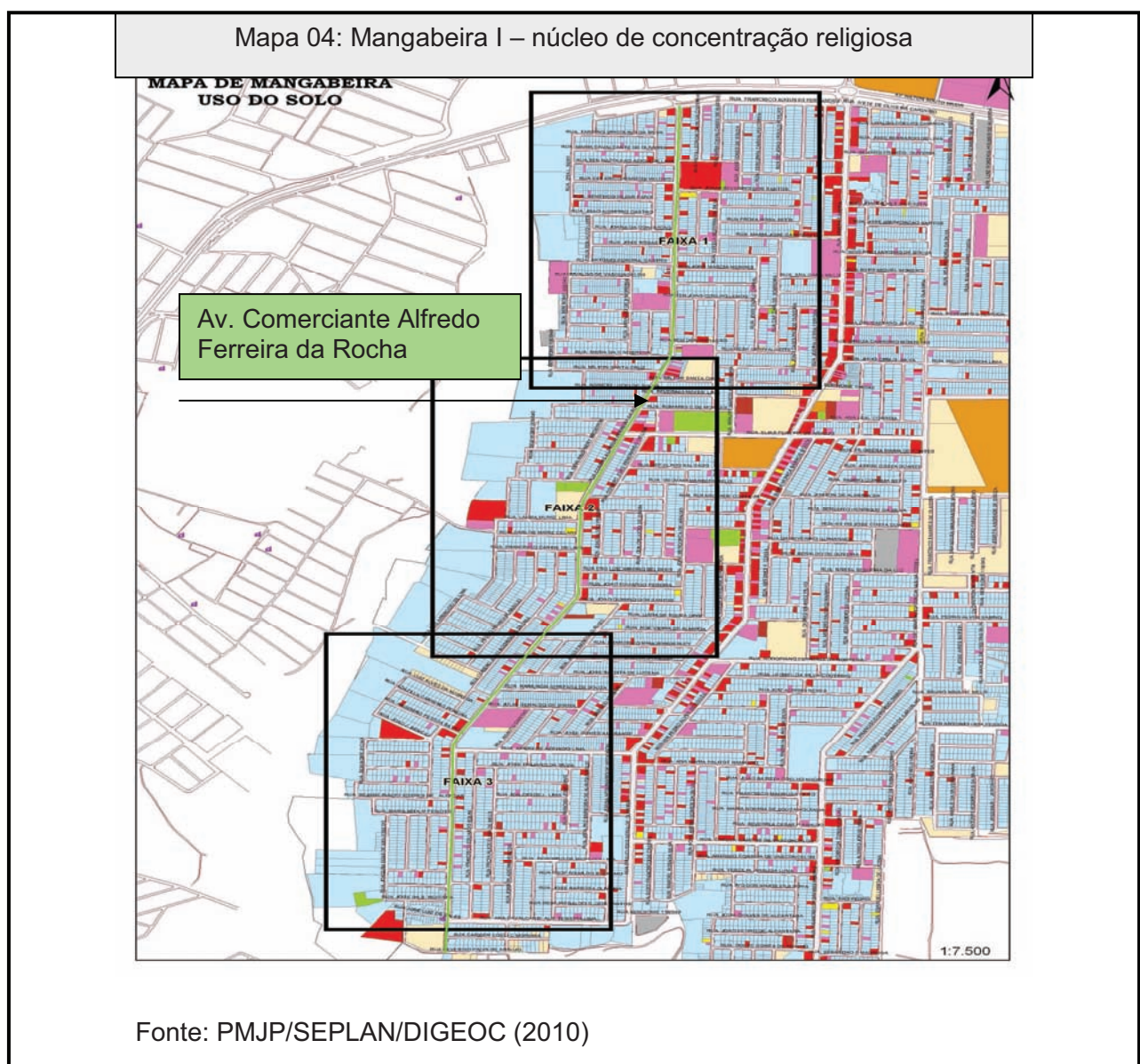
Fonte: PMJP/SEPLAN/DIGEOC (2010)

Verificamos que o bairro predominantemente residencial (89,48%) possui uma forte característica de comércio (4,36%) e serviço (2,63%). Os espaços de práticas religiosas cadastrados no tipo de uso – Templos aparecem com um percentual de 0,24%. A partir de um estudo exploratório dentro do núcleo de concentração, foi identificado o local onde se tem uma maior ocorrência de instituições religiosas, mais especificamente a Avenida CAFR.

A identificação dessa área delimita o Pedacço, segundo categoria de análise estabelecida por Magnani (2008). Esse espaço, enquanto ponto de referência do fenômeno, possibilitou a investigação sobre sua dinâmica religiosa e que rede de relações estabelece no espaço da cidade.

Na ACFR, foram encontradas 17 diferentes espaços de práticas religiosas verificando-se que nesse local estão concentrados 36,95% desses espaços, ratificando a escolha dessa área para seu estudo.

Devido a extensão da ACFR (6 Km), a mesma foi dividida em três faixas visando à coleta e sistematização dos dados sobre os espaços de práticas religiosas ali localizados. (Mapa 04). Buscamos identificar dentre as diversas afiliações religiosas encontradas a que melhor se adequasse aos objetivos da pesquisa, vindo a ser analisada através de sua dinâmica interna.



Ratificamos no campo a transitoriedade/flutuação dos espaços de práticas religiosas apresentados nos dados cadastrais e analisados através do quadro 03 (pág. 66). Alguns deles, relacionados no mapa de uso do solo, haviam sido fechados, como também observamos o surgimento de novos, muitas vezes em lugar de um prédio residencial, evidenciando a intensa dinâmica existente na rua.

A Avenida Comerciante Alfredo Ferreira da Rocha representa, juntamente com a Avenida Josefa Taveira, os dois grandes eixos viários que estruturam Mangabeira I. Por elas transitam as linhas de ônibus, automóveis e pedestres, justificando-se dessa forma a implantação e alteração dos diversos tipos de usos relacionados.

Essa diversidade de usos faz com que a área se apresente com grande atividade, conforme descrito no Portal de Mangabeira. Nele, os moradores validam o que foi observado na pesquisa de campo, ou seja, que durante o dia o movimento da população na rua se dá em função das atividades de comércio e serviço, predominando em detrimento das demais.

Já à noite, o perfil dos usuários muda a paisagem do bairro revelando que a maioria da população ainda conserva costumes trazidos pelos que ali chegaram, vindos do interior do estado. As calçadas são ocupadas com cadeiras para longas conversas; os bares e lanchonetes são freqüentados durante as noites para reuniões, encontros e bate-papo; as pessoas costumam ir às praças praticarem os mais variados tipos de atividade; e se observa uma intensificação na freqüência e atividades nas casas de práticas religiosas espalhadas ao longo da avenida. (Fotos 06, 07).



Foto 06 e 07: Lanchonetes e barzinhos localizados na Avenida CAFR, Mangabeira I
Acervo da autora (2009).



Foto 08: A praça Ellen Lucy (popularmente, Praça do Coqueiral).



Fotos 09 e 10: Comemoração do Dia de Santa Luzia.
Acervo da autora (2009).

As praças são bastante utilizadas por aqueles que buscam, entre outras atividades, a prática de esportes e atividades culturais. É freqüente a presença de grupos religiosos como também as apresentações artísticas. (Foto 08). Por vezes, ruas são fechadas ao tráfego de automóveis para realizações de práticas religiosas e discussões de problemas da comunidade local. (Fotos 09 e 10).

A pesquisa exploratória realizada em dias e turnos diferenciados visou ao reconhecimento da área de estudo procedendo-se a um inventário e categorização dos espaços de práticas religiosas identificados, conjuntamente com um registro fotográfico das instituições.

Durante a pesquisa de campo, verificamos a presença de uma grande diversidade religiosa, desde instituições mais tradicionais, como a igreja católica e a evangélica, a espaços voltados para o prestação de serviço religioso, como as de menor expressividade local. (Quadro 11).

Para essa análise, levamos em consideração não apenas o quadro de fiéis, mas a dinâmica interna desses espaços, sua forma de organização e representação social no meio urbano, evidenciado pela estrutura de seus prédios enquanto “textos não verbais” repleto de significados, segundo Ferrara (1997).



(11) Ig. Batista Filadélfia



(12) Ass. Deus Madureira



(13) Ass. Deus Cardebrás



(14) Ig. Evan. Verbo da Vida



(15) Ig. Batista Missionária



(16) União Ig. Evangélicas



(17) Núcleo Esp. Luiz Sérgio



(18) Igreja. Evangélica Missio. Unidos do Brasil



(19) Ig. Metodista Wesleyana



(20) 1ª Ig. Batista –



(21) Com. Cristã Paz e Vida



(22) Ig. Pentec. Filadélfia



(23) Ass. de Deus/Missões



(24) Ig. Educac. Beth Shalom

Quadro 11: Levantamento parcial dos espaços de práticas religiosas localizados ao longo da Avenida CAFR.
Acervo Autora (2009)

Após a identificação dos espaços de prática religiosa, procedemos a visita aos mesmos, fazendo contatos com seus dirigentes e membros. Também, participamos de diversas atividades das instituições visando à aquisição de dados sobre as mesmas e vivências em suas práticas.

Esse procedimento possibilitou a identificação e categorização das mesmas, e podemos perceber uma nítida predominância das igrejas evangélicas, especialmente, as de orientação pentecostal, em sua maioria funcionando em espaços adaptados de antigas residências cujo espaço foi cedido para a implantação de novos usos. (Quadro 12)

Quadro 12: Identificação dos espaços de práticas religiosas na avenida CAFR

ESPAÇOS DE PRÁTICAS RELIGIOSAS	CONSTRUIDA	ADAPTADA
Igreja Assembléia de Deus		
Igreja Batista Pentecostal Filadélfia		
Igreja Assembléia de Deus/ Madureira		
Igreja Evangélica Assembléia de Deus (Cardebrás)		
Igreja Pentecostal		
Igreja Batista Missionária		
Igreja Evangélica Congregacional da União das Igrejas Evangélicas do Brasil		
Igreja Evangélica Verbo da Vida		
Primeira Igreja Batista de Mangabeira		
Igreja Metodista Wesleyana		
Igreja Pentecostal Filadélfia da Paraíba		
Igreja Assembléia de Deus/ Missões		
Igreja Evangélica Missionária Unidos do Brasil		
Igreja Evangélica Educacional Beth Shalom		
OUTROS ESPAÇOS		
Missão luz e Vida		
Núcleo Espírita Luis Sérgio		
Academia Artes Marciais		
Comunidade Cristã Paz e Vida		

Fonte: Autora (2010)

Alguns desses espaços, a exemplo da Comunidade Cristã Paz e Vida (CCPV), são considerados lugares ecumênicos onde se presta serviço religioso “não importa em que denominação religiosa a pessoa congrega ou mesmo se tem alguma”, segundo pastor Marcondes de Oliveira. Complementado por C.I.S., “obreiro” dessa igreja:

Aqui não perguntamos se a pessoa é evangélica, católica ou se frequenta terreiro, recebemos todos que vêm procurando se edificar através da palavra de Deus, buscando soluções para problemas de toda espécie. (C. I. S., obreiro da Comunidade Cristã Paz e Vida).

Esse espaço religioso tem como prática a entrega de um material a ser preenchido identificando o tipo de problema a ser solucionado. Os problemas vão desde desemprego e dívidas, “olho gordo”, macumbas e maldições, vontade de morrer ou sumir, barulho ou vozes do além, falta de paz, entre outros. (Quadro 13).

Quadro 13: Folheto distribuído na Comunidade Cristã Paz e Vida

Qual é o seu problema? Preencha e traga: às 08:00; 15:00 ou 18:00h			
	Negócios difíceis		Problemas sentimentais
	Desemprego		Pessoas desaparecidas
	Dívidas		Solidão ou abandono
	Falta de prosperidade		Vícios que atrapalham
	Inveja, olho gordo, quebrante		Desespero
	Macumba e maldições		Tristeza por luto na família
	Pesadelos constantes		Medos e fobias
	Vontade de morrer ou sumir		Traumas e complexos
	Barulhos ou vozes do além		Dor de cabeça estranha
	Vultos na escuridão		Doenças na família
	Falta de paz e nervosismo		Problemas com os filhos

Fonte: Comunidade Cristã Paz e Vida (2009)

A rua possui uma paisagem visivelmente marcada pelos apelos e oferta de serviços inerente à diversidade religiosa existente. Estão restritos não apenas a seu material impresso e pregações nas reuniões das igrejas e calçadas, mas também se encontram demarcados nas fachadas de seus prédios. Todas prometem um “mergulho na vitória”, “curas e maravilhas”, a paz e libertação dos males visíveis aos que transitam pela via.



Fotos 25, 26, 27 e 28: Apelos e ofertas de serviços religiosos nas fachadas. Acervo Autora (2009)

Segundo observado, trata-se de um aspecto da religiosidade encontrada em que os fieis buscam alívio imediato para seus males e soluções para seus problemas cotidianos, observado pela fala de uma das moradoras dessa rua:

Eu vou numa igreja quando estou precisando ouvir um conselho, resolver um problema, ou quando alguém me convida. Deus é um só. (K. M. S., moradora da ACFR).

A escolha da Igreja Evangélica Assembléia de Deus-Missões/Mangabeira (figura 12 do quadro 12) dentro desse contexto, visando à análise de sua dinâmica interna, deu-se a partir de alguns fatores.

Foi verificado na IEAD/Mangabeira um trabalho consolidado diante da transitoriedade de outras afiliações e uma representatividade religiosa auxiliando na construção de um espaço social através das regras de convivência estabelecida entre os fieis.

Nos contatos realizados, verificamos por meio da análise da dinâmica interna dessa igreja, grupos de trabalho e práticas religiosas, que vários dirigentes que ali se encontram frente aos trabalhos dessa casa, estiveram presentes nos movimentos religiosos organizados no bairro pelos primeiros moradores que ali chegaram em 1983. Pessoas que, a principio, celebravam cultos em suas casas, mas que através “de muita luta e da vontade de vencer de um povo CRISTÃO” constituíram-se numa expressiva comunidade religiosa representativa no bairro.

Nesse sentido, a escolha incidiu sobre ela devido sua adequação para a elaboração de uma cartografia simbólica, visando analisar como o objeto religioso se constrói, a partir sua dinâmica interna e como reconfigura o espaço da cidade.

Capítulo IV

A Igreja Evangélica Assembléia de Deus mapeada

Nesse capítulo, apresentaremos resultados da aplicação da metodologia para análise do fenômeno religioso na cidade de João Pessoa (PB) na escala do micro (2ª etapa) e assim, como na apresentação da etapa anterior, estabeleceremos um diálogo entre os dados obtidos e os conceitos teóricos levantados. Num primeiro momento, tendo como objeto de estudo a Igreja Evangélica Assembléia de Deus/ Missões (IEAD), analisaremos sua dimensão religiosa e de que forma se apresenta enquanto instrumento de controle e definidor de uma ordem social no bairro de Mangabeira através das práticas desenvolvidas pelos diversos grupos constituídos. Num segundo momento, analisamos através das práticas decorrentes de suas redes de relações e valores sociais, a expansão das fronteiras físicas da igreja revelando um novo modelo de urbanidade e apropriação do espaço urbano.

4.1. A implantação da Igreja Evangélica Assembléia de Deus

Segundo relato histórico, a Assembleia de Deus chegou ao Brasil em 1910; trazida por missionários suecos, vindos dos Estados Unidos, tendo se fixado na cidade de Belém (PA). Aqui chegando, ingressaram na comunidade evangélica batista, mas em função da influência da doutrina pentecostal trazida, partiram no ano seguinte para a implantação de uma nova igreja cujos integrantes se reuniam nas casas das famílias.

Os seguidores da nova igreja adotaram, a princípio, a denominação Missão de Fé Apóstólica, passado no ano de 1918, a chamar-se Assembleia de Deus, em virtude da fundação das Assembleias de Deus nos Estados Unidos, em 1914.

Espalharam-se por diversos estados, tendo como alvo as camadas mais carentes da população. Na Paraíba, por volta de 1918, no distrito de Vertente, em Alagoa Grande, tem-se notícias que ali se iniciaram os primeiros cultos de natureza pentecostal no estado.

É um trabalho que desde os primeiros tempos vem sendo realizado através da busca de fieis em lugares mais longínquos, sempre buscando congregar pessoas que, inicialmente, organizam-se em suas casas, a exemplo das primeiras comunidades cristãs. Esse fato constatamos conforme matéria assinada por Vitalino Bezerra no jornal Boa Semente, primeiro jornal de propriedade da IEAD fundado em 1919, mudando para o atual Mensageiro da Paz, a partir de 1930: (OLIVEIRA, 2008)

Quero dar algumas notícias do trabalho aqui. Temos novos lugares de culto onde, com liberdade, podemos falar do evangelho. Os lugares são distantes uns dos outros. Há distância entre alguns de até seis léguas [...]. O dono da casa, que é pessoa de certa influência no lugar, creu e jogou fora os seus ídolos. As demais pessoas se mostraram interessadas.
<http://www.adpb.com.br/90anos/90anos.php>

Devido a esse intenso trabalho, realizado pelos seus membros em diversas localidades, no ano de 1923, a IEAD teve a fundação da primeira sede oficial no bairro de Jaguaribe na capital do estado, coincidindo com o período de expansão territorial na qual a cidade foi submetida. E, segundo dados fornecidos pela Convenção de Ministros das Assembléias de Deus no estado da Paraíba (COMADEP), hoje, está presente na totalidade dos municípios paraibanos, possuindo em torno de 1.500 templos.

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus na cidade de João Pessoa, assim como nas demais cidades brasileiras, está estruturada em forma de rede, onde cada Ministério é constituído pela igreja-sede e essa com suas respectivas filiadas, congregações e pontos de pregação (subcongregações) localizadas nos bairros.

Essa forma de estruturação e dinâmica interna como também sua implantação em lugares carentes de um ordenamento social podem ser representadas de maneira simbólica no espaço da cidade. Através do trabalho de campo, fomos delineando um mapeamento da IEAD e a identificação de seus símbolos como será exposto a seguir.

4.2. As relações sociais e a ordem espacial

A elaboração da cartografia simbólica, realizada na IEAD-Missões/Mangabeira através do mapeamento de seu espaço religioso e a compreensão de seus significados dentro da sociedade, tiveram como premissa a identificação do sistema de relações estabelecido dentro desse fenômeno social e sua representação na cidade.

Desta vez, faremos uma cartografia desse fenômeno e sua dinâmica interna através de uma análise sobre a IEAD-Missões/Mangabeira, de suas práticas e narrativas religiosas obtidas com base nas observações participativas durante a pesquisa.

Sabemos que o espaço pode se caracterizar pelo privado, onde as relações de familiaridade são preponderantes; ou pelo público, onde imperam as relações e contatos de superficialidade, assumindo dessa forma funções específicas e diferenciadas. Nesse sentido Da Matta (1977) analisa que:

[...] O espaço se confunde com a própria ordem social, de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido. (DA MATTA, 1997: 34)

A IEAD-Missões/Mangabeira, segundo relatado por alguns de seus integrantes, teve origem, a partir do empenho de grupos formados pelos que ali chegaram quando da implantação do primeiro conjunto de casas na área. Era um trabalho realizado seguindo princípios da doutrina evangélica pentecostal voltada para a leitura frequente e pregação do evangelho, e na busca de um sentido de vida e orientações para os participantes da comunidade religiosa, através de um trabalho de cooperação entre eles.

O registro histórico, realizado pelo Grupo História Viva de Mangabeira (GHVM, 2006) visando à preservação da memória de ocupação inicial de Mangabeira, é hoje um importante material em que podemos identificar nas narrativas de antigos moradores essa construção social, conforme relato feito por um integrante do grupo, J. R. S.:

Agora, amainadas as atividades extras, voltadas para a luta cotidiana do emprego e do serviço doméstico corriqueiro, começamos a querer formar nosso círculo de amizade, tentando criar uma comunidade num clima que até então parecia dar certo, porque estávamos todos num mesmo barco. Todos procurando encontrar algo. (J. R. S., integrante do GHVM, mestre de obra da construção civil aposentado, poeta popular. 2006:25).

Comenta-se que costumavam se reunir nas casas das famílias para as práticas religiosas como forma de adaptação aos desafios e durezas iniciais, mas que tão logo foi possível se instalaram num prédio na Avenida ACFR. Vários desses antigos integrantes permanecem à frente como dirigentes de algumas das atividades que a igreja desenvolve, como por exemplo, da “Irmã” Maria da Penha Trajano, hoje uma das coordenadoras do grupo de criança na Escola Dominical.

Algumas pessoas cediam suas casas para reuniões, onde começávamos a nos conhecer nominalmente como no caso da Irmã Penha Trajano que ainda hoje trabalha na Igreja (Irmã Daniele Costa, Coordenadora da Escola Bíblica Dominical).

Esse trabalho inicial é freqüentemente lembrado por todos devido à importância que teve para a delimitação do espaço religioso no bairro e organização de regras de condutas para seus integrantes. Pois, ao mesmo tempo em que realizavam as práticas religiosas, desenvolvendo um trabalho assistencial entre a população, estabeleciam uma delimitação entre distintas categorias de espaço no bairro em função das atividades desempenhadas pela igreja.

O trabalho do grupo possibilitou a criação de um elo de familiaridade entre seus integrantes à medida em que os ensinamentos religiosos transmitiam valores e comportamentos a serem seguidos, conforme preconizado por Durkheim (1996), contribuindo para a construção do ser social, mudando o conteúdo das consciências coletivas e ao mesmo tempo delimitando espaços de sociabilidades no bairro.

Observamos que as atividades relativas ao emprego e ao serviço doméstico são tidas como atividades secundárias enquanto que a necessidade de pertencimento a um grupo como resposta a uma busca “para encontrar algo” é

preponderante. O caminho utilizado para isso através da dimensão religiosa se faz visível na sua fala quando complementa em sua narrativa:

Éramos como ovelhas sem rebanho, mas tínhamos que dar o primeiro passo. Ali encontravam-se fragmentos de diversas comunidades [...]. Todos éramos joio ou trigo [...] E então nós e algumas pessoas começamos a dar os primeiros passos, buscando não separar o joio do trigo, mas desejando que todos se definissem como trigo. (J. R. S., integrante do GHVM, 2006:26).

O entendimento desse tipo de relações sociais e a forma como o espaço onde elas são realizadas é compreendido, e que função assume para o grupo, faz-se importante, tendo em vista que, segundo Da Matta (1997), o espaço se configura seguindo determinada ordem social chegando a ser confundido com ela por se misturar a uma série de valores que lhe servem de orientação.

Partindo do princípio de que o espaço é concebido através de diferentes formas de apropriação, tendo em vista, segundo Durkheim (1996), tratar-se de uma construção social permeada de valores distintos, observamos que sua demarcação é feita quando se estabelecem fronteiras delimitando seus espaços. E essas fronteiras se tornam legítimas na medida em que são “aceitas pela comunidade como um todo”. (DA MATTA, 1997: 37).

E, conforme analisado por Magnani, “os usuários obedecem a essa ordem sem necessariamente dar-se conta disso, pois o padrão está internalizado. Ao pesquisador cabe identificar tais regras”. (MAGNANI, 2008: 37).

Não é à toa que nas pequenas cidades das áreas rurais podemos visualizar desde longe a torre da igreja, sendo possível identificar quando ali se chega outros marcos, além do templo religioso, que se pretendem eternos no espaço urbano: a praça, o mercado, a prefeitura, a câmara de vereadores entre outros, estando relacionados por Da Matta como “tudo aquilo que representa a possibilidade de emoldurar a vida social num sistema fixo de valores e de poder”. (DA MATTA, 1997: 49).

A igreja IEAD-Missões/Mangabeira não fugiu a essa regra. Para sua implantação era importante que se situasse num local de fácil acesso e com uma

boa visibilidade, tendo em vista que esse procedimento facilitaria a chegada de futuro membros. Premissa essa que também levou as demais instituições religiosas a se estabelecerem no mesmo lugar, tendo sido esse um fato constatado *in loco* quando da pesquisa de campo.

Começou a chegar mais gente e a casa de irmã Penha não tava cabendo. Tinha também as pessoas que procurava ajuda e era importante de ter um lugar que fosse fácil de chegar. (Irmão J. S., participante do Grupo de Louvor no Mercado Público de Mangabeira).

Sobre as distintas categorias de espaço, Da Matta (1979: 45) ressalta que “os espaços são marcados individualizadamente” podendo ser distinguidos entre as categorias de análise: a Casa e a Rua. Cabendo a Casa ser o lugar da família, da proteção, da pessoalidade devido aos vínculos sociais ali estabelecidos, ligados ao ciclo vital. Já a Rua configura como sendo o lugar do anonimato, do individualismo e do perigo.

Em seguida, o autor elabora uma nova categoria estabelecida no âmbito da rua identificada como sendo: o Outro Mundo. Cabe a essa categoria mesclar os atributos que a categoria Casa possui estando fora dela, na categoria Rua. É uma área de fronteira entre essas duas categorias, ou seja, no outro mundo configuram espaços privados existentes fora da Casa, mas que também possibilitam o desenvolvimento de vínculos sociais estreitos, e neles vamos encontrar como sendo um dos mais significativos dessa categoria os templos religiosos.

Como se observa, o Outro Mundo se apresenta como um espaço de diferente sentido e significado, sendo a religião um importante instrumento para sua delimitação. Dessa forma, remete-nos a uma dimensão social específica dentro do espaço urbano onde determinados grupos e regras de convivências solidárias são estabelecidas interiormente, conforme relatado por irmã E. F.:

Aqui todos têm uma função. Quando agente chega aqui (no templo) já sabe o trabalho que deve fazer. Um se ocupa do coral, outro do grupo da melhor idade, outro arruma o salão para o culto do dia. E mesmo aqueles que por algum motivo não pode

vim, às vezes tá doente, então vai uma pessoa na casa dele lê com prá ele a doutrina. (Irmã E. F., colaboradora do Grupo da Melhor Idade).

E continua:

Isso aqui é uma maravilha, para cada idade tem uma atividade. Nós da Melhor Idade, fazemos passeios, todo mundo junto, conhecemos lugares diferentes, visitamos outras igrejas nas outras cidades, aquelas que às vezes tá precisada. Aqui temos também um grupo que se apresenta contando histórias que estão na bíblia. É uma beleza! Todos que chegam aqui encontram o que vem buscar.

Sob esse aspecto, Magnani (2008) analisa que, quando um espaço torna-se referência para distinguir determinado grupo de freqüentadores como pertencente a uma rede de relações sociais muito próximas, baseada em princípios de solidariedade, é categorizado como sendo um Pedaco.

Nesse caso, o Pedaco cabe no mesmo conceito durkheimiano que esse tipo de vínculo social cria, ou seja, uma comunidade marcada por laços de sangue, de relações primárias, consenso e rígido controle social.

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (MAGNANI, 2008:32).

Um espaço, como os templos religiosos, onde “se tece a trama do cotidiano: a vida do dia a dia, a prática da devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais. (MAGNANI, 2008:32). E, dentro dele, as regras de convivência e padrões de comportamento são utilizados como forma de controle de comportamento a ser seguido pelo grupo.

Essa categoria de análise do espaço urbano se presta para uma maneira de se olhar a cidade através de uma das dinâmicas que a move, a religiosa. Trata-se de

uma dinâmica que é identificada através de símbolos que lhe são próprios. Símbolos internalizados na doutrina, mas que se fazem visíveis na cidade através de “textos-não verbais”. Segundo Ferrara (1997):

Na cidade, o texto verbal liberta-se da sucessão gráfica dos caracteres e adiciona-se aos índices dispersos em quilômetros de rua, avenidas, edifícios, multidões em locomoção, ruídos, luzes, cor, volume. Os textos não-verbais acompanham nossas andanças pela cidade, produzem-se, completam-se, alternam-se ao ritmo dos nossos passos e, sobretudo, da nossa capacidade de perceber, de registrar essa informação. É esse registro que transforma os textos não-verbais em marcos referenciais da cidade; signos da cidade, esses marcos aglutinam objetos e signos urbanos. (FERRARA, 1997: 20).

No caso da IEAD um de seus símbolos é o uso da cor azul em seus templos, tornando-se um elemento marcante na paisagem, juntamente com a composição de suas fachadas. Ele é utilizado como forma de identificação da IEAD entre as demais dentro do contexto urbano. (Fotos 29 e 30).



Foto 29: Igreja Evangélica na Avenida CAFR, Mangabeira I.



Foto 30: Matriz da Igreja Evangélica no bairro de Jaguaribe.

Acervo da autora (2009).

A própria disposição de suas linhas arquitetônicas tem a mesma função de identificação que a cor possui e expressam os princípios de conduta sóbria que seus

integrantes devem ter. É uma fachada desenhada em linhas retas, obedecendo a uma rígida geometria e equilíbrio entre seus elementos. Verificamos uma ausência de elementos decorativos possuindo apenas o letreiro e a cor como identificação.

Segundo Bourdieu apud Ortiz:

[...] isso cria um estilo de vida que dialoga com o sistema religioso que o origina e que influencia as varias dimensões da vida dos fieis, constituindo um gosto peculiar, reconhecível por seus signos próprios (vestimenta, forma de falar, uso da bíblia, costumes e hábitos). Possuem um conjunto de praticas e de atitudes como peculiares e pertencentes àqueles que compõem o grupo. (BOURDIEu apud ORTIZ, 1983: 34).

O conjunto de signos reflete a forma de organização/estrutura social do grupo construindo sua identidade cultural. A análise de um grupo precisa ser feita situando-o frente suas formas de diferenciação social, ou seja, como o grupo se reconhece e constrói sua identidade demarcando sua diferença frente à população local. (GOLDFARB, 2004:80).

A identidade dos integrantes da IEAD está normatizada através de princípios sistematizados durante a 22ª Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (1975), realizada em Santo André (SP), onde se estabeleceu como diretrizes costumes seguidos pela comunidade desde o início da obra no Brasil:

1. Ter os homens cabelos crescidos (1 Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes;
2. As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1 Tm 2.9, 10);
3. Uso exagerado de pintura e maquiagem – unhas, tatuagens e cabelos- (Lv 19.28; 2 Rs 9.30);
4. Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica (1 Co 11.6, 15);
5. Mal uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone (1 Co 6.12; Fp 4.8); e
6. Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv 20.1; 26.31; 1 Co 6.10; Ef. 5.18).

Esses princípios determinam um conjunto de normas que são rigorosamente seguidas pelos que ali congregam, fazendo com que eles se identifiquem entre si e estabeleçam uma diferenciação social entre os demais.

São normas reconhecidas mesmo pelos não integrantes do grupo que definem a roupa discreta e as atitudes sociais com base em princípios reservados como uma identidade peculiar dessa afiliação religiosa, constituindo uma de suas características mais marcantes.

Observamos que os novos convertidos logo procuram se adequar a essas normas como forma de se inserir no grupo existindo para esse fim um comércio visando atender à demanda criada. (Fotos 31, 32, 33 e 34).



Foto 31: Fiéis na CAFR



Foto 32: Loja de roupa p/ evangélicos



Foto 33: Fieis no culto religioso



Foto 34: Artigos para evangélicos

Essas normas internalizadas pelo grupo são aceitas no momento do batismo quando o fiel aceita outros princípios basilares da instituição; a oração através de línguas estranhas (glossolalia) e a breve volta do Cristo.

São os princípios que norteiam seus hábitos fazendo com que os integrantes da comunidade os tenham como norma diária. Os símbolos os fazem lembrar/confirmar o compromisso/aliança feita por ocasião de seu ingresso na instituição.

Nesse sentido, passamos a analisar a dinâmica interna da IEAD como forma de identificar a contribuição que a religiosidade estabelece, através da manipulação de seus símbolos, para formação do ser social determinando seu comportamento e forma de atuação na comunidade.

O prédio da IEAD-Mangabeira, seguindo esse padrão, está implantado em um lote de esquina e, de acordo com a tipologia predominante na rua possui apenas um pavimento. Dentro dele, um salão principal com amplas portas voltadas para a rua que permanecem sempre abertas, possibilitando a consulta das informações sobre as atividades desenvolvidas na igreja, o horário de funcionamento e a escala dos dirigentes de cada grupo. Ao fundo do salão, localizam-se os banheiros, copa, secretaria e uma sala ampla onde são desenvolvidas atividades de usos diversificados.

Dentre as atividades desenvolvidas na IEAD destacam-se: a Escola Bíblica e o Culto Principal, ambos realizados aos domingos. A Escola Bíblica, realizada nas manhãs de domingo, é dividida por classes de crianças, adolescentes, jovens e adultos, de acordo com a faixa etária. Tem por objetivo a formação religiosa dos membros da igreja através de aulas seqüenciadas, seguindo uma programação pré-estabelecida durante todo o ano através da revista Lições Bíblicas.

Os cultos dominicais, realizados à noite, seguem determinada liturgia permeada por cânticos²⁰ apresentados por diversos corais. É nesse momento que toda a comunidade religiosa está reunida.

É um momento de celebração em que todos vêm ao culto com suas melhores roupas. Trazem os demais integrantes da família, aqueles que não congregam na igreja, amigos são convidados. Essas pessoas normalmente são apresentadas à comunidade relacionando o motivo de sua visita.

Observamos que membros de outras igrejas são convidados a fazer parte da cerimônia, ocupando lugar de destaque no palco e sendo a ele destinado um momento para dirigir o louvor. Na maioria das vezes, o conjunto musical se

²⁰ A música ocupa um lugar determinante dentro da igreja. Quando questionados sobre sua relevância e função foi apontada como sendo o primeiro passo para o ingresso de um membro. Os novos convertidos são convidados a se inserir num coral pois segundo o maestro é a partir desse trabalho onde se inicia a conversão “cantar é uma forma de orar”. A igreja possui diversos corais distos por sexo e idade.

apresenta ²¹ criando uma atmosfera propícia para que a mensagem bíblica seja veiculada. Observamos muita comoção entre os fieis.

Durante a semana, as atividades são realizadas em grupos distintos: o Círculo de Oração, o Grupo de Atividades Sociais, Músicos e Corais, Grupo para Encontro de Jovens e Casais, Grupo das Missões, Departamento da Terceira Idade, entre outros.

Existe uma estrutura hierarquizada de trabalho na qual cada integrante procura contribuir em determinado grupo segundo suas afinidades, existindo uma rotatividade entre os coordenadores/dirigentes designados pelo pastor, figura responsável pela igreja.

Todas as manhãs, a igreja está aberta para receber aqueles que ali chegam, membros ou não da igreja, para participar de um momento de prece em grupo. Quando questionado sobre o objetivo do grupo, foi ressaltada a importância do encontro, do vínculo que se estabelece com os demais, o ouvir e ser ouvido.



Foto 35: Fieis orando



Foto 36: Evangelização

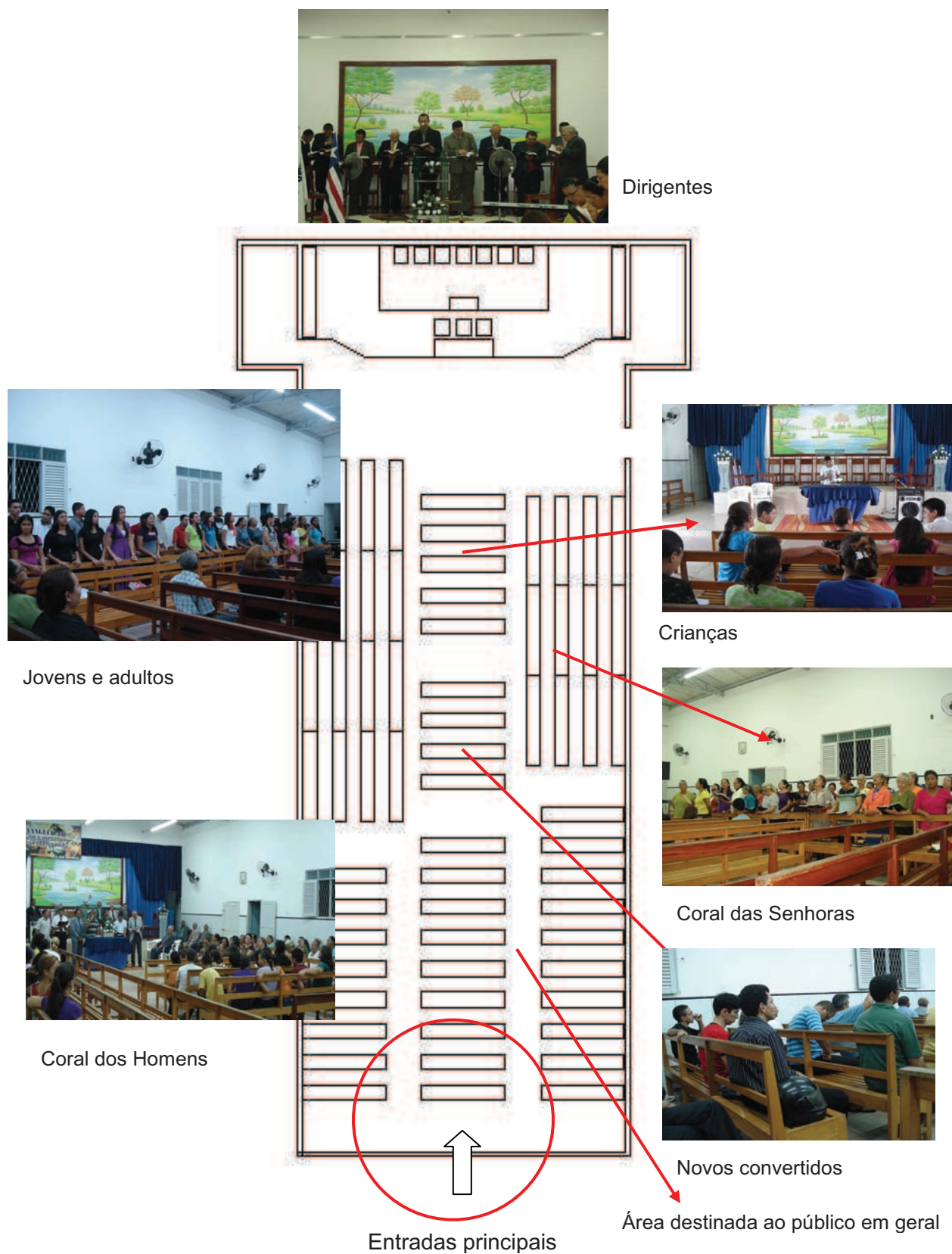
A partir do vínculo de solidariedade criado, algumas dessas pessoas se integram num outra atividade desempenhada pela igreja extrapolando seus limites físicos. Participam de um trabalho social na comunidade evangelizando e distribuindo doações feitas à igreja.

Outras atividades são desempenhadas visando estabelecer um vínculo estreito entre seus membros e a comunidade, entre elas, grupos de jovens, de casais, de terceira idade.

Nos cultos dominicais, os grupos ocupam lugares específicos se posicionando de forma estratégica dentro do templo, conforme observado. (Figura 07).

²¹ A igreja possui dois conjuntos musicais. Um deles normalmente se apresenta nos cultos dominicais enquanto o outro vai para uma igreja em outro bairro.

Figura 07: Planta esquemática da IEAD- Mangabeira I



(Autora, 2009)

Encontram-se localizados na igreja em função do louvor que se processa inicialmente através da música. O coral formado pelas crianças (ambos os sexos) inicia a apresentação e, após sua conclusão, o coral das mulheres se apresenta. Percebemos um momento de muito entusiasmo na igreja, diversas pessoas se manifestam com frases de exaltação, outras entram em transe.

Segue-se a apresentação do coral dos jovens/solteiros, seguido pelo dos recém convertidos. O coral composto por homens finaliza o momento de louvação. A importância dada aos cânticos fica perceptível em função do clima estabelecido após a apresentação dos corais. É um momento de sensibilização e preparação para o sermão que se segue.



Foto 37: Apresentação do coral dos jovens/solteiros

Na IEAD, o louvor (a música) é um elemento estrutural da doutrina (ensinamento). O estilo de vida apontado pela instituição prioriza o louvor a Deus (orar), estar em constante diálogo. Por outro lado, também, é circunstancial/conjuntural, serve para expressar os sentimentos de alegria e de esperança de seus membros congregados diante de Deus.

Ficou evidente na participação das atividades realizadas o elo de familiaridade criado entre os participantes da comunidade. Estabelece-se na igreja, através dos trabalhos desempenhados, a configuração de um espaço de sociabilidade construído através dos vínculos criados.

A igreja se enquadra na categoria de análise do espaço definida por Da Matta (1997) como o espaço “outro mundo”, onde relações de proximidade são construídas, laços de afinidades. Estabelece-se uma categoria de espaço

diferenciado, não é a casa nem a rua, possui atributos de ambas, mas a transcende. O espaço passa a ser confundido com a própria ordem criada nele, a partir de sua rede de relações sociais. A compreensão dessa rede foi possível através do mapeamento dos trabalhos ali realizados.

A igreja transcende seus limites físicos, o “Pedaço” onde se localiza, coerente com os trabalhos realizados quando da sua implantação no bairro. Faz-se presente na “Mancha” através de pregações em espaços públicos como na Praça do Coqueiral e no Mercado Público como exercício de sensibilização e chamamento de fiéis. Cria no espaço da rua o “outro mundo” onde fazem leitura de trechos da bíblia, louvam através da música, distribuindo mensagens bíblicas. (Fotos 38 e 39).



O mito da igreja pentecostal está baseado na volta breve do Cristo articulando, por isso a evangelização constante, o proselitismo, buscando salvar a maior parte dos “irmãos”²², pois através disso também está implícito sua salvação.

Toda uma rede de relacionamento é estabelecida, comércio de objetos religiosos e pregações em áreas públicas, residências, e em demais congregações. E, dentro de um leque de possibilidades, esse movimento cria um determinado ordenamento espacial através do qual a cidade pode ser entendida. No nosso caso específico, através da sua atual paisagem religiosa.

Um dos principais movimentos que a IEAD realiza é a conversão de fiéis através de seu trabalho de evangelização. Em função disso, está estruturada toda sua dinâmica interna.

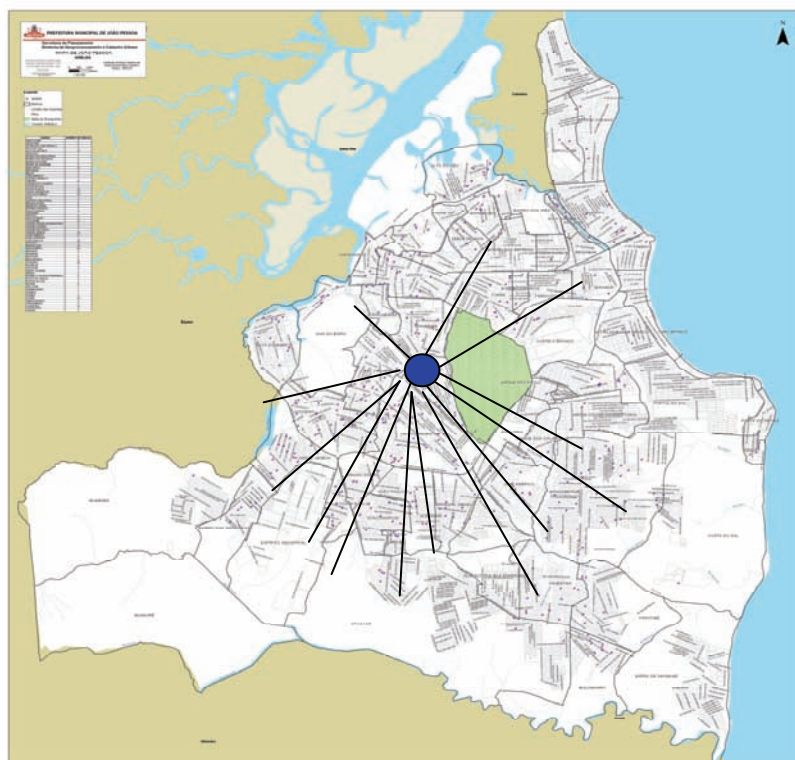
²² O uso da palavra é também um símbolo utilizado pela instituição.

A entrada de um novo membro é efetivada através de seu batismo que é realizado na Igreja Matriz quando ele é apresentado a toda comunidade religiosa, passando a congregar na sua igreja de origem.

Na escala de atividades da IEAD, as segundas-feiras são destinadas ao culto realizado Igreja Matriz e nesse dia todos os membros se encontram. O culto é dirigido pelo pastor representante da IEAD no estado.

Nesse sentido, a Igreja Matriz juntamente com as congregações espalhadas pelos bairros da cidade, resultante da sua dinâmica expansionista no início do século XX, estabelece um ordenamento espacial específico definindo um centro que é ocupado pela Igreja Matriz.

Mapa 05: Esquema da dinâmica da Igreja Evangélica Assembléia de Deus



Fonte: Adaptado do Mapa da PMJP/SEPLAN/DIGEOC (2010)

A paisagem desenhada evidencia a dinâmica religiosa estabelecida pela IEAD, na atualidade, explicitando como se configura no meio urbano, objeto de investigação dessa pesquisa. É realizado um movimento constante das congregações/templos nos bairro e a Igreja Matriz, e, dela, de volta às congregações

nos bairros estabelecendo Trajetos, fluxo no interior das manchas urbanas, segundo categoria de análise do espaço definida por Magnani.

Essa dinâmica estabelece uma rede de sociabilidade, configurando um Circuito pentecostal. Segundo K. D., coordenadora do grupo infantil na Escola Dominical, a organização das congregações/templos para esse trabalho se dá através de seu agrupamento em setores. Alguns setores agregam congregações em função de proximidade, mas a IEAD, devido sua abrangência, representa um único setor, o Gad. (Quadro 14).

Segundo D. K., coordenador do grupo de jovens na escola Bíblica Dominical, a delimitação do espaço religioso na cidade através dos setores se dá representando simbolicamente a organização do povo de Israel, relatada na história de Jacó (Genesis 49). A cada um dos setores é atribuído o nome de uma das tribos de Israel, correspondendo a cada filho de Jacó, segundo relato bíblico.

Quadro 14: Organização dos templos da IEAD por setores

Nº	SETORES	BAIRROS
1	Ruben	Água Fria
2	Simeão	Geisel
3	Judá	Ilha do Bispo
4	Dã	Mandacaru/Ipês
5ª e 5b	Neftali	Indústrias e Ernani Satiro
6	Gad	Mangabeira
7	Aser	Paratibe
8ª e 8b	Issacar	Penha e Bessa
9	Zabulon	Oitizeiro)
10ª e 10b	José	Cristo e Varadouro
11	Benjamin	Cristo Reden. e Boa Esperança

Através dessa setorização das IEAD, correspondendo à espacialização das tribos de Israel quando da formação de seu espaço sagrado, a Terra Santa, percebemos todo um comprometimento simbólico por trás da organização espacial das igrejas na cidade.

A paisagem desenhada evidencia a dinâmica religiosa estabelecida pela IEAD, na atualidade, explicitando como se configura no meio urbano, objeto de investigação dessa pesquisa.

Considerações finais

Finalizar um exercício acadêmico é uma etapa por demais gratificante, tendo em vista que é realizado, a partir do desejo de investigar algo, que nos provoca e impulsiona a vencer desafios, tornando-o instigante para nós. E não pode ser diferente, pois só uma afinidade com o objeto de estudo faz com que nos aventuremos numa empreitada com obstáculos, noites insones, hipóteses a serem confirmadas, mas também de muita satisfação em virtude de encontrarmos respostas para algumas de nossas indagações.

O estudo acerca do tecido urbano sempre esteve ligado a minha atuação profissional, mas, nessa pesquisa, procuramos, dentre os vários modos de ver a cidade, observá-la a partir do viés da religiosidade desvendando fronteiras antes não ousadas.

Partimos de um axioma absorvido quando do início do curso de arquitetura e urbanismo de que os primeiros aglomerados urbanos tenham surgido, a partir da motivação religiosa. Em outras disciplinas, vimos que, nos diversos períodos históricos, a religiosidade enquanto instituição social continuou a ser um elemento determinante na morfologia da mesma. Nesse sentido, procuramos, no momento atual, investigar de que maneira o aspecto religioso e seus símbolos continuam contribuindo para a configuração do espaço da cidade, partindo de outro axioma, de que o espaço e o tempo são construções sociais, diferem apenas em função da cultura.

Os recursos, disponibilizados pelas novas tecnologias, possibilitando diferentes leituras do espaço permitiram proceder ao mapeamento de fenômenos sociais, a exemplo do religioso. Na nossa pesquisa, foi de extrema valia pois concorreu para uma melhor aplicação da metodologia escolhida para análise e categorização do espaço religioso, tendo em vista que possibilitou a identificação dos dados, a partir do local de sua ocorrência, permitindo que o objeto pudesse ser analisado sob a influência de diversas variáveis locais.

A partir do recorte realizado, tendo a cidade de João Pessoa (PB) como objeto de investigação percebemos dois momentos distintos. O primeiro, correspondendo a um período iniciado a partir da implantação da cidade, que se perpetua de modo lento até o final do século XX. Nessa fase, observamos na cidade uma paisagem delineada pela forte presença da Igreja Católica cujo monopólio religioso definia sua organização espacial.

Assim como a estrutura física das cidades, as antigas instituições religiosas sofreram um processo de fragmentação. A partir desse processo, observamos o surgimento de diversos grupos religiosos, expandindo as fronteiras religiosas da cidade em várias direções. O antigo formato com base no monopólio religioso foi cedendo espaço para que outro modelo fosse implantado visando atender às necessidades, gerando um novo modelo de urbanidade.

A elaboração da cartografia simbólica, dentro de sua especificidade de apresentar um aspecto da realidade observada, evidenciou a espacialização atual do fenômeno religioso na cidade, identificando sua área de maior concentração no período delimitado. Também foi destacado seu ponto de referência em área periférica em relação ao antigo centro histórico, enquanto área de maior representatividade do fenômeno analisado, tendo o segmento evangélico/pentecostal se revelado como o mais expressivo.

A escolha da Igreja Evangélica Assembléia de Deus visando à realização da cartografia simbólica se deu a partir da participação da pesquisadora nas suas atividades dessa afiliação religiosa, tendo a mesma se apresentado como representativa da dimensão religiosa na atualidade. Foi possível identificarmos uma rede de relações sociais constituída e mantida através de seus símbolos e práticas, as quais se irradiam no espaço urbano, convergindo para um ponto central, como forma de reafirmação das alianças feitas entre seus membros.

Observamos que o arcabouço simbólico em torno do qual se estabelecem as relações e vínculos sociais da igreja se encontram materializados nas suas formas concretas, seus templos e na maneira como se espacializam na malha urbana. Tal modelo visa à delimitação de um espaço religioso, através do qual a cidade pode ser entendida. Por fim concluímos que, da mesma forma como em épocas passadas, a dimensão religiosa, as práticas e representações atinentes aos seus grupos, continuam contribuindo para delinear contornos específicos do espaço urbano.

Referências

- AGUIAR, Wellington. **Cidade de João Pessoa**. A memória do tempo. João Pessoa, 3ª ed. 2002.
- BENÉVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2003.
- BERGER, Peter Ludwig. **O Dossel Sagrado**. São Paulo: Paulus, 1985.
- CÂMARA, G.; MONTEIRO, A. M. V.; MEDEIROS, J. S. Fundamentos do Geoprocessamento. In: **Fundamentos Epistemológicos da Ciência da geoinformação**. Disponível em: <http://www.dpi.inpe.br/gilberto/livro/introd/cap5-epistemologia.pdf> . Acesso em: 10 abr. 2009.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. SP: Palas Athena, 1990.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARVALHO, Juliano. Desenhando textos: produção de fontes para a história da cidade e do território através da síntese gráfica. In **Visões Urbanas**. Cadernos PPG-AU/FAUFBA/Universidade da Bahia. Francisco de Assis Costa (org.). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ano7, número 1, 2008.
- CARVALHO, Juliano et al. **Para além da dicotomia Cidade Alta/ Cidade Baixa: um estudo historiográfico da forma urbana em João Pessoa (PB)**. XI Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR. Anais, 2005.
- CASANOVA, M. A. et al. **Banco de Dados Geográficos**. 1ª Edição - Curitiba Ed. MundoGeo, 2005.
- COSTA, Francisco de Assis. **Síntese gráfica: funes, el memorioso, e o Colégio de Cartógrafos do Império**. Drops. N. 10, mar.2005. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/drops/drops10_06.asp . Acesso em: 16 nov. 2009.
- COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. Lisboa: Clássica, (sem data) s / d.
- DIAS, Genebaldo Freire. **Pegada ecológica e sustentabilidade urbana**. São Paulo: Gaia, 2002.
- DA MATTA, Roberto. **A Casa e a Rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa**. Paulus, 1989.

_____. **As Regras do Método Sociológico**. Nacional, 2001.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FILORAMO, Giovanni e PRANDI, Carlo. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FITZ, Paulo Roberto. **Cartografia Básica**. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.

GRAEFF, Edgar de Albuquerque. **Cidade utopia**. Belo Horizonte: Vega, 1979.

GRUPO HISTÓRIA VIVA DE MANGABEIRA. **Mangabeira: uma história viva!** João Pessoa: Gráfica Mangabeira, 2006.

GRUPO WHOQOL (World Health Organization Quality of Life),1994. **Instrumentos de Avaliação de Qualidade de Vida (WHOQOL)**. UFRGS/Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal - Grupo de Estudos em Qualidade de Vida. Divisão de Saúde mental.. Disponível em <http://www.ufrgs.br/psiq/whoqol1.html#3> . Acesso em: 31 agost 2009.

HOUTART, François. **Sociologia da Religião**. São Paulo: Ática, 1994.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARAIBANO/IHGP. **O Século XX – da cidade da Paraíba à cidade de João Pessoa**. Revista Era Nova. 1925.

JOHANSSON JUNIOR, Ary Osiris. **Cartografia Básica**. UNIFAP, 2001. Disponível em: <http://www.cartografia.eng.br/artigos/ncarto02.asp>. Acesso em: 12 nov. 2009.

KAWAKAME, Patrícia Moita Garcia; MIYADAHIRA, Ana Maria Kazue. **Qualidade de vida de estudantes de graduação em enfermagem. Dissertação “Validação do Quality of Life Index de Ferrans e Powers para estudantes de graduação em Enfermagem”**. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), 2001. VER WHOQOL

LEITE, Marcos Esdras. **Geoprocessamento aplicado ao estudo do espaço urbano : o caso da cidade Montes Claros / MG** - 2006. 106 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Disponível em http://www.ig.ufu.br/posgrad/disserta/2006/marcos_esdras.pdf. Acessado em 27.02.2009. Acesso em: 12 out 2009.

LAVIERI, Beatriz e LAVIERI, João. “Evolução urbana de João pessoa pós-60”. In GONÇALVES, Regina Célia, LAVIERI, Maria Beatriz Ferreira, LAVIERI, João e RABAY, Glória (Orgs.). **A questão urbana na Paraíba**. Coleção História Temática da Paraíba, v. 3. Ed. Universitária / UFPB, 1999. pp. 39-65.

LEMOS, Niedja de A. B. **Bacia Hidrográfica Urbanizada e degradação Ambiental: o alto vale do rio Jaguaribe**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em desenvolvimento e meio Ambiente. 2005.

MACHADO, Nilson José. **Notas sobre a idéia de mapas**. In Seminários de Estudos em Epistemologia e Didática (SEED). Universidade de São Paulo/Faculdade de Educação/Programa de Pós-Graduação em Educação. 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. Rio de Janeiro: forense Universitária, 2006

MAGNANI, José Guilherme C. **Mystica Urbe: um ensaio antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade**. São Paulo. Studio Nobel- (Coleção Cidade Aberta), 1999.

MAGNANI, José Guilherme C. e TORRES, Lillian de Lucca (orgs). **Na metrópole – textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP, 2008.

MARRAMAO, Giacomo. **Paz e Terra**. São Paulo: Unesp, 1997.

MIELE, Neide. Religiões: múltiplos territórios. In MIELE, Neide (org.). **Religiões: múltiplos territórios**. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2007.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexandre; LOTUFO NETO, Francisco; KOENING, Harold G. **Religiousness and mental health: a review**. . Revista Brasileira de Psiquiatria, 2006: 28(2):242-250. ISSN 1516-4446.

MOURA Filha, Maria Bertilde. **O cenário da vida urbana: a definição de um projeto estético para as cidades brasileiras na virada do século XIX / XX**. João Pessoa: CT / Editora Universitária / UFPB, 2000. (p.217)

OLIVEIRA, Céurio de. **Dicionário Cartográfico**. IBGE, 1980.

OLIVEIRA, J. L. A. de. **Uma contribuição aos estudos da relação transporte e crescimento urbano: o caso de João Pessoa-PB**. João Pessoa: Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana – PPGEU – UFPB, (2006). 187 p.

OLIVEIRA, F. L. de. **O Campo da Sociologia das Religiões: secularização versus a “Revanche de Deus”**. Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis. Florianópolis, v.2, nº 2, 2005. Acesso Em 10 de setembro de 2008. Disponível em <http://www.ufrgs.br/psiq/whoqol1.html#tab1> . Acesso em: 31 agost. 2009.

OLIVEIRA, Renata. **Por uma Boa Notícia**. In Revista ENFOQUE. Edição especial. Nº 49/2008 . www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=49&materia=103 Acesso: abril, 2010.

ORTIZ, Renato (org.). **BOURDIEU**– Coleção Grandes Cientistas Sociais. Nº 39. São Paulo: Ática, 1983.

PORTELLA, Rodrigo. **Religião, Sensibilidades Religiosas e Pós-Modernidade: da ciranda entre religião e secularização**. Revista de Estudos da Religião-REVER. PUCSP. ISSN 1677-1222.

PARAIBA. Prefeitura Municipal de João Pessoa/Secretaria de Planejamento. **Cidade de João Pessoa – Um Diagnóstico da Condição Atual**. Diretoria de Geoprocessamento e Cadastro Técnico, 2009.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Antropologia social da religião**. Rio de Janeiro: Campos, 1978.

PROGRAMA das NAÇÕES UNIDAS para o DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Relatório de Desenvolvimento Humano**, 1999. Disponível em <http://www.pnud.org.br/pnud/> . Acesso em: 13 nov. 2009.

QUEIROZ, José J; GUEDES, Maria Luiza; OLIVEIRA, Adelino Francisco de. **Pós-modernidade, linguagem e religião. Uma contribuição para a caracterização das identidades religiosas no panorama histórico contemporâneo**. Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História. Ano 1 - 2008.

QUEIROZ, José J. 2006. **Deus e Crenças Religiosas no Discurso Filosófico Pós-moderno. Linguagem e Religião**. REVER – Revista de Estudos da Religião. N.2 / 2006/ pp. 1-23. www.pucsp.br/rever. **PESQUISAR** Acesso em:

RIBEIRO, Jorge Claudio. **Georg Simmel, Pensador da Religiosidade Moderna**. REVER – Revista de Estudos da Religião. n.2 / 2006/ pp. 109-126. www.pucsp.br/rever.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

RODRIGUES, Walfredo. **Roteiro sentimental de uma cidade**. 2 Ed. João Pessoa: A União, 1994.

RODRIGUEZ, Janete. **Acumulação de Capital e Produção do Espaço Urbano: o Caso da Grande João Pessoa**. João Pessoa, Editora Universitária / UFPB, 1980.

_____. “Evolução e problemas sociais na cidade de João Pessoa”. In MELO, José Octávio de Arruda e RODRIGUES, Gonzaga (Orgs.). **Paraíba, Conquista, Patrimônio e Povo**. Campina Grande: Grafset, 1993. pp. 182-187.

ROSENDHAL, Zeny. **Geografia da Religião: uma proposição temática**. GEOUSP. Revista Espaço e Tempo, São Paulo, n. 11, pp.9-19, 2002.

SANCHEZ, Wagner Lopes. **Pluralismo religioso: as religiões no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2005.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In CORREA, Robert Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. pp. 12-74.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Alex da. E GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Geografia da Religião a Partir das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer: Um Estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil**. *REVER* – Revista de Estudos da Religião. Junho- Ano 09 - 2009. INSS1677 – 1222.

SILVEIRA, J. A. R. **Percursos e processo de evolução urbana – o caso da avenida Epitácio Pessoa na cidade de João Pessoa**. Tese de doutorado– MDU/UFPE , (2004). 312 p.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In VELHO, Otávio Guilherme. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. (11-25).

SPOSATI, Aldaíza. **Mapa da Exclusão/Inclusão Social**. Centro de Estudos da Metrópole. Revista Eletrônica DIVERCIDADE , nº18. (Outubro 2008 a março 2009). Disponível em <http://www.centrodametropole.org.br/divercidade/numero18/10.html>. Acesso em: 30 set. 2009.

STAM, Gilberto. **Cartografia do Invisível**: mapeando dinâmicas sociais. Centro da Metrópole. Revista Eletrônica DIVERCIDADE, nº 18. (Outubro 2008 a março 2009). Disponível em <http://www.centrodametropole.org.br/divercidade/numero18/1.html>. Acesso em: 16 set. 2009.